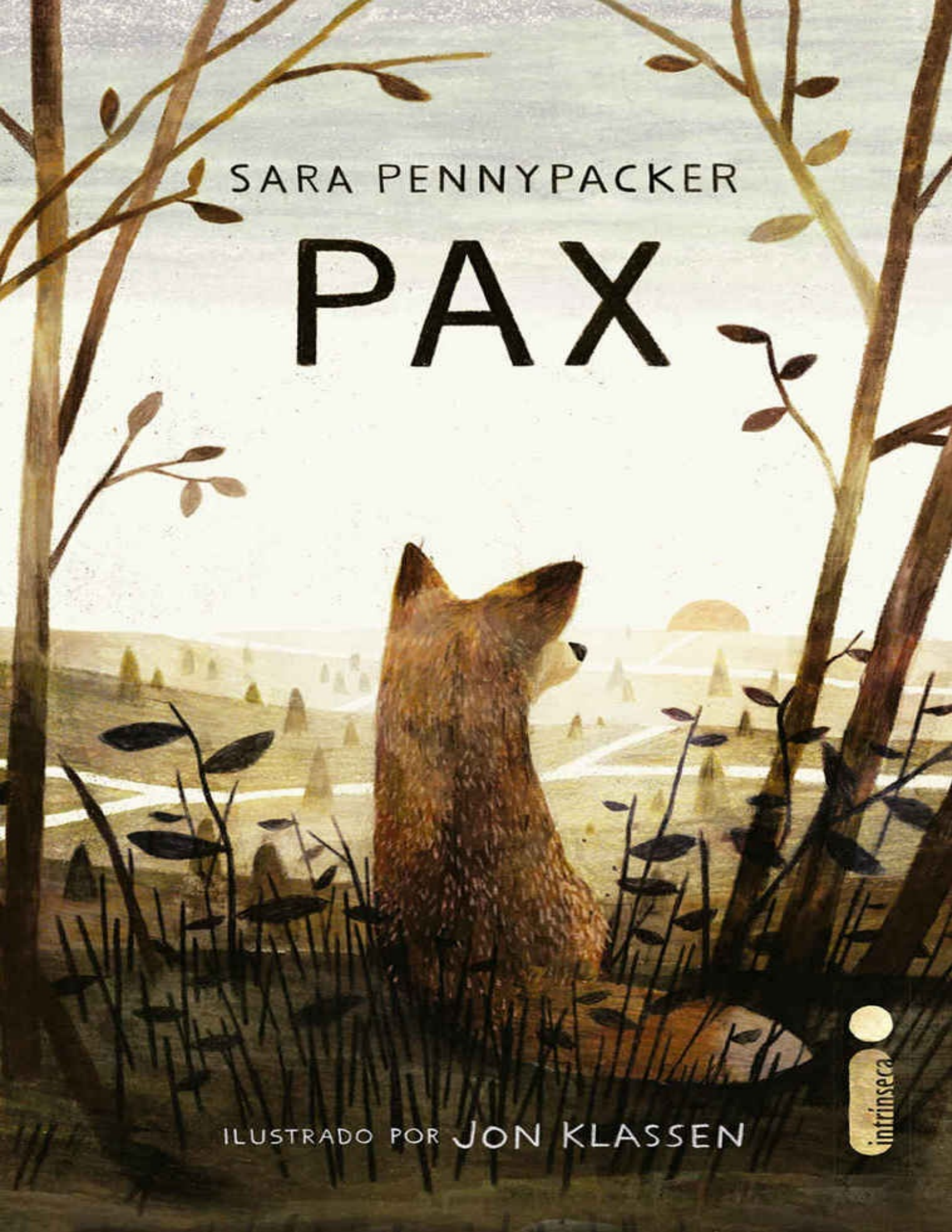

SARA PENNYPACKER
PAX
ILUSTRADO POR JON KLASSEN
intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SARA PENNYPACKER

PAX

ILUSTRADO POR

JON KLASSEN

Tradução de Regiane Winarski



Nota da autora: a comunicação entre raposas é um sistema complexo de vocalização, gestual, aromas e expressões. Os "diálogos" em itálico nos capítulos de Pax são uma tentativa de traduzir essa eloquente linguagem.

Copyright do texto © 2016 by Sara Pennypacker
Copyright das ilustrações © 2016 by Jon Klassen
Ilustração de capa © 2016 by Jon Klassen

TÍTULO ORIGINAL
Pax

PREPARAÇÃO
Luiza Côrtes

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Juliana Werneck

ARTE DE CAPA
Dana Fritts

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

ADAPTAÇÃO DE IMAGENS
ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Vanessa Goldmacher

E-ISBN
978-85-510-0023-6

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

1. A raposa sentiu o carro reduzir...
2. — Então ele tinha muitos.
3. Pax sentia fome e frio...
4. Não procurar a lanterna do avô...
5. Este território é meu.
6. Peter identificou os sons...
7. Pax se retorceu todo...
8. O som que Peter mais amava no mundo...
9. Vinham da floresta...
10. Peter parou junto ao muro...
11. Meu irmão nasceu na segunda ninhada...
12. — Você vai entrar...
13. Quando Pax acordou...
14. Peter reconheceu os passos...
15. O sol brilhava...
16. — Chega.
17. Pax viu Cinzento...
18. Peter soltou a barra...
19. Arrepiada tinha ido atrás de Pax...
20. Peter esfregou o cabo do formão...
21. De um arbusto não muito distante...
22. Peter acendeu os quatro lampiões grandes...
23. O brilho do luar atravessava as árvores...
24. Ao entrar na cozinha...

25. Pax cavou.
26. — Garoto!
27. Pax acordou assustado...
28. Peter caminhou na direção sul...
29. Três ratos tinham deixado Pax de barriga cheia...
30. Peter ficou olhando.
31. Pax chegou à árvore...
32. Peter deixou o pai abraçá-lo.
33. Mais uma vez, Pax pensou ter ouvido a voz...
34. Peter levantou acima da cabeça...

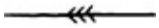
Agradecimentos
Sobre a autora e o ilustrador
Leia também

Para meu agente, Steven Malk,
que disse “Pax”

— *S. P.*



“Não é porque não está acontecendo aqui que não está acontecendo.”





A raposa sentiu o carro reduzir a velocidade antes do menino, pois sentia tudo primeiro. Começando nas almofadinhas das patas, subindo pela coluna até os sensíveis pelos dos pulsos. As vibrações do carro em movimento indicaram que a estrada naquele trecho era mais irregular. A raposa se ergueu no colo do seu menino e farejou os filetes de cheiro que se infiltravam pela fresta da janela: estavam entrando em uma área de bosques. Os odores intensos de pinheiro — madeira, tronco, pinhas e agulhas — rasgavam o ar como lâminas, mas, uma camada abaixo, a raposa identificou os aromas mais suaves de trevos, alho selvagem e samambaia, além de inúmeros outros que nunca havia sentido, mas que carregavam um forte tom de verde.

Então o menino também sentiu algo. Puxou o bichinho de volta para o colo e apertou com mais força a luva de beisebol.

A ansiedade do menino surpreendeu a raposa. Nas poucas vezes que eles viajaram de carro, o menino tinha ficado calmo, às vezes até empolgado. A raposa esfregou o focinho na tela da luva, embora odiasse o cheiro de couro. Seu menino sempre ria disso. Ele apertava a cabeça do bichinho com a luva, brincando de esmagá-lo, e assim se distraía.

Naquele dia, no entanto, o menino ergueu a raposa e afundou o rosto nos pelos brancos de seu pescoço.

Só então a raposa percebeu que seu menino estava chorando. Virou-se para observar o rosto dele, pois queria ter certeza. Sim, chorando — mas sem emitir

som algum, coisa que a raposa não sabia que ele fazia. O menino não derramava lágrimas havia muito tempo, mas a raposa lembrava: antes de chorar, ele sempre gritava, como se exigisse que prestassem atenção à curiosa água salgada que brotava dos olhos.

A raposa lambeu as lágrimas do menino e ficou ainda mais confusa: não havia cheiro de sangue. Contorcendo-se, saiu dos braços dele para examinar seu humano com mais atenção. Teve medo de não ter notado algum ferimento, embora seu olfato nunca se enganasse. Não, não tinha sangue; nem mesmo um hematoma.

O carro fez uma curva para a direita, e a mala ao lado deles se deslocou. Pelo cheiro, a raposa sabia que ali estavam as roupas e os objetos de maior apego do menino: a foto que ficava sobre a cômoda do seu quarto e os itens que ele escondia na última gaveta. Com a pata, a raposa mexeu em uma ponta da mala, tentando abri-la o suficiente para que o nariz fraco do menino sentisse os cheiros de seus itens preferidos e ele se sentisse reconfortado. Justamente nessa hora o carro desacelerou de novo, até um rastejar rosnado. O menino se debruçou para a frente, escondendo o rosto nas mãos.

A raposa sentiu os batimentos cardíacos acelerarem de repente e os pelos fartos da cauda se eriçarem. O cheiro de metal queimado da roupa nova que o pai do seu menino usava fazia a garganta arder. A raposa pulou para a janela e a arranhou. Às vezes, quando estavam em casa, seu menino erguia o vidro quando o bichinho fazia aquilo. Sempre o ajudava a se sentir melhor.

Dessa vez, porém, o menino apenas o puxou de volta para o colo e disse algo em tom de súplica ao pai. A raposa, que já tinha aprendido o significado de muitas palavras humanas, ouviu o menino usar uma das que conhecia: NÃO.

Geralmente, a palavra “não” vinha ligada a um dos únicos dois nomes que a raposa conhecia: o seu próprio e o do seu menino. Prestou bastante atenção, mas naquele momento foi só o “NÃO”, suplicado ao pai várias e várias vezes.

O carro pendeu para a direita após parar com um tremor, erguendo uma nuvem de poeira ao lado da janela. Mais uma vez, o pai esticou a mão por cima

do banco e, depois de dizer alguma coisa ao filho com uma voz dócil que não combinava com seu forte aroma de mentira, pegou a raposa pelo pescoço macio.

Seu menino não o impediu, então a raposa também não fez nada. Deixou-se levar, inerte e vulnerável, pela mão do homem, embora, por medo, desse umas mordidinhas. Não era agora que desagradaria seus humanos. O pai abriu a porta do carro e caminhou pelo chão de cascalho e grama batida até a entrada do bosque. O menino também saiu do carro e foi atrás.

Logo que o pai do menino a colocou no chão, a raposa correu para longe dele. Então encarou seus dois humanos. Já tinham quase a mesma altura, reparou, com surpresa. O menino havia crescido bastante nos últimos tempos.

O pai apontou para o bosque. O menino olhou para ele por um bom tempo, as lágrimas voltando. Por fim, secou o rosto com a gola da camiseta e concordou com a cabeça. O menino pegou do bolso um velho soldadinho de plástico, o brinquedo preferido da raposa.

A raposa entrou em alerta, pronta para a brincadeira: o menino jogava o brinquedo e a raposa o encontrava — um feito que sempre impressionava o menino. Com o soldadinho entre os dentes, a raposa aguardava ser encontrada, quando o menino recuperava o brinquedo e o jogava de novo.

Como sempre, o menino ergueu o soldadinho bem alto e o jogou no bosque. O alívio — tinham ido até ali só para brincar! — deixou a raposa descuidada. Entrou correndo no bosque sem nem olhar para seus humanos. Se tivesse olhado, teria visto o menino se afastar do pai, as mãos no rosto, e teria voltado. Teria oferecido a seu menino aquilo de que ele precisasse — proteção, distração, afeto.

Mas não: foi atrás do brinquedo. Daquela vez foi um pouquinho mais difícil que o habitual, pois havia muitos outros odores no bosque, odores mais frescos. Mas só um pouquinho, pois o cheiro do seu menino estava no brinquedo. E esse cheiro a raposa encontraria em qualquer lugar.

O soldadinho estava caído com o rosto para baixo na raiz nodosa de uma árvore, como se tivesse se jogado ali em desespero. O rifle que o soldado apertava contra o rosto estava enterrado até o cabo no meio de folhas secas. A

raposa ajeitou o brinquedo com o focinho, pegou-o na boca e se ergueu nas patas traseiras, pronta para que seu menino a encontrasse.

Na quietude do bosque, os únicos movimentos eram da luz que atravessava o toldo formado pela copa das árvores — os raios de sol cintilando como vidro verde. A raposa se esticou ainda mais. Nem sinal do seu menino. Um arrepio de preocupação percorreu sua coluna. Largou o brinquedo e guinchou. Nada aconteceu. Guinchou de novo, e mais uma vez teve como resposta apenas o silêncio. Se aquilo era uma brincadeira nova, não estava gostando.

A raposa pegou o soldadinho de brinquedo e resolveu voltar, tomando o mesmo caminho pelo qual viera. Quando estava saindo do bosque, viu um pássaro azul voando, gritando. A raposa ficou paralisada, dividida.

Seu menino estava esperando para continuar a brincar. Mas… pássaros! A raposa passava horas e horas observando pássaros de dentro do cercado e tinha arrepios de prazer ao vê-los cortando o céu de forma tão inconsequente quanto os relâmpagos que via nas noites de verão. Sempre ficava fascinada com a liberdade que via no voo deles.

O pássaro gritou de novo. Dessa vez, o som veio do meio do bosque e recebeu um coral de respostas. A raposa hesitou por mais um instante, espiando o bosque à procura de outro sinal da manchinha azul que voava.

Foi quando ouviu, atrás de si, uma porta de carro sendo fechada, depois outra. A raposa partiu a toda, sem se importar com os espinheiros que arranhavam seu rosto. O motor do carro ganhou vida com um rugido. A raposa parou de súbito, na beira da estrada.

Seu menino baixou o vidro da janela e esticou os braços para fora. Quando o carro partiu, cantando pneu e erguendo no cascalho uma nuvem de poeira, o pai gritou o nome do menino:

— *Peter!*

E o menino gritou o outro único nome que a raposa conhecia:

— *Pax!*



— *Então ele tinha* muitos. — O próprio Peter sabia como aquilo soava bobo, mas mesmo assim repetiu: — Muitos.

Ele passou o dedo pela pilha de soldadinhos de plástico dentro da velha lata de biscoitos, todos idênticos exceto pelas poses: uns de pé, alguns apoiados em um dos joelhos, outros deitados, mas todos com um rifle apoiado na bochecha verde-oliva.

— Sempre achei que ele só tivesse aquele.

— Não. Eu vivia pisando nesses soldadinhos. Ele devia ter centenas. Um batalhão.

O avô riu da própria piada involuntária, mas Peter não. O menino virou a cabeça para a janela e ficou olhando com atenção para fora, como se tivesse acabado de ver algo diferente no quintal já quase às escuras. Ergueu a mão para passar os nós dos dedos pelo contorno do maxilar, exatamente como o pai fazia, raspando de leve a barba por fazer, e limpou discretamente as lágrimas que transbordaram. Ele só podia ser um bebê mesmo, para chorar por uma coisa daquelas!

Aliás, por que estava chorando? Tinha doze anos e fazia séculos que não derramava uma lágrima sequer. Não tinha chorado nem ao fraturar o polegar pegando o arremesso de Josh Hourihan sem luva. Doera muito na ocasião, mas ele aguentou a dor com palavrões enquanto esperava com o treinador para tirar uma radiografia. Tinha que ser homem. Mas hoje... *duas vezes*.

Peter pegou um soldadinho da lata de biscoitos e se lembrou do dia em que

encontrara um igualzinho na mesa do pai.

“O que é isso?”, perguntara ele, erguendo o brinquedo.

O pai pegou o soldadinho, a expressão se suavizando.

“Hum. Faz muito tempo. Era meu brinquedo preferido quando eu era criança.”

“Posso ficar com ele?”

O pai jogou o soldadinho de volta para Peter.

“Claro.”

O menino o colocou no parapeito da janela ao lado da cama, o rifle de plástico apontado para fora em uma satisfatória demonstração de defesa, mas não se passou nem uma hora e Pax o pegou. Peter riu. Assim como ele, Pax tinha que ficar com o soldadinho.

Peter largou o brinquedo de volta na lata e estava prestes a colocar a tampa quando viu ali no meio a ponta de uma foto amarelada.

Ele puxou a foto. Era do seu pai, talvez aos dez ou onze anos, com um dos braços em volta de um cachorro. Peter achou que era uma mistura de collie com umas cem outras coisas. Parecia um bom cão, do tipo que lembramos para contar aos nossos filhos.



— Eu nunca soube que papai teve um cachorro — disse ele, estendendo a foto para o avô.

— Duke. A criatura mais burra que já nasceu. Sempre no meio do caminho. — O avô olhou para a foto com mais atenção e depois para Peter, como se estivesse vendo algo pela primeira vez. — Você tem o mesmo cabelo preto do seu pai. — Ele passou a mão pela penugem grisalha que circundava o alto da cabeça. — Eu também tinha, muito tempo atrás. E, olhe, ele também era magrelo, assim como você, assim como eu, e com orelhas de abano. Os homens da nossa família… acho que é como diz o ditado: as maçãs não caem longe da árvore, não é mesmo?

— É.

Peter forçou um sorriso, mas não durou muito. *No meio do caminho.* O mesmo que o pai tinha dito.

"Não tem como seu avô ficar com essa raposa, toda hora no meio do caminho. Ele já tem certa dificuldade em caminhar. Você também, preste atenção, porque ele não está acostumado a ter uma criança por perto."

— Bem, quando veio a guerra, eu também servi, como meu pai. E, agora, como o seu. O dever chama, e nesta família nós respondemos ao chamado. Não, senhor, as maçãs não caem longe da árvore. — Ele devolveu a foto. — Seu pai e aquele cachorro… Eles eram inseparáveis. Eu tinha esquecido isso.

Peter colocou a foto de volta na velha lata de biscoitos, fechou bem a tampa e a empurrou para debaixo da cama, onde a tinha encontrado. Olhou pela janela de novo. Não podia arriscar falar de animais de estimação naquele momento. Não queria saber de dever. Muito menos queria ouvir sobre maçãs, sempre à sombra das árvores que pairavam inclementes acima.

— As aulas aqui começam que horas? — perguntou ele, sem se virar.

— Oito. Pediram que você chegasse cedo, para se apresentar à professora. Sra. Mirez ou Ramirez… alguma coisa assim. Já arranjei alguns materiais para você.

O avô entregou a ele um caderno de espiral, uma garrafinha térmica velha e

alguns cotocos de lápis presos com um elástico grosso.

Peter foi até a mesa e guardou tudo na mochila.

— Obrigado. Pego um ônibus ou vou a pé?

— A pé. Seu pai estudou naquela escola e ia a pé. É só seguir a Ash até o final e virar à direita na Rua da Escola e você vai ver: um prédio grande de tijolinhos. Rua da Escola, entendeu? Saindo às sete e meia, dá tempo de sobra.

Peter assentiu. Queria ficar sozinho.

— Entendi. Então, tá. Acho que vou dormir.

— Ótimo — respondeu o avô, sem se dar ao trabalho de disfarçar o alívio, e saiu, fechando a porta com firmeza, como se dissesse: *Você pode até ficar neste quarto, mas o restante da casa é meu.*

Peter se aproximou da porta e ouviu o avô se afastar. Depois de um minuto, escutou o ruído de pratos na pia. Imaginou o avô na cozinha apertada em que haviam jantado um ensopado, a cozinha em que o cheiro de cebola frita era tão forte que ficaria entranhado ali até muito depois de o avô morrer. Mesmo se uma dezena de famílias a limpasse ao longo de um século, aquela casa ainda teria cheiro amargo. Peter ouviu os passos arrastados do avô cruzando o corredor rumo ao quarto, depois o leve ruído elétrico da televisão ao ser ligada, o volume diminuindo, um agitado comentarista de notícias quase inaudível. Só então tirou os tênis e se deitou na cama estreita.

Seis meses, talvez mais, morando ali com um avô que parecia sempre prestes a explodir. Certa vez, anos antes, Peter perguntara ao pai com que o avô se irritava tanto.

“Com tudo. Com a vida”, respondera o pai. “Ele piorou depois que sua avó morreu.”

Peter notava que o pai vivia em constante tensão desde que a mãe morrera. No começo, houve apenas um silêncio assustador, mas, com o tempo, o rosto dele foi endurecendo até assumir uma permanente ameaça de expressão desgostosa. As mãos estavam sempre fechadas com força, como se ele torcesse para que alguma coisa o fizesse explodir.

Peter aprendeu a evitar se tornar essa coisa. Aprendeu a ficar fora do caminho do pai.

O cheiro de gordura velha e de cebola se insinuou até ele, escorrendo das paredes e até da cama. Ele abriu a janela.

Uma brisa de abril muito gelada entrou no quarto. Pax nunca tinha ficado sozinho lá fora, exceto no cercado. Peter tentou tirar da memória a última imagem que tinha de sua raposa. Pax não devia ter seguido o carro por muito tempo, mas a lembrança do bichinho se deixando ficar no acostamento de cascalho, confuso, era pior.

Peter sentia as emoções se agitando. Durante todo o dia, por todo o percurso até ali, a ansiedade vinha se revolvendo, se enroscando dentro dele como uma cobra — só esperando para dar o bote, para rastejar pela coluna, sibilando a provocação de sempre: *Você não está onde deveria estar. Alguma coisa ruim vai acontecer, porque você não está onde deveria.*

Peter rolou para a borda do colchão, puxou a lata de biscoitos de sob a cama e pegou a foto: o pai com o braço em volta do cachorro preto e branco, como se nunca tivesse tido medo de perdê-lo.

Inseparáveis. Não escapara ao menino o tom de orgulho do avô ao dizer isso. Claro que ele tinha orgulho: havia criado um filho que sabia o que era lealdade e responsabilidade. Um filho que sabia que um menino e seu animal de estimação devem ser inseparáveis. De repente, a palavra em si pareceu a Peter uma acusação. Ele e Pax: o que eram, então? Separáveis?

Não. Às vezes, na verdade, Peter tinha a estranha sensação de que ele e Pax eram um só. A primeira vez foi quando ele o levou, ainda filhote, para passear. Pax viu um pássaro e começou a forçar a coleira, tremendo como se estivesse recebendo uma carga elétrica. E Peter viu a ave pelos olhos de Pax: o incrível voo veloz como um raio, em liberdade e velocidade absurdas. Peter sentiu a própria pele se inflamar, o corpo inteiro tomado por arrepios, os ombros ardendo como se ansiassem por asas.

E tinha acontecido de novo naquela tarde. Sentira o carro se afastando como

se fosse ele a ficar para trás. Em pânico, seu coração tinha disparado.

As lágrimas arderam nos olhos de novo. Peter as limpou, frustrado. Era o certo a fazer, dissera o pai.

“Logo estaremos em guerra. Todos devem fazer sacrifícios. Eu vou ter que servir, é meu dever. E você vai ter que ir embora.”

De certa forma, ele já esperava por isso, é claro. Dois amigos seus já tinham feito as malas e partido com a família quando começaram os rumores de evacuação. O que ele não esperava era aquilo… a pior parte.

“E aquela raposa… Bem, já está mesmo na hora de devolvê-la à natureza.”

Um coiote uivou, tão perto que fez Peter pular de susto. Um segundo coiote respondeu, e, depois, um terceiro. O menino se ergueu na cama e fechou a janela, mas era tarde demais: os ganidos e uivos, assim como seus significados, já estavam na cabeça dele.

Peter tinha apenas duas lembranças ruins da mãe. Por outro lado, tinha muitas boas, às quais sempre recorria em busca de consolo, embora tivesse medo de que se apagassem por conta de exposição excessiva. As duas lembranças ruins, ele enterrara bem fundo, e fazia de tudo para mantê-las enterradas. Agora, os coiotes ladravam na mente dele, desenterrando uma das lembranças ruins.

Quando tinha uns cinco anos, Peter encontrara a mãe ao lado de um canteiro de tulipas vermelhas, triste. Metade das tulipas estava intacta, mas a outra metade estava no chão, as flores esmagadas.

“Foi um coelho. Deve achar os talos uma delícia, o diabinho.”

Quando anoiteceu, Peter e o pai montaram uma armadilha.

“Não vamos machucar ele, né?”

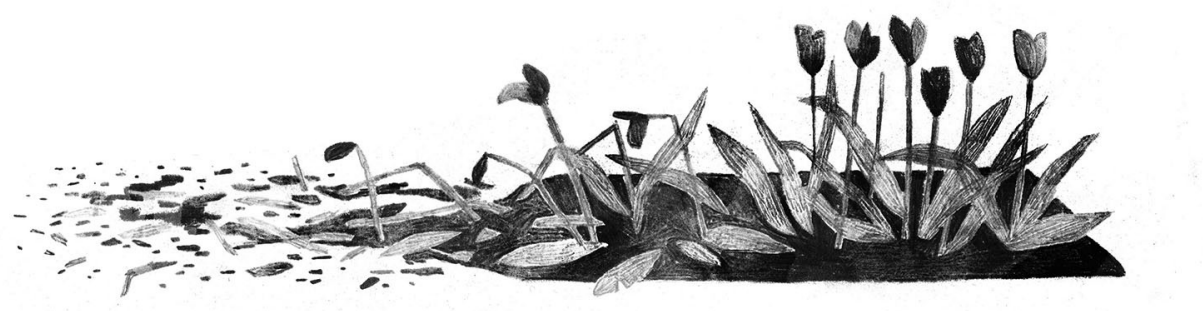
“Não. Vamos só pegá-lo e deixá-lo na cidade vizinha. Ele que coma as tulipas de outro.”

O próprio Peter foi quem colocou a cenoura na armadilha, como isca. Depois, implorou ao pai que o deixasse dormir no jardim, para ficar atento. O pai não deixou, mas o ajudou a programar o despertador para que ele fosse o primeiro a acordar. Quando o alarme soou, Peter correu até o quarto da mãe; queria ele

próprio levá-la para ver a surpresa lá fora.

A armadilha estava caída de lado no fundo de um buraco recém-aberto na terra, com pelo menos um metro e meio de largura. Dentro, um filhote de coelho, morto. Não havia nenhuma marca no corpinho dele, mas a gaiola tinha marcas de mordidas, e todo o solo em volta fora arranhado.

“Coiotes”, disse o pai, se aproximando. “Devem ter tentado entrar e acabaram matando o bichinho de medo. E nem acordamos.”



A mãe abriu a armadilha, pegou o corpinho sem vida e o levou à bochecha.

“Eram só tulipas. Só algumas tulipas.”

Peter encontrou a cenoura com a ponta mordida e a jogou o mais longe que conseguiu. Em seguida, a mãe colocou o filhotinho nas mãos de Peter e foi buscar uma pá. Com o dedo, Peter traçou o contorno das orelhas do bichinho, que se abriram como uma folha de samambaia desabrochando, e as patas, tão minúsculas, e o pelo macio do pescoço, molhado das lágrimas da mãe.

Quando voltou, ela tocou o rosto de Peter, que ardia de vergonha.

— Está tudo bem. Você não sabia.

Mas não estava tudo bem. Depois disso, ele passou um bom tempo vendo coiotes toda vez que fechava os olhos. Revolvendo a terra com as patas, mordendo o ar. Peter se transportava para onde deveria ter estado naquela noite: no jardim, alerta. A todo momento via a si mesmo fazendo o que deveria ter feito: levantando-se, pegando uma pedra e a jogando nos coiotes. Via os predadores fugindo para a escuridão e se imaginava abrindo a armadilha para soltar o coelho.

A lembrança fez a serpente da ansiedade atacar com tanta força que o menino

ficou sem fôlego. Tanto na noite em que os coiotes mataram o coelho quanto agora, Peter não estava onde deveria estar.

Ele respirou fundo e se sentou abruptamente. Rasgou a foto no meio, depois rasgou outra vez, e jogou os pedaços embaixo da cama.

Abandonar Pax *não era* o certo a fazer.

O menino se levantou de um pulo — já tinha perdido muito tempo. Pegou da mala uma calça cargo, uma camiseta de manga comprida com estampa camuflada e um suéter de lã, além de algumas meias e cuecas. Amarrou o suéter na cintura e colocou o restante das roupas na mochila. Um canivete no bolso da calça. Carteira. Hesitou por um minuto, decidindo entre as botas e os tênis; escolheu as botas, mas não as calçou.

Olhou ao redor, torcendo para encontrar uma lanterna ou qualquer coisa que servisse como equipamento de camping. Aquele quarto tinha sido do pai de Peter quando garoto, mas estava claro que o avô havia tirado dali todas as coisas dele, deixando apenas alguns livros nas prateleiras. Peter notara a surpresa do avô com a lata de biscoitos encontrada debaixo da cama — um esquecimento. Passou os dedos pelas lombadas dos livros.

Um atlas. Ele o pegou, maravilhado por ter dado aquela sorte, e o folheou até encontrar em um mapa o trajeto que havia feito com o pai.

“São menos de quinhentos quilômetros de distância”, dissera o pai algumas vezes durante o percurso, quebrando o silêncio. “Se eu for liberado um dia, venho visitar você.”

Mas Peter sabia que isso nunca aconteceria. Não havia dias de folga durante a guerra.

Além do mais, a saudade que ele sentia não era do pai.

Então ele notou: a rodovia serpenteava ao redor de uma extensa cadeia de colinas. Se atravessasse direto as colinas em vez de seguir pela rodovia, ele pouparia bastante tempo e ainda reduziria o risco de ser pego. Estava prestes a arrancar a página para levar na viagem quando se deu conta de que não podia deixar uma pista tão óbvia para o avô, então apenas estudou o mapa com muita

atenção e recolocou o atlas na prateleira.

Menos de quinhentos quilômetros. Seguindo pelo atalho, provavelmente já cruzaria mais de cem, então restariam uns trezentos. Se ele conseguisse caminhar ao menos cinquenta por dia, chegaria em uma semana, talvez antes.

Tinham deixado Pax no início da estrada que levava a uma fábrica abandonada. Peter fizera questão de que fosse aquela estrada, porque quase ninguém passava por ali (Pax nunca conhecera o trânsito) e porque havia bosques e campos por toda a área ao redor. Dali a sete dias, ele voltaria e encontraria o bichinho lá, à sua espera. Recusava-se a pensar no que poderia acontecer com uma raposa domesticada nesses sete dias. Não: Pax estaria esperando na beira da estrada, no mesmo ponto em que o haviam deixado. Estaria com fome, claro, e provavelmente com medo, mas estaria bem. Peter o levaria para casa. Ficariam lá, os dois. E, dessa vez, eles que tentassem obrigá-lo a ir embora. *Aquilo* era o certo a fazer.

Ele e Pax. Inseparáveis.

O menino olhou ao redor de novo. Precisou resistir à tentação de simplesmente *sair correndo*, pois não podia se dar ao luxo de esquecer nada. A cama — puxou o cobertor, remexeu nos lençóis e amassou o travesseiro até que desse a impressão de que alguém tinha dormido ali. Abriu a mala, pegou a foto da mãe que, em casa, deixava sobre a cômoda — a que fora tirada no último aniversário dela, segurando no alto a pipa que Peter tinha feito e sorrindo como se nunca tivesse recebido presente melhor — e a enfiou na mochila.

Em seguida, pegou as coisas dela que, em casa, escondia na gaveta da cômoda. As luvas de jardinagem, ainda sujas da terra em que ela mexera pela última vez; uma caixa do chá preferido dela, que já não tinha mais o mínimo cheiro de hortelã; as grossas meias listradas que ela usava no inverno. Tocou cada item, desejando poder levar tudo aquilo de volta para casa, que era o lugar a que pertenciam, mas colocou na mochila, junto com a foto, apenas o menor deles: uma pulseira de ouro com um pingente de fênix esmaltado, que ela usava todos os dias.

Peter observou o quarto uma última vez. Seu olhar se demorou na bola e na luva de beisebol, até, enfim, ir até lá e enfiar ambas na mochila. Não pesavam muito, e ele sabia que ia querer usá-las em casa, sem contar o simples fato de que o faziam se sentir bem. Por fim, abriu a porta devagar e foi de fininho até a cozinha.

Pousou a mochila sobre a mesa de carvalho e, à luz fraca da lâmpada acima do fogão, começou a guardar mantimentos. Uma caixa de passas, um pacote de biscoitos salgados e um pote de manteiga de amendoim já pela metade — manteiga de amendoim faria Pax aparecer de onde quer que estivesse. Da geladeira, pegou um naco de queijo e duas laranjas. Encheu a garrafa térmica e revirou as gavetas até encontrar fósforos, que embrulhou em papel-alumínio. Debaixo da pia, fez duas belas descobertas: um rolo de fita adesiva reforçada e um pacote de sacos de lixo resistentes. Teria sido melhor se fosse lona, mas se contentou com dois sacos e fechou a mochila.

Por fim, pegou uma folha de papel do bloco que ficava ao lado do telefone e começou a escrever um bilhete: QUERIDO AVÔ. Depois de um minuto olhando para aquelas palavras como se fossem de algum idioma estrangeiro, amassou o papel e começou outro. SAÍ CEDO. QUERIA COMEÇAR A ESCOLA COM O PÉ DIREITO. NOS VEMOS À NOITE. Ele também olhou para esse papel por um tempo, perguntando a si mesmo se o recado transmitia a culpa que estava sentindo. Finalmente, acrescentou: OBRIGADO POR TUDO. PETER. Colocou o bilhete embaixo do saleiro e saiu.

Chegando ao caminho de tijolos, vestiu o suéter e se abaixou para amarrar o cadarço das botas. Então, levantou-se e botou a mochila nos ombros. Parou por um momento para olhar em volta. A casa, às suas costas, parecia menor do que quando ele chegara, como se já estivesse ficando para trás. Do outro lado da rua, nuvens deslizavam pelo horizonte e uma meia-lua surgira em pouco tempo, iluminando a estrada que se abria à frente.



Pax sentia fome e frio, mas o que o despertou foi a necessidade de abrigo. Piscou uma vez e recuou um pouco. Ao contrário do que imaginara, o que havia atrás não eram as barras firmes do seu cercado, pois cedeu facilmente, com estalos secos. Quando se virou, deparou-se com o canteiro de asclépias secas onde havia se aninhado algumas horas antes.

Gritou por Peter, mas então lembrou: seu menino tinha ido embora.

Pax não estava acostumado a ficar sozinho. Tinha nascido em uma ninhada de quatro, mas o pai desapareceu antes de os filhotes sequer conhecerem o cheiro dele, e, certa manhã pouco depois disso, a mãe não voltou para casa. Um a um, os irmãos e a irmã morreram, de modo que restou apenas o coração dele a bater no abrigo frio até o menino Peter pegá-lo.

Desde então, sempre que seu menino ia embora, Pax vagueava pelo cercado até ele voltar. E toda noite chorava para entrar na casa, onde podia ouvir seu humano respirando.

Pax amava seu menino, mas, acima disso, sentia-se responsável por ele. Tinha o dever de protegê-lo. Quando não podia cumprir esse papel, a raposa sofria.

Pax se sacudiu para se livrar da chuva que encharcara suas costas à noite e seguiu para a estrada sem nem alongar os músculos doloridos, tentando, a todo custo, encontrar o rastro do cheiro do seu menino.

Não conseguiu; os ventos noturnos tinham varrido completamente os rastros. Porém, entre as centenas de odores que subiam na brisa do amanhecer, encontrou

uma coisa que lembrava a ele seu menino: bolotas. Peter sempre pegava punhados de bolotas para jogar nas costas de Pax, rindo ao vê-lo se sacudir para se livrar delas e depois quebrá-las para pegar a noz. O aroma familiar o atingiu como uma promessa, e Pax correu naquela direção.

As bolotas estavam espalhadas na base de um carvalho derrubado por um raio, não muito longe de onde vira seu menino pela última vez. Ele esmagou algumas, mas só encontrou nozes murchas e mofadas. Então se instalou em cima do tronco caído, os ouvidos atentos para qualquer som que viesse da estrada.

Enquanto esperava, Pax se lambeu até o pelo ficar seco e limpo, encontrando conforto no cheiro de Peter que permanecia ali. Em seguida, voltou sua atenção para as patas dianteiras, limpando com cuidado os muitos cortes nas almofadinhas.

Sempre que estava ansioso, Pax cavava o chão do cercado. Sempre machucava as patas no concreto áspero, mas não conseguia se controlar. Na semana anterior, tinha feito isso quase todos os dias.

Depois que terminou de limpar as patas, encolheu-as embaixo do peito para esperar. Os ruídos da primavera ressoavam na manhã. Tinham assustado Pax durante a longa noite, a movimentação dos animais noturnos fazendo a escuridão ganhar vida, e até o som das árvores — folhas se abrindo, seiva correndo por madeira nova, os pequenos estalos de troncos se expandindo — o assustou várias vezes enquanto ele esperava seu menino voltar. Só quando o amanhecer começou a tingir o céu de prata é que Pax finalmente caiu no sono, ainda assustado.

Naquele momento, no entanto, os mesmos sons o chamavam. Mil vezes ele quase se levantou para investigar os ruídos que atiçavam suas orelhas sensíveis, mas todas as vezes se lembrava do seu menino e se detinha. Os humanos tinham boa memória, eles voltariam àquele local. O problema era que dependiam unicamente da visão — os outros sentidos deles eram muito fracos —, então, se não o vissem quando voltassem, talvez fossem embora de novo. Pax estava decidido a não se afastar da estrada e a resistir às tentações, inclusive ao forte

impulso de seguir na direção que seu instinto lhe dizia que o levaria de volta para casa. Ele ia ficar ali até seu menino aparecer para buscá-lo.

Um abutre cruzava o céu. Um caçador preguiçoso, procurando a forma inerte de alguma carniça. Ao avistar a raposa de pelo vermelho, que, apesar de imóvel, não exalava nenhum indício de decomposição, voou mais baixo para investigar.

Pax entrou em um alerta instintivo ao notar o movimento da sombra em forma de V. Desceu do tronco de um pulo e começou a cavar a terra.

O chão respondeu com um ruído surdo, como um coração a rosnar. Pax se esticou para o alto, já alheio ao perigo que vinha do céu. Da última vez que vira seu menino, sentira vibrações semelhantes, naquela mesma estrada. Ele saiu em disparada pelo acostamento até o ponto exato onde seus humanos o haviam deixado.

As vibrações viraram um rugido. Pax se ergueu nas patas traseiras para que o vissem, mas o barulho não vinha do carro do seu menino. Na verdade, não vinha de um carro. Quando viu o que era, a raposa teve a impressão de que aquilo era tão grande quanto a casa em que seus humanos moravam.

O caminhão era verde. Não o verde vivo das árvores ao redor, mas um verde opaco, a cor que a morte devia usar quando tomava para si aquelas árvores. O mesmo verde opaco do soldadinho de brinquedo que a raposa resgatara entre as asclépias. Fedia a diesel e ao mesmo cheiro de metal queimado que tinha se impregnado na roupa nova do pai do menino. O caminhão passou veloz, levantando uma nuvem de poeira e pedrinhas. Um outro caminhão passou em seguida, e mais outro.

Pax se afastou da estrada. O abutre voou para longe com um único bater de asas.



Não procurar a lanterna do avô: esse foi o primeiro erro da viagem. Após iluminar o caminho por cerca de duas horas, a lua mergulhou atrás de densas nuvens. Peter andou sem direção no escuro por mais uma hora antes de desistir. Abriu as laterais de um dos sacos de lixo para forrar o chão e cortou o outro para vestir como proteção contra a névoa fria. Dormiu ao lado da saída d'água de uma galeria subterrânea, usando a luva de beisebol como travesseiro. Na verdade, seria um grande exagero afirmar que Peter "dormiu", e, quando os primeiros raios de sol tocaram suas pálpebras, ele despertou, com frio e molhado, do pouco descanso que conseguiu.

Pensou logo em Pax. Onde ele estaria naquela manhã? Será que também sentia frio e estava molhado? Com medo?

— Estou chegando — disse Peter em voz alta, enquanto enrolava os sacos de lixo e os guardava na mochila. — Aguente firme.

Comeu um pedaço de queijo e dois biscoitos, tomou um longo gole d'água, calçou as botas e subiu para a estrada.

Estava com os músculos duros e doloridos, mas pelo menos a ansiedade tinha aliviado um pouco. Não devia ter percorrido mais que catorze ou quinze quilômetros; no entanto, um dia inteiro ainda se passaria antes que o avô chegasse em casa e sequer desconfiasse que ele havia fugido.

De acordo com o mapa do atlas, faltavam trinta quilômetros para a rodovia principal. Depois disso, ele poderia pegar um atalho para qualquer lugar que parecesse promissor. Dormiria aquela noite no bosque, longe da civilização. A

parte mais arriscada da viagem já estaria superada.

Deveria ter prestado mais atenção durante o percurso de carro com o pai, no dia anterior (erro número dois), mas só se lembrava de terem passado por uma cidadezinha pacata logo depois de saírem da rodovia e, em seguida, por grandes áreas de bosque, interrompidas por uma fazenda aqui e ali.

Caminhou por cinco horas seguidas, sem descanso. Seus calcanhares se encheram de bolhas dolorosas e os ombros doíam sob o peso da mochila, mas ele mantinha viva a esperança, pois cada passo o levava para mais perto de Pax e da casa que não deveria ter deixado para trás. Até que, pouco depois do meio-dia, chegou a um pequeno aglomerado de casinhas e construções que se dizia a praça de uma cidade.

Assim que chegou, Peter teve a impressão de que todas as pessoas por quem passava o olhavam desconfiadas, perguntando-se por que aquele menino não estava na escola que ele tinha visto pouco antes. Quando uma mulher com uma criança pequena parou e o encarou abertamente, Peter fingiu estar concentrado em observar a vitrine de uma lojinha ao lado.

No vidro, ao ver o próprio reflexo, os resquícios de esperança desapareceram. Seu cabelo estava emaranhado e com folhas grudadas, o suéter estava sujo de lama e o nariz exibia a vermelhidão de uma queimadura solar que prometia se instalar no restante do seu rosto até o fim do dia. O menino do reflexo parecia uma criança que fugira de casa — e sem se preparar direito para a empreitada.

Peter teve a sensação de que a mulher seguiu em frente, mas, antes que ele pudesse ir embora, uma sombra cobriu seu ombro.

— Precisa de ajuda, meu jovem?

Peter ergueu o rosto. Um homem de jaqueta azul com o logotipo da loja estava à porta, fumando, os braços cruzados sobre a barriga protuberante. Ele tinha o cabelo grisalho e fino, mas algo em seu olhar lembrou a Peter um falcão que vira certa vez no alto de um cedro, buscando uma presa. O homem apontou para a vitrine.

Peter olhou: embalagens de sementes e ferramentas de jardinagem.

— Ah, não, eu só estava… Hã… vocês vendem lanterna?

O homem inclinou a cabeça e deu um trago no cigarro, ainda olhando para Peter. O falcão, mais uma vez. Finalmente, ele fez que sim.

— Corredor sete. Não teve aula hoje?

— Horário de almoço. Tenho que voltar correndo.

O homem apagou o cigarro e o guiou para dentro da loja. Manteve-se perto dele enquanto Peter escolhia a lanterna mais barata e um pacote de pilhas e o seguiu até mesmo enquanto o menino pagava.

Ao sair, Peter enfim soltou o ar, embora não tivesse notado que estava prendendo o fôlego. Enfiou tudo na mochila e já ia em direção à estrada quando ouviu:

— Ei, menino.

Peter parou na mesma hora.

O homem o seguira até o lado de fora.

— A escola é por ali — disse ele, apontando com o polegar para o outro lado.

Peter acenou e sorriu, tentando se passar por distraído, e mudou de direção. Na esquina, arriscou um olhar para trás. O homem ainda o observava.

Peter saiu correndo, sentindo, de repente, gotas de suor escorrerem pela nuca. Correu até alcançar a escola, e, dali, virou para o estacionamento.

Só queria se esconder por alguns minutos (agachado entre dois carros grandes, talvez), para planejar uma rota de fuga, mas viu algo bem mais atraente depois do estacionamento e do prédio escolar, que ficava no alto de uma colina.

Um campo de beisebol, traçado na grama verde da primavera. E, junto à linha da terceira base, de costas para a escola, o banco de reservas, com o devido toldo de proteção.

Peter observou, e argumentou consigo mesmo por apenas um minuto. Queria voltar para a estrada, é claro, ganhar tempo, mas e se o homem tivesse chamado a polícia? Seria arriscado. Se descansasse naquele momento, poderia compensar o tempo perdido quando caísse a noite, agora que tinha uma lanterna. Além do mais, de repente se sentia muito cansado, esgotado.

No entanto, o que mais pesou foi o fato de o campo parecer aos seus olhos tão receptivo, como se o estivesse chamando. E Peter sempre se sentira bem em campos de beisebol. Talvez fosse um sinal. Ele achava que não acreditava em sinais, mas, depois do episódio dos coiotes na noite anterior, não tinha mais tanta certeza. Ajeitou a mochila nas costas e foi até lá.

No abrigo do banco de reservas, a familiar mistura dos cheiros de couro, suor e chiclete mastigado o envolveram como um abraço. Peter trocou de roupa correndo e esfregou no cabelo um pouco da terra avermelhada, pois não podia ir embora dali com uma aparência que se encaixasse na descrição que poderia ter chegado à polícia. Encheu a garrafa térmica em um bebedouro, bebeu tudo e voltou a enchê-la. Enquanto estava se contorcendo para entrar embaixo do banco, sorriu para si mesmo, dando-se conta de que Pax escolheria aquele mesmo lugar se quisesse descansar: protegido, mas com uma boa visão dos arredores.

Uma hora, só isso. Depois, ele contornaria a escola e voltaria para a estrada. Se tivessem alertado a polícia, já teria se passado tempo suficiente para perderem o interesse. Ele ajeitou a luva de beisebol e apoiou a cabeça.

— Só uma horinha — murmurou. — Não vou nem fechar os olhos.



Este território é meu.

Pax levou um susto tão grande que quase caiu do tronco de carvalho onde tinha cochilado. Após um dia inteiro montando guarda, não vira nada maior que um gafanhoto, e agora ali estava uma raposa com um pelo de cor vibrante. Mesmo nunca tendo visto outra raposa antes, ele soube: mais jovem, menor e fêmea, mas, sim, uma raposa. Por instinto, soube também que as orelhas e a cauda eretas dela eram uma exigência de submissão.

Eu caço aqui.

Pax teve vontade de voltar correndo para seu ninho improvisado e se espremer contra os caules ainda de pé, como se fossem seu cercado, mas resistiu. E se o seu menino voltasse e não o encontrasse? Baixou as orelhas para mostrar que não representava uma ameaça, mas que não iria embora dali.

A raposa se aproximou, e Pax sentiu o aroma dela. Era tão familiar quanto o dele próprio, mas também exótico. A raposa fêmea farejou, e seus pelos se arrepiaram em desconfiança ao detectar nele um odor humano.

Pax nascera com o mesmo instinto, mas a desconfiança sucumbe diante da gentileza desmedida e constante, ainda mais quando tamanha gentileza é oferecida a criaturas novas no mundo. Pax tinha apenas dezesseis dias de vida quando Peter o resgatou — uma bolinha de pelo cinza-escuro sem pai nem mãe, que mal abria os olhos —, e não demorou a confiar no menino quieto e desengonçado que o acolhera em casa.

A raposa fêmea esticou o focinho pontudo para farejar Pax mais de perto e se arrepiou de novo.

Esse cheiro é do meu menino. Você o viu por aí?

Pax descreveu as principais características do seu humano: orelhas arredondadas e sem pelos, pernas compridas (tão compridas que, quando o menino corria, Pax sempre tinha medo de que caísse), cabelo cacheado preto que atingia comprimentos variados dependendo do dia e, de repente, ficava curto de novo.

Não tem nenhum humano por aqui, mas eles estão se aproximando.

Nessa hora, Arrepiada levantou a cabeça como se um fio invisível a puxasse. Suas orelhas se ergueram também, atentas a um leve farfalhar em uma moita próxima, e a parte de trás do seu corpo começou a se agitar, acumulando energia. Então ela deu um salto e, com as patas unidas acima do focinho preto, mergulhou na moita, a cauda de ponta branca cortando o ar como um raio.

Pax se empertigou, alerta. No segundo seguinte, a cabeça de Arrepiada reapareceu, um rato selvagem preso na boca. Ela saltou da moita para a terra, cravou os dentes no pescoço do rato e o largou no chão.

Tendo ficado órfão antes de desmamar, Pax nunca tinha comido um animal cru. O cheiro de sangue fez crescer sua fome, assim como sua curiosidade. Ele deu um cauteloso passo na direção de Arrepiada, mas ela rosnou, e Pax recuou para uma distância segura.

Pax ficava com mais fome à medida que ela mastigava pedaços do rato. Pensou no conforto abundante de sua tigela cheia de ração, no prazer de quando comia petiscos direto das mãos de Peter e na maior das recompensas: manteiga de amendoim. Precisava encontrar seu menino. Seu menino lhe daria o que comer.

Antes que Pax pudesse perguntar sobre os tais humanos que se aproximavam, Arrepiada saiu andando com o que restava do rato pendurado na boca (só uma perna traseira, com a cauda comprida). Ele a observou se afastar entre os tufos de grama, tornando-se meros borrões de vermelho e branco. Indo embora. Pax se

lembrou do carro dos seus humanos se afastando em meio ao rugido do motor e à nuvem áspera de cascalho.

Arrepiada estava prestes a penetrar no bosque por uma cortina de samambaias quando parou e olhou para trás. Naquele momento, o som alto de um estalo, vindo do carvalho caído, a assustou. Em seguida, uma mancha de pelo vermelho saltou da folhagem seca, cruzou a grama correndo e aterrissou nas costas da raposa fêmea.

Assistindo a tudo, Pax esticou o corpo junto ao chão. Ouvia os pequenos guinchos de Arrepiada — que mais pareciam de irritação do que de medo — enquanto ela lutava com seu agressor. Pax levantou a cabeça. Arrepiada deu um salto, uma bola de pelos em movimento, e mordeu com força. Para a surpresa de Pax, uma versão menor e mais magra surgiu de sob as patas dela, se desenroscando.

Pax ficou perplexo. Nunca havia imaginado que raposas eram capazes de voar como pássaros. Ele próprio não chegava nem perto de fazer movimentos como os das aves.

A raposa menor se jogou de barriga para cima, assumindo a derrota, mas Arrepiada pareceu ficar com ainda mais raiva, porque, além de continuar a guinchar, começou a dar cutucadas e mordidas na outra. Pax se aproximou em um trote leve, vencido pela curiosidade.

A raposa magrela olhou por cima do ombro da irmã, assustada ao sentir o cheiro humano que não lhe era familiar. Quando viu Pax, arregalou os olhos e ficou de pé.

Amigo, anunciou a Pax. *Irmão dela, mas não da mesma ninhada. Vamos brincar!*

Arrepiada arreganhou os dentes e rosnou para o irmão.

Perigoso. Fique longe dele.

Pax ignorou o alerta de Arrepiada e respondeu ao cumprimento.

Amigo. Você VOOU! PÁSSARO?

A raposinha voltou para o carvalho caído e pulou para o tronco. Um galho se

levantou sob seu peso. A raposinha percorreu o tronco com cuidado e olhou para baixo, para ver se Pax estava observando.

Pax se encolheu e puxou as patas para debaixo do peito, mas era difícil resistir e não pular para a árvore também, para experimentar. Ele já tinha subido nas paredes do cercado, claro, mas nunca além do um metro e oitenta da cerca. Sua cauda se sacudiu.

Arrepiada andou alguns metros, deitou-se no chão e rolou de lado, para olhar diretamente para o irmão. O amor que sentia por ele ficou evidente naquele momento.

Ele é o menorzinho. Miúdo, mas forte. Não gosto de sair para caçar com ele, mas ele me segue.

Então virou a cabeça e rosnou para Pax, como se o culpasse pela brincadeira do irmão.

A raposinha miúda passeou pelo galho, a cauda erguida para se equilibrar, depois se encolheu para dar impulso e pulou por cima da cabeça das outras raposas, que estavam no chão. Caiu em um amontoado de bardana na beira da estrada e saiu coberto de carrapichos. Começou a correr em círculos alucinadamente, como se o voo tivesse deixado nele uma alegria descontrolada e suas pernas precisassem gastar aquela energia. Por fim, deixou-se cair para eliminar o restante rolando pelo chão.

A irmã pulou até ele.

Saia de perto da estrada!

Enquanto arrancava os carrapichos do pelo do irmão, ralhou com ele pelo salto perigoso. Pax, porém, estava maravilhado: o bichinho havia percorrido a distância de uns cinco saltos sem as patas tocarem no chão. Um dia ele ia tentar fazer aquilo.

Quando conseguiu se levantar, Miúdo baixou a cabeça e esfregou o focinho na irmã. Ela o derrubou no chão de novo, mas dessa vez foi só de brincadeira, depois sentou em cima dele, prendendo-o ao chão. Ele até fingiu se debater, mas não tentou afastá-la de verdade. Só protestou — e pouco — quando ela começou

a limpá-lo.

Pax observava os dois de uma distância respeitosa. Depois de um tempo, quando já tinha passado a irritação e o irmão estava sob seu controle, Arrepiada pegou os restos do rato e colocou na frente de Miúdo. Então se deitou, lambeu as próprias patas e depois limpou o rosto com elas.

Pax chegou um pouquinho mais perto, tão abaixado que a barriga roçava o chão. A companhia das duas raposas mais jovens o atraía, fosse ele bem-vindo ou não.

Arrepiada se espreguiçou em um pedaço de chão atingido por uma luz oblíqua. Seu rosto úmido brilhava no mesmo tom alaranjado da mesa de madeira onde os humanos de Pax faziam as refeições, destacando-se em contraste com o branco do pescoço fino.

Pax olhou para Miúdo, que farejava o lugar onde ele havia dormido. As marcas na pelagem eram idênticas às da irmã, mas não tão vibrantes. Tinha pouco pelo, apesar de alguns tufos em umas partes do corpo, e dava para ver os ossos protuberantes dos quadris. Ele recuou de repente e avançou, fingindo atacar.

Miúdo jogou o soldadinho de brinquedo para o alto e o jogou de volta ao chão com a pata, repetindo os movimentos várias vezes. O próprio Pax fazia o mesmo quando era filhote. Ele se aproximou da raposinha e entrou na brincadeira. Miúdo o acolheu como se os dois brincassem juntos desde que nasceram.

Arrepiada se levantou.

Me dá.

Miúdo a ignorou por um tempo, mas então, como se estivesse testando os limites da paciência da irmã, foi dando pulinhos até ela e largou o brinquedo em frente às suas patas.

Arrepiada deu um rosnado feroz para o soldadinho.

Humano. Volte. Casa. Agora, ordenou ela.

Miúdo se inclinou na direção de Pax e se apoiou nas patas da frente.

Arrepiada avançou para morder o irmão.

Ele fede a humanos. Não esqueça.

Pax ficou assustado com a imagem que ela comunicou ao irmão em seguida: um vento frio e uivante; duas raposas, lutando com uma estrutura que lembrava a Pax seu cercado: toda em aço, mas com dentes e garras em vez de barras. As garras de aço e o chão coberto de neve estavam manchados de sangue.

Arrepiada levantou a cabeça para avaliar o céu e farejar a brisa, que trazia a ameaça de um temporal.

Casa.

Miúdo baixou a cauda e começou a seguir a irmã. Mas então se virou para trás, convidando Pax a ir com eles.

Pax hesitou. Não queria sair do local para onde seus humanos voltariam, mas as nuvens escuras se aproximavam e, naquele instante, um trovão soou ao longe. Ele sabia que seu menino não se aventuraria a sair durante uma tempestade. E não queria se imaginar encharcado na beira da estrada. Sozinho.

Pax pegou o soldadinho de brinquedo com a boca e saiu atrás das duas raposas.

Arrepiada se virou quando sentiu a presença dele.

Só uma noite, Fedor Humano.

Pax concordou. Depois que a tempestade passasse, era só seguir o próprio cheiro para encontrar a estrada. Seus humanos voltariam para buscá-lo. E, quando encontrasse seu menino, nunca mais sairia do lado dele.



Peter identificou os sons antes de despertar totalmente: os passos de um bando de meninos recém-libertados, os uivos de alegria, os socos ansiosos nas luvas de beisebol. Ele saiu de sob o banco e pegou suas coisas. Tarde demais: vinte meninos e o treinador vinham descendo a colina. Acima, no estacionamento da escola, alguns adultos observavam a movimentação, e muitos dos garotos usavam uniforme. O melhor a fazer seria se juntar aos dez ou mais meninos que já se instalavam nas arquibancadas em grupos de dois ou três e aproveitar para ir embora com eles.

Peter subiu até a fileira mais alta da arquibancada e deixou a mochila no banco. Era só um garoto acompanhando um treino de beisebol. Nada fora do comum, mas mesmo assim seu coração estava disparado.


PLA AR
0 0 0

No campo, o treinador começou a lançar bolas altas para treinar. Os jogadores eram os típicos garotos que se espera ver em um time de beisebol, todos musculosos e barulhentos. Peter encontrou o que queria observar: um menino pequeno, de cabelo ruivo-claro em corte militar e camiseta vermelha desbotada, jogando na posição de interbases. Enquanto os outros corriam de lá para cá como filhotes, aquele menino era uma estátua, mãos na cintura, olhos grudados no taco do treinador. Assim que a madeira bateu no couro da bola, ele disparou. Conseguia chegar em todas as bolas que se aproximavam da área dele, apesar de ser tão baixo que parecia o irmãozinho caçula de alguém.

Peter sabia que ele próprio não era o tipo de menino que se espera encontrar em um campo de beisebol, e se sentia ainda menos à vontade no banco de reservas, ganhando socos no ombro e ouvindo aquela linguagem chula, mas, quando estava em campo, era o único lugar em que se sentia realmente onde deveria estar.

Ele nunca tinha sequer tentado descrever a ninguém a sensação que o beisebol lhe proporcionava, em parte por ser algo tão pessoal, mas principalmente porque achava impossível ter palavras para explicar. “Sagrada” era a que chegava mais perto, e “calma” ajudava um pouco, mas nenhuma das duas era a certa. Peter teve a estranha sensação de que o menino ruivo entendia aquela calma sagrada e que também a sentia, inclusive naquele momento.

O treinador tinha se posicionado e estava arremessando bolas. Os rebatedores estavam rebatendo no chão ou treinando pegar bolas baixas, e os jogadores do campo externo enfim prestavam atenção, ou pelo menos estavam virados na direção certa. O interbases ainda era o melhor a observar: parecia eletrizado, o olhar atento às jogadas.

Peter reconheceu aquele tipo de concentração. Às vezes chegava a sentir os olhos secos, porque esquecia de piscar, absorvido em cada movimento de cada jogador. E ele sabia que valia a pena. Assim como o menino de camiseta vermelha, Peter era o *dono* do seu território em um campo de beisebol. Ele amava aquele espaço, da grama aparada até o cheiro de terra seca. E o que mais

amava era a rede que ficava na extremidade. A cerca que lembrava a ele exatamente o que era sua responsabilidade e o que não era. Se uma bola caía naquela cerca, ele tinha que pegá-la. Se uma bola passava voando por cima, não era mais problema dele. Simples assim.

Peter volta e meia pensava que as responsabilidades da vida deveriam ter cercas assim, altas e claras.

Ele havia feito terapia por um tempo, após perder a mãe. Com apenas sete anos na época, não tinha vontade de falar, ou talvez só não soubesse fazer caber em palavras aquele tipo de perda.

A psicóloga, uma mulher de olhos gentis e uma comprida trança grisalha, disse que não tinha problema, não tinha problema algum. Assim, Peter passava todo o tempo das sessões brincando com carrinhos e caminhões, fazendo-os bater dois a dois. Era uma caixa cheia deles; posteriormente, Peter chegou à conclusão de que a mulher tinha comprado uma loja inteira de brinquedos para ele. No final, ela sempre dizia a mesma coisa:

“Deve ter sido difícil para você. Um dia qualquer, sua mãe pega o carro para ir ao mercado e não volta mais.”

Peter nunca respondia, mas se lembrava da sensação de exatidão que aquelas palavras despertavam nele, a mesma sensação que durava aquela uma hora de sessão — como se finalmente estivesse no lugar certo e não houvesse nada mais certo que bater aqueles carrinhos e ouvir que devia ter sido difícil para ele.

Até que, um dia, a psicóloga disse outra coisa.

“Peter, você sente raiva?”

“Não”, respondeu ele na mesma hora. “Nunca.”

Era mentira. Depois disso, ele se levantou do chão e pegou uma bala de maçã verde da tigela que ficava ao lado da porta, exatamente como fazia no final de cada sessão, e foi embora. Era o acordo que tinha com a psicóloga de olhos gentis: quando ele chegasse ao limite, podia pegar uma bala e encerrar a sessão. Ao sair do consultório, Peter chutou a bala para um bueiro e, quando estava voltando para casa, disse ao pai que não ia voltar. O pai não discutiu. Na

verdade, pareceu aliviado.

Mas Peter não. Será que a psicóloga gentil sabia desde o início que ele tinha ficado com raiva naquele último dia de vida da mãe? Que havia feito uma coisa horrível? Que a mãe não o levou ao mercado como punição? Será que ela o culpava pelo que tinha acontecido?

Meses depois, Peter conheceu Pax, graças a uma raposa que encontrou atropelada na beira da estrada. Fazia pouco tempo que vira o caixão da mãe sendo baixado, e ele sentiu que precisava fazer o mesmo com o corpo do animal. Foi procurar um bom lugar para isso quando encontrou a toca, com mais três filhotes, os corpos já enrijecidos e frios, e uma bolinha de pelo cinza ainda quente e respirando. Era Pax. Peter o colocou no bolso do casaco e o levou para casa.

“Vou ficar com ele”, avisou Peter (não pediu, *avisou*).

“Tudo bem, tudo bem”, respondeu o pai. “Pode ficar por um tempo.”

O filhote passou a noite toda choramingando. Ao ouvir aquilo, Peter pensou que, se pudesse ir de novo à psicóloga de olhos gentis, ficaria batendo os carrinhos de brinquedo dia e noite, sem parar, para sempre. Não por raiva. Só para que todos vissem.

Pensar em Pax só fez a velha serpente da ansiedade apertar seu peito com mais força. Precisava voltar a seguir em frente, compensar o tempo perdido. O treino estava terminando, os garotos deixavam o campo, tirando os equipamentos ao passarem pelo banco de reservas. Assim que todo mundo foi embora, Peter desceu da arquibancada, pegou a mochila e a colocou nos ombros, mas, quando estava cruzando o gramado, viu o interbases.

Ele hesitou. Precisava ir logo, para se misturar aos últimos garotos que saíam da escola, mas o restante do time tinha dado o fora, deixando que o menino guardasse todo o equipamento e voltasse sozinho, e Peter sabia como era isso. Ele pegou algumas bolas e as entregou ao interbases.

— Oi.

O menino pegou as bolas com um sorriso cauteloso.

— Oi.

— Jogou bem. Aquela última bola baixa… Foi corajosa.

O interbases desviou o olhar e mexeu na terra, mas Peter reparou que ele gostou do elogio.

— Ah, o primeira base fez parecer mais fácil do que foi.

— Que nada. Você *plantou* aquela bola. O primeira base de vocês não conseguiria pegar nem uma gripe sozinho. Com todo o respeito.

O menino abriu um sorriso sincero para Peter.

— É. Ele é sobrinho do treinador. Você joga?

Peter fez que sim.

— Na defesa central.

— É novo aqui?

— Ah, eu… eu não moro aqui, eu… — Peter apontou com a cabeça em uma direção vagamente ao sul.

— Hampton?

— É, Hampton, isso.

O menino fechou a cara.

— Está espionando para o jogo de sábado? Palhaço. — E cuspiu no chão, antes de voltar ao banco de reservas.

Ao sair da escola, Peter se parabenizou por ter conseguido pensar rápido e cobrir os rastros da fuga, mas, por algum motivo, também se sentia um pouco mal. Na verdade, se sentia péssimo.

Ele afastou o sentimento (como era mesmo aquilo que o pai dizia sobre sentimentos, alguma coisa sobre valer pouco mais que um tostão?) e olhou para o relógio. Quatro e quinze. Tinha perdido mais de três horas.

Peter acelerou o passo, mas, quando chegou à praça da cidade, atravessou a rua para evitar a lojinha e se obrigou a andar normalmente ao passar por uma biblioteca, um ponto de ônibus e uma lanchonete. A partir dali, contou mil passos e só então levantou a cabeça.

Olhou o relógio de novo. Quatro e cinquenta. Naquele momento, o avô devia

estar arrumando as coisas para sair do trabalho. Peter o imaginou andando até seu velho e enferrujado carro azul, colocando a chave na ignição.

Essa imagem mental fez a ansiedade voltar com força, deixando Peter sem fôlego. Ele pulou uma cerca baixa de madeira e aterrissou na vegetação rasteira. Seguiu por uns bons dez metros, até surgirem árvores mais altas que ele, até a ansiedade diminuir e permitir que voltasse a respirar direito, antes de virar em um caminho paralelo à rodovia. O terreno ali era mais difícil, mas, quinze minutos depois, lá estava: a estrada.

Ao se aproximar da pista, ele se abaixou. Quando não estava passando nenhum carro, correu até a cerca de arame, escalou e caiu do outro lado, o coração disparado. Pronto, tinha conseguido.

Peter se embrenhou entre as árvores e procurou um bom ponto em que pudesse virar para o oeste. Em poucos minutos, encontrou: uma estradinha de terra perpendicular à rodovia. Quer dizer, não passava de um caminho aberto no mato, na verdade, mas ia na direção certa e seria fácil de percorrer a pé à noite. Seguiu por ali.

Por um breve período, conforme avançava, o aglomerado de árvores em cada lado do caminho foi ficando mais denso e, no silêncio, o menino só ouvia os pios dos pássaros e os esquilos se movimentando. Peter se deu conta de que não veria sinais de civilização por um bom tempo. A ideia o animou.

Só que, alguns minutos depois, a estrada fez uma curva e passou a acompanhar um velho pasto pontilhado de árvores frutíferas retorcidas. Um muro de pedra contornava o campo e um celeiro baixo se erguia no canto mais distante. Mesmo sem ver nenhuma luz acesa nem um carro ou um caminhão parado por ali, Peter sentiu o coração murchar. O celeiro parecia ter sido pintado fazia pouco tempo, e algumas das telhas tinham a cor rosada de madeira nova. Aquela estradinha levava à casa de alguém. Pior: talvez levasse a uma estrada maior, que o atlas não mostrava por ser antigo demais. Com certeza, não era um atalho pelas colinas.

Peter largou a mochila e se sentou em uma pequena saliência no muro,

exausto e morrendo de fome. Tirou as botas e as meias. Duas bolhas enormes latejavam, uma em cada calcanhar. Iam causar uma dor terrível quando estourassem. Ele pegou o outro par de meias no fundo da mochila e as colocou por cima das usadas. Depois, apoiou a cabeça na pedra áspera, que ainda guardava um pouco do calor do dia. O sol pairava logo acima das árvores, jogando sobre o campo um brilho cor de pêssego.

Peter pegou as passas e comeu uma de cada vez, tomando pequenos goles de água entre uma e outra. Em seguida, pegou o queijo e quatro biscoitos salgados. Comeu o mais lentamente que conseguiu, contemplando o sol acima do pomar, e ficou surpreso ao descobrir que conseguia acompanhar o movimento da descida. Como tinha vivido doze anos sem saber isso sobre o pôr do sol?

Ele se abaixou para amarrar o cadarço das botas e, quando ia se levantar, viu um cervo. O animal saiu do bosque e entrou no pomar. Peter prendeu a respiração, pois o pomar foi se enchendo: no total, catorze cervos, que começaram a pastar. Alguns davam mordidinhas nos galhos baixos das árvores.

Peter voltou a se sentar. O cervo mais próximo, uma fêmea ao lado do filhote malhado, virou a cabeça para olhar diretamente para ele. O menino levantou a palma da mão devagar, na tentativa de mostrar que não pretendia fazer mal. A fêmea então se colocou entre Peter e o filhote, mas logo voltou a baixar a cabeça para continuar a comer grama.

De repente, o ar puro do crepúsculo foi rasgado pelo grito agudo de uma serra cortando madeira. O som veio de algum lugar atrás do celeiro. Os cervos levaram um susto, todos ao mesmo tempo, e saíram correndo para o bosque cada vez mais escuro, as caudas brancas balançando. Antes de partir junto com o grupo, a mesma fêmea encarou Peter outra vez, com um olhar que parecia dizer: *Vocês, humanos… Vocês estragam tudo.*

Peter saiu dali. Na estrada, metade dos carros já passava com os faróis acesos, e o menino tinha a sensação de que todos estavam virados para ele. Afastou-se novamente da estrada, de cabeça baixa.

O chão ali era esponjoso e cheirava a turfa. Peter estava avaliando se valeria a

pena acender a lanterna quando o pé afundou em algo molhado. Ele se segurou em um galho para içar o corpo da poça, mas era tarde demais: já sentia a água gelada do terreno pantanoso entrando nas botas. Soltou um palavrão. Não ter trazido mais meias: outro erro. Só esperava que fosse o último da viagem.

No entanto, ao voltar para a área mais alta do terreno, ele cometeu outro erro, bem mais grave.

Prendeu o pé direito em algumas raízes e caiu. Ouviu o osso se quebrar — um estalo baixo e abafado — na mesma hora que sentiu uma pontada muito forte. Ficou ali sentado, ofegante e sentindo aquela dor intensa por um bom tempo, até que finalmente soltou o pé e tirou a bota, fazendo uma careta de dor a cada movimento. Puxou as meias molhadas com jeitinho e se assustou com o que viu: o pé já estava inchado.

Ele colocou de novo as meias, quase chorando de tanta dor, e trincou os dentes para enfiar o pé de volta na bota antes que inchasse ainda mais. Então, foi rastejando até uma árvore e se segurou no tronco para se levantar. Tentou apoiar o pé no chão, mas quase caiu de novo. Era a pior dor que ele já tinha sentido. Diante daquilo, o polegar que tinha quebrado certa vez parecia uma picada de mosquito.

Não conseguia andar.



Pax se retorceu todo de prazer ao sentir o calor e o peso de um corpo aconchegado ao dele. Ainda não tinha acordado de vez. Inspirou fundo, esperando sentir o cheiro reconfortante do seu menino, mas, em vez de humano, encontrou raposa.

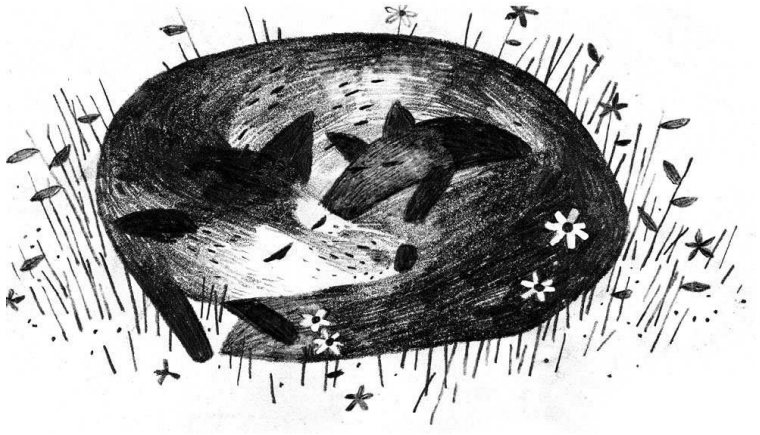
Despertou na mesma hora. Ali estava o irmãozinho da raposa fêmea, encolhido junto dele, roncando. Miúdo deu um gemido e jogou a cauda em cima do próprio focinho, ainda dormindo.

Pax se levantou depressa. Não sabia como era agir como dominador, mas não tinha escolha naquela situação.

Volte para sua toca.

Quando Miúdo tentou se aninhar de novo no peito dele, Pax o mordeu de leve no ombro.

Miúdo acordou, sacudindo o corpo, e se levantou. Não baixou a cabeça em submissão e não deu sinal de que iria embora. *Brincar,* dizia sua postura.



Fossem outras circunstâncias, Pax teria gostado de ter a raposinha simpática como companhia, mas não queria se meter com Arrepiada de novo. Na verdade, não queria fazer nada, só voltar para seu menino.

Pax pegou o soldadinho de plástico que tinha escondido, ofereceu-o como presente e, mais uma vez, mandou Miúdo se afastar. Depois de um último olhar de súplica, Miúdo pegou o brinquedinho. Pax o seguiu com os olhos até vê-lo entrar em um buraco pouco mais à frente.

Quando a tempestade caiu — breve mas violenta; rachaduras furiosas se abrindo em largos pedaços de céu —, Pax já havia entrado, por uma pequena abertura, em uma toca abandonada, não muito longe daquela que Arrepiada dividia com o irmão. Passado o temporal, foi reconhecer o terreno em volta, ao brilho pálido da meia-lua.

A encosta da colina era virada para o sul. Ali, as raízes das árvores pareciam agarrar o solo arenoso como dedos marrons em punhos fechados. Três entradas de tocas se espalhavam entre as árvores.

No alto da colina, a floresta se abria nas direções norte e oeste, reaproximando-se da estrada, e, abaixo, um extenso vale gramado se estendia a perder de vista. Era o lugar perfeito: a encosta da colina deixava que possíveis predadores ficassem à vista, e as árvores no alto serviam de proteção contra os ventos do norte. A campina exalava um cheiro abundante de vida.

Enquanto Pax observava aquilo tudo, a tensão que sentia lá no fundo se

acalmou. Foi assim que se sentiu quando, ainda filhote, já tinha empurrado o prato de comida três vezes até o canto mais distante do quarto do seu menino e Peter finalmente entendeu que era para deixar lá. Longe da parede fria e com vista para a porta, por onde o pai entrava (às vezes irritado). *Seguro.*

Mas aquele lugar não era seguro para ele. Arrepiada o avisara de que naquela mesma campina morava uma raposa mais velha, com o companheiro. Como já estava enfrentando um desafiador de fora, ele não toleraria mais um macho solitário. Pax notou um movimento mais abaixo, na colina: um macho alfa de ombros largos e pelo preto e cinza surgiu do meio da vegetação, deixou sua marca em uma muda e começou a se limpar, mas, com a pata ainda na orelha, de repente levantou o focinho no ar. Pax subiu correndo a colina e se enfiou na vegetação baixa da floresta.

Foi fácil captar o próprio cheiro, mesmo tendo chovido muito. Parando apenas para dar lambidas rápidas na água que se acumulara nas folhas, seguiu de volta o caminho que tinha feito, para alcançar de novo a estrada.

Lá, ele captou o resquício do odor da caravana de transporte militar do dia anterior, mas percebeu que nenhum outro veículo tinha passado desde então. Acomodou-se de novo no carvalho caído, para esperar.

A manhã trouxe o zumbido vibrante de nuvens de insetos e o tagarelar de pássaros recém-despertos, mas a estrada continuava em silêncio. Quando o sol subiu, quente e seco, evaporou as gotas de chuva que caíam de todos os brotos verdes.

A fome se tornara forte, mas a sede estava ainda pior. Pax não tinha bebido nada desde que deixara a casa do seu menino. A garganta estava seca, a língua inchada e grossa. Sentia tontura cada vez que mudava de posição. Cem vezes um leve cheiro de água passou por ali, mas em momento algum ele pensou em abandonar seu posto para ir atrás da bebida. Seus humanos voltariam àquele ponto. Ele cravou as garras na madeira e ficou atento a algum som de veículo na estrada vazia. Uma hora se passou, e mais outra. Pax cochilou e acordou e lembrou, cochilou e acordou e lembrou. Até que o vento trouxe a notícia de que

algo se aproximava.

Uma raposa. O mesmo macho que ele vira, que Arrepiada mencionara. O jeito de caminhar da raposa era deliberado, sem mostrar hesitação nem desperdiçar energia. A maneira como o pelo cinza contornava o corpo anunciava que era velho. Quando ele se aproximou, Pax viu que até os olhos eram encobertos por um tom cinzento, por causa da idade.

Depois de oferecer seu cheiro, Cinzento se deitou na grama ao lado do tronco caído. Não deu sinal de que se levantaria, indicando que não oferecia ameaça.

Você carrega o aroma de humanos. Já morei com eles, uma vez. Estão se aproximando.

Uma esperança repentina reanimou Pax.

Você viu meu menino?

Pax descreveu Peter.

Cinzento, porém, não tinha visto nenhum humano desde a juventude, quando morara com alguns deles. E tinha sido em um lugar distante dali — uma terra seca e pedregosa de invernos prolongados e sol baixo.

Os humanos que se aproximam estão trazendo guerra. Os corvos que os viram não incluíram juventude na descrição que fizeram.

A notícia fez Pax se sentir fraco. Ele ficou tonto e quase caiu do tronco.

Você precisa de água. Venha comigo.

Pax hesitou. Seus humanos podiam voltar a qualquer momento. Mas ele precisava urgentemente se hidratar.

Essa água fica perto daqui? De lá vou ouvir a estrada?

Sim. O riacho passa por baixo da estrada. Venha comigo.

O jeito confiante mas não ameaçador de Cinzento acalmou Pax. Ele desceu de seu poleiro e o seguiu.

Não demoraram a chegar a uma abertura profunda na terra, da qual subiam os aromas de água e de coisas que crescem na lama. Pax espiou pela beirada e viu um riacho prateado cintilando entre bambus verdes e flores roxas, cravejado de pedras pretas. Cinzento começou a descer, com cuidado. Atraído pelo cheiro de

água, Pax passou por ele e foi direto para a abertura, mas na metade do trajeto se desequilibrou e foi escorregando o resto do caminho.

Quando se levantou, olhou: a água passava por ele como se saísse de uma torneira enorme, muito maior que a da grande banheira branca em que seu menino tomava banho. Ele abaixou a cabeça. A água estava fria e tinha gosto de cobre, pinheiro e musgo, correndo para dentro da boca dele como se estivesse viva. Fez doer os dentes e inundou sua boca e sua garganta. Ele bebeu e bebeu, e só se afastou quando a barriga estava inchada.

Cinzento se aproximou, bebeu também e convidou Pax para descansar com ele.

Pax inclinou a cabeça para prestar atenção aos sons da estrada, que passava por cima da galeria de água. Tão silenciosa quanto antes.

Tenho que estar na estrada quando meus humanos vierem me buscar.

Cinzento se deitou no chão e se espreguiçou.

A estrada foi bloqueada ontem, pelos doentes de guerra.

Pax pensou outra vez nos veículos que tinham passado no dia anterior, com o mesmo cheiro das roupas do pai do seu menino. Era verdade que a estrada ficara vazia depois disso. Mas não importava.

Meu menino vai me procurar lá quando voltar.

Não. Os corvos disseram: a estrada está fechada.

Pax andou de pedra em pedra, agitando a cauda enquanto pensava. A solução veio:

Vou encontrar meu menino. Na nossa casa.

Onde fica essa casa?

Pax deu uma volta para confirmar, embora não tivesse nenhuma dúvida: sentia a atração da casa vindo de uma única direção.

No sul.

Cinzento não demonstrou surpresa.

Existem grandes colônias humanas lá. Quando os doentes de guerra chegarem aqui, minha família vai ter que se mudar para mais perto daquelas

colônias ou ir para as montanhas, no norte. Me conte sobre os seus humanos. Como é viver com eles?

Mais uma vez, o jeito da velha raposa tranquilizou Pax. Ele voltou e se sentou.

Vi muitos de longe, mas só conheço dois.

Eles agem com falsidade, como os que eu conheci?

Pax não entendeu.

Cinzento se levantou, agitado, e explicou a Pax como era o comportamento que tinha presenciado: um humano dando as costas para um vizinho que passava fome, agindo como se não houvesse comida na despensa, quando na verdade estava cheia; uma humana se mostrando indiferente ao parceiro que ela mesma escolhera; outro humano que atraía uma ovelha do meio do bando com voz suave para depois matá-la.

Seus humanos não fazem essas coisas?

Na mesma hora, Pax se lembrou do pai do seu menino o tirando do carro, a voz fingindo um arrependimento que era denunciado pelo súbito cheiro de mentira que exalou.

Pax se virou para o riacho. Quando a água fluía sobre algumas pedras, o fluxo se dividia, para logo se unir de novo, uma trança líquida e prateada. Pax foi surpreendido por uma lembrança.

Não muito tempo depois que seu menino o resgatou, quando ele ainda era um filhotinho assustado, uma humana estranha apareceu na porta deles. De sob a mesa, Pax viu o pai do seu menino receber uma mulher pequena que usava uma trança comprida e grisalha caindo sobre o ombro. O sorriso do homem mostrava todos os dentes, e Pax já tinha entendido que isso significava: *Bem-vinda. Estou feliz em ver você. Não vou lhe fazer mal.* No entanto, por baixo do sorriso, o corpo dele estava rígido de raiva e medo.

Pax se lembrava de ter ficado confuso com aquele medo, pois a mulher só transmitia gentileza e cuidado. Ela repetia a palavra que Pax já tinha associado a seu menino — “Peter” — em tom de súplica. O sorriso cheio de dentes do

homem continuou inabalado, mas, conforme ele respondia às perguntas da mulher, a casa se enchia do cheiro amargo de enganação. Com o peito estufado em ameaça, ele fechou a porta com força quando a mulher foi embora.

Pax se virou para Cinzento.

Eu vi coisas ruins. Não no meu menino, nunca nele. Mas no pai dele, sim.

Cinzento pareceu envelhecer ao ouvir isso. Ele se sentou, fazendo um esforço visível.

Eles ainda são descuidados? Eram muito descuidados quando eu morava com eles.

Descuidados?

Quando aram um campo, eles matam os ratos que moram lá. Quando represam um rio, deixam os peixes morrerem. Eles ainda são descuidados assim?

Uma vez, quando o pai de Peter estava prestes a cortar uma árvore, Pax viu seu menino subir para tirar um ninho dali e colocá-lo em outra árvore. Em dias frios, Peter colocava mais palha no cercado de Pax. Antes de seu próprio menino comer, ele sempre conferia se Pax tinha água e comida suficientes.

Meu menino não é descuidado.

A velha raposa pareceu aliviada com a notícia. Mas só por um momento.

Quando a guerra chegar, eles vão ficar descuidados.

O que é guerra?

Cinzento hesitou.

Tem uma doença que às vezes dá nas raposas que as faz deixar de agir de maneira normal e atacar estranhos. A guerra é uma doença humana parecida.

Pax ficou de pé em um pulo.

Os doentes de guerra vão atacar meu menino?

Na época, a guerra chegou à terra onde morei com humanos. Tudo foi destruído. Fogo para todo lado. Muitas mortes, e não só dos doentes de guerra, que são os machos adultos. Crianças, mães, idosos da própria espécie deles também. E todos os animais. Os homens que estavam com essa doença cuspiram

caos pelo caminho todo.

O que está chegando aqui é a mesma coisa?

Cinzento levantou a cabeça e soltou um uivo que chegou a transformar o ar em tristeza.

A oeste daqui, onde a guerra já está acontecendo, onde os humanos estão matando uns aos outros, a terra está arruinada. Os corvos trazem as notícias. Rios represados, terra queimada; nem espinheiros crescem. Coelhos e cobras, faisões e ratos… todas as criaturas foram mortas.

Pax pulou para a estrada. Ia encontrar seu menino. Antes que a guerra chegasse.

Cinzento foi atrás dele.

Espere. Vou para o sul com você, procurar uma casa nova. Mas antes venha comigo.

Voltar para a campina? Não. A fêmea me avisou para não voltar.

Ela nunca vai receber bem você, porque você morou com humanos.

Pax imaginou, em um flash, a mesma cena que tinha visto ser passada entre a raposa fêmea e seu irmão: um vento frio e uivante, duas raposas em grande dificuldade, uma gaiola com garras de aço, sangue manchando a neve. E então, abruptamente, nada.

Mas ela não é dominante. Venha. Vamos voltar para descansar e comer. Partimos à noite.



O som que Peter mais amava no mundo, o estalo do couro contra couro de quando a bola de beisebol batia na luva, foi tão real no sonho que ele abriu os olhos sorrindo. Mas logo deu um pequeno grito de susto.

Havia uma mulher de pé na frente dele, jogando uma bola de beisebol em uma luva. Ela usava um macacão com bandanas amarradas nas alças, e o cabelo era um emaranhado de pontas espetadas, que sacudiu quando ela inclinou a cabeça para observá-lo.

Ele recuou pelo piso áspero de madeira, gritando de novo, dessa vez por causa da dor súbita no pé direito. Tudo voltou à sua memória muito rápido. Em um pânico cada vez maior, Peter olhou em volta à procura da mochila. Ali estava: atrás da mulher, todas as suas coisas espalhadas pelo chão.

Ela se aproximou e lançou a bola na luva com mais força.

A bola e a luva dele, percebeu Peter. A bola que ele trouxera na mochila. A luva que ele vinha usando como *travesseiro*. Ele se enfureceu.

— Ei! Isso é meu! O que você está fazendo aqui?

Ao ouvir isso, a mulher jogou a cabeça para trás e deu uma risada que era um misto de divertimento e deboche. Ela afastou de Peter a bola e a luva e se agachou para observá-lo melhor, uma das mãos na tira de couro com penas que ela usava no pescoço.

De perto, Peter viu que a mulher não era tão velha quanto ele tinha achado. Ao menos não muito mais velha que o pai dele. Uma única mecha grisalha cortava seu cabelo, mas a pele não tinha rugas. Quando ela estreitou os olhos e

estalou os dedos bem perto do rosto de Peter, ocorreu a ele que a mulher podia ser louca.

— Não. Não, não, não. Foi o *meu celeiro* que você invadiu, então essa pergunta cabe *a mim*.

Peter se afastou rapidamente. Louca ou não, aquela mulher tinha uma parede cheia de machadinhas e foices, e ele só podia contar com um dos pés para sair correndo.

— Tudo bem. Eu machuquei o pé ontem à noite. Passei por acaso pelo seu celeiro, e eu precisava de um lugar para ficar, então… Olha, já estou indo embora.

— Não tão rápido. Como assim, você *passou pelo meu celeiro*? Isto é uma propriedade particular, e no meio do nada.

A mulher se empertigou. Peter recuou ainda mais.

— Eu… eu estava pegando um atalho para casa, estava vindo do… — ele se lembrou do treino de beisebol que tinha visto no dia anterior e apontou com a cabeça para a bola e a luva — … do treino de beisebol.

— Você estava passando pelo meu terreno, voltando do treino de beisebol? Bem, a primeira dúvida que me ocorre é por que você não tem um taco. Fita adesiva reforçada, sacos de lixo, uma pulseira com pingentes, roupa, comida e água… — disse ela, apontando para as coisas no chão. — Mas nenhum taco de beisebol? Hein, garoto?

O jeito como ela disse “garoto” denunciava um leve sotaque. Bem discreto, como se ela tivesse passado algum momento da infância rodeada por pessoas que falavam uma língua cantada.

— Ah, eu… eu deixei lá. O taco é pesado demais para eu ficar carregando.

A mulher balançou a cabeça de novo. Dessa vez, parecia com nojo. Ela puxou a perna esquerda do macacão, revelando, abaixo do joelho, uma prótese de madeira crua. Bateu com ela no chão bem ao lado de Peter.

— Veja bem isto aqui. Ah, esta perna é bastante pesada, garoto. Pinheiro maciço. Mas eu a carrego por aí, não é mesmo?

A mulher olhou para baixo e fez uma expressão como se tivesse encontrado uma coisa que não a agradava muito. Então, tirou uma faca do cinto e, com um movimento ágil, cortou uma lasca logo acima da altura em que ficaria o tornozelo. Em seguida, ergueu-se e encarou Peter de novo, a lâmina apontada para ele.

— Vamos tentar mais uma vez, porque agora estou muito curiosa: se você estava em um treino de beisebol, por que não tem um taco?

Peter a encarou, depois desviou o olhar para a faca. A lâmina brilhava, longa e fina, com uma curva maligna. O coração do menino deu um salto no peito e a boca ficou seca como um deserto, mas ele conseguiu responder:

— Não tenho taco.

A mulher abriu um meio-sorriso e deu uma rápida piscadela.

— Assim é melhor. Já tem cara de verdade. Qual é o seu nome?

Peter disse seu nome.

— Então, Peter Sem Taco, o que houve com seu pé?

O menino manteve os olhos na faca enquanto desenrolava o suéter do pé. Bastou esse leve movimento para ele sentir uma dor que o assustou. Tremores sacudiram todo o seu corpo, e só então ele se deu conta do frio que estava sentindo.

— Torci.

A mulher se agachou, a perna de madeira em um ângulo estranho. Ele desviou o olhar.

— Não se mexa — ordenou a mulher.

Antes que ele sequer entendesse o que estava acontecendo, ela enfiou a lâmina fria da faca por dentro da meia dele e, com um movimento rápido, a rasgou. Peter cerrou os dentes para não gritar. O pé estava escuro e inchado como uma berinjela.

— Você andou com esse pé?

— Eu peguei um galho — respondeu ele, apontando. — Fiz uma bengala.

Seu dedo tremia. Ele baixou a mão.

A mulher assentiu e posicionou as mãos ao redor do calcanhar dele.

— Vou mexer nele — avisou ela. — Preparado?

— Não! Não toque no meu pé!

Mas a mulher começou a mexer mesmo assim, dando instruções:

— Movimente o dedão. Agora, todos os dedos. E o pé, de um lado para o outro.

Peter fez uma careta de dor, mas obedeceu a tudo.

— Você deu sorte — disse ela, pousando o pé do menino sobre o suéter. — Fratura estável no quinto metatarso. Uma ruptura única e simples do osso mais externo do pé.

— Sorte? Como um osso quebrado pode ser sinal de sorte?

A mulher se levantou, bateu com a perna artificial no chão perto da mão dele e cravou a faca na madeira.

— Ah, não sei… vamos ver… como *só um osso quebrado* pode ser sinal de sorte…

— Tudo bem, tudo bem, entendi. Desculpe.

Ela arrancou a faca da perna e a apontou para ele.

— Você é jovem. Umas seis semanas com um gesso e isso vai curar direitinho.

— Como você sabe essas coisas? É médica, por acaso?

— Já fui. Em outra vida.

A mulher se levantou e olhou para Peter como se tivesse acabado de encaixar as peças.

— Um fugitivo — concluiu ela, cruzando os braços e inclinando a cabeça. — Acertei? Você está fugindo?

— Não! Não, eu só estava… caminhando.

Ela bateu nos próprios ouvidos e franziu a testa.

— Desculpe, não ouvi, meu detector de mentiras estava desligado. Tente de novo: você está fugindo de casa?

Peter suspirou.

— Não exatamente.

— Então o que você estava fazendo à noite, passando pelo meu terreno com roupas e comida na mochila, Peter Sem Taco?

— Eu não estou fugindo *de* casa, estou fugindo *para* casa.

— Hum, está ficando interessante. Continue.

Peter olhou pela janela que ficava acima de uma bancada de trabalho. Pinheiros altos cortavam o céu claro da manhã e alguns corvos discutiam escandalosamente nos galhos mais altos. Se ele pudesse, contaria qualquer história que o tirasse daquele celeiro e o levasse de volta à estrada e à busca por Pax. Desapareceria no mesmo dia, pouco importava o quinto metatarso fraturado. No entanto, se havia alguma história do tipo, ele não conseguia lembrar. Deixou o corpo desabar contra a parede.

— A guerra. Estão chegando à nossa cidade. Estão vindo para pegar nossa água. Meu pai teve que ir servir. Como minha mãe morreu, somos nós dois. Então ele me trouxe…

— Quantos anos tem seu pai?

— O quê? Trinta e seis. Por quê?

— Então ele não teve que fazer nada. A convocação obrigatória é só para garotos de dezoito a vinte anos. Ainda novos, fáceis de fazer lavagem cerebral. Se seu pai foi para a guerra, é porque quis. Foi uma *escolha* dele. Vamos começar essa história com a verdade. É a regra aqui.

— Tudo bem, claro. Ele *escolheu* ir. Aí ele me deixou na casa do meu avô e…

— E você não gostou de lá.

— Não é isso. É que… Hã, será que você pode guardar esse negócio?

A mulher olhou para baixo e pareceu surpresa em ver que ainda estava com a faca na mão.

— Que péssimos modos, Vola — disse ela, repreendendo a si mesma. — Esqueceu como receber um convidado? — completou, jogando a faca na bancada. — Continue.

— Então. Eu tinha uma raposa. Quer dizer, eu *tenho* uma raposa. Nós a soltamos. Deixamos na beira da estrada. Meu pai disse que era o único jeito, mas eu não devia ter feito isso.

Desde que se afastara do pai, Peter vinha sendo atormentado pelas coisas que deveria ter dito a ele. Tudo lhe veio à mente naquele instante.

— Criei a minha raposa desde que ela era filhote. Minha raposa confiava em mim. Ela não vai saber sobreviver lá fora. Não importa se é "só uma raposa"… É assim que meu pai diz, "só uma raposa", como se não fosse um animal tão bom quanto um cachorro, por exemplo.

— Sei, sei. Então você ficou com muita raiva e fugiu.

— Eu não fiquei com raiva. Não estou com raiva. É que minha raposa depende de mim. Estou indo buscá-la.

— Ah, não vai mais. Mudança de planos.

— Não! Eu tenho que buscar minha raposa e voltar para casa.

Peter ficou de joelhos, engolindo a pontada de dor que vinha do pé. Pegou o galho e experimentou apoiar o peso do corpo por um segundo, mas logo voltou a se sentar, exausto só de ter feito isso.

— Sério? Você realmente acha isso? Onde foi que vocês deixaram a tal raposa?

— A uns trezentos e vinte quilômetros daqui. Talvez mais — admitiu Peter.

Vola riu.

— Nesse seu estado, você não andaria nem dois quilômetros. Viraria uma presa lá fora. Isso se não morresse de hipotermia na primeira noite, porque não conseguiria caminhar a uma velocidade suficiente para se manter aquecido.

Ela se apoiou na bancada, enrolando um dos lenços no dedo. Peter percebeu que ela estava tentando resolver alguma coisa. Não parecia tão maluca naquele momento, apenas pensativa. E preocupada, talvez. Por fim, a mulher tomou uma decisão.

— Alguém vai acabar vindo procurar você. Isso não é bom para mim. Quero você longe daqui. Mas não posso mandá-lo embora com o pé assim, já tenho

muito peso na consciência. Vou imobilizar seu pé e lhe dar um remédio para a dor, algum próprio para crianças, e depois…

— Eu não sou criança. Tenho quase treze anos.

Vola deu de ombros.

— Depois, você vai embora. Tem uma oficina não muito longe daqui, na estrada. Ligue para o seu avô e peça que venha buscar você.

— Eu não vou voltar. Vou buscar minha raposa.

— Desse jeito, não vai, não. Só vai se apoiar nesse pé quebrado depois que o osso estiver bom. Seis semanas, no mínimo. Quando isso acontecer, você tenta de novo.

— Seis semanas? Não, não é tempo demais. Minha raposa…

— Não esqueça, garoto, que eu sei uma coisa ou outra sobre caminhar com uma perna só. Para se virar antes de o osso voltar ao normal, você teria que aprender a sustentar o corpo nos ombros e braços. Teria que desenvolver força nessas outras partes. Se para um adulto é quase impossível, imagine para uma criança…

— Eu não sou criança!

Vola fez um gesto pedindo silêncio.

— Então você vai voltar para o seu avô agora mesmo e cuidar desse osso. Mas antes vou imobilizar seu pé e arranjar uma muleta melhor que esse galho.

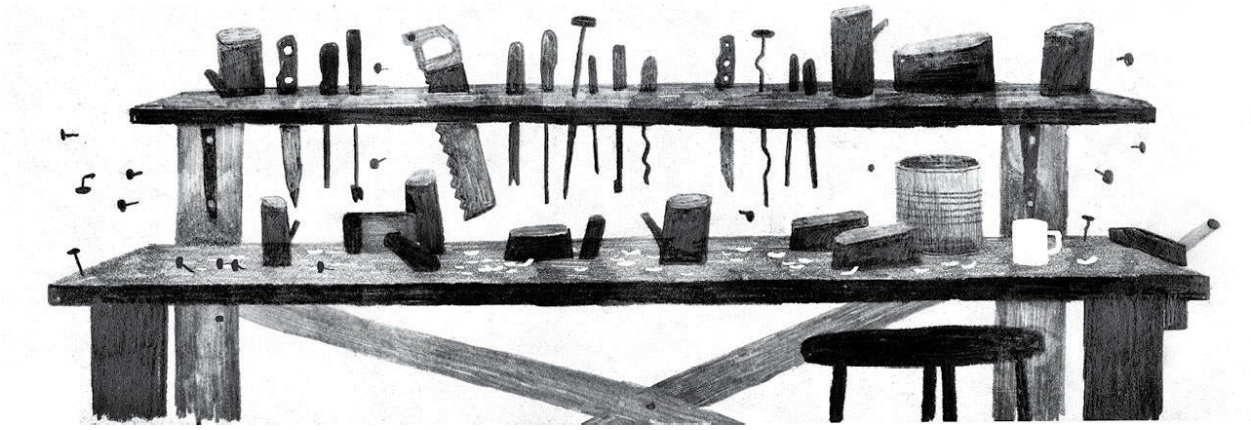
Com essas palavras, a mulher se afastou da bancada e saiu do celeiro.

Peter a viu desaparecer em um caminho ladeado de pinheiros, mancando tanto que parecia sentir dor ao caminhar. Ele rastejou pelo chão e guardou seus pertences de volta na mochila. Então, levantou-se e se apoiou na bancada. O esforço o deixou tonto, e ele teve que se agarrar à madeira até se recuperar. O pé latejava forte agora. Após uma tentativa de apoiá-lo no chão, soube que não ia conseguir caminhar. Pelo menos, Vola daria um jeito. Logo ele conseguiria voltar a andar. Tinha que conseguir.

Subiu na bancada para esperar.

Observou em volta, pois não conseguira ver direito o celeiro na noite anterior,

mesmo com a lanterna. O chão estava perfeitamente limpo. Junto à porta havia sacos de sementes e fertilizantes empilhados de forma muito organizada. O local cheirava a feno limpo e madeira, não a animais, embora Peter ouvisse algumas galinhas cacarejando ali perto.



Sobre a bancada, que ocupava uma parede inteira do celeiro, havia pequenas ferramentas e pedaços de madeira. Do outro lado, uma cortina de aniagem, escurecida contra o retângulo claro de luz da porta ao lado, cobria uma variedade de objetos pendurados na parede.

Peter sentiu novos tremores, mas dessa vez não era de frio. Os objetos cobertos pelo tecido tinham a forma de cabeças humanas. Poderia ser uma variedade de coisas perfeitamente inofensivas, mas pareciam muito cabeças humanas.

A garganta do menino ficou seca e seu coração começou a martelar o peito. Tinha sido burro e descuidado. Tudo bem, era provável que a mulher maluca o deixasse ir embora (por que não deixaria?), mas talvez não. Peter encontrou a faca que ela havia deixado e apertou o cabo macio. Vola tinha vantagem em qualquer coisa que acontecesse, mas isso não era motivo para ele não tentar se defender. Estava justamente guardando a faca no bolso quando a mulher apareceu à porta.

— Beba isto — disse ela, entregando uma caneca a Peter e colocando uma

tigela ao lado dele.

Peter cheirou a bebida.

— É sidra — explicou Vola. — Tem um pouco de casca de salgueiro também, então beba tudo.

— Casca de salgueiro?

— A aspirina das selvas.

O menino colocou a caneca na bancada. Não ia beber uma poção daquela mulher maluca.

— Você que sabe — disse Vola, pegando a tigela e começando a mexer com o dedo a pasta verde que havia ali dentro.

— O que é isso?

— Cataplasma. Com arnica para o hematoma e confrei para o osso quebrado.

Ela fez sinal para Peter colocar o pé sobre a bancada.

O menino sentiu um alívio imediato quando ela espalhou a pasta fria sobre a pele quente e retesada. Ela desamarrou uma bandana da alça do macacão e a enrolou no pé dele, reforçando com uma segunda bandana. Depois, limpou as mãos na roupa.

— Qual é a sua altura?

— Um e sessenta. Por quê?

Vola não respondeu. Remexeu em uma pilha de madeira, levou vários pedaços compridos e finos até um par de serrotes e começou a cortá-los em comprimentos iguais. A madeira exalava um cheiro fresco de limpeza. Enquanto a mulher prendia tábuas curtas no alto de dois pedaços mais longos, Peter entendeu. Muletas. Ela estava fazendo um par de muletas. A faca que ele havia roubado começou a pesar na coxa.

Em poucos minutos, Vola tinha preparado os apoios no alto das muletas e prendido os suportes para as mãos. Por fim, mediu para ver se serviriam e cortou dois centímetros de cada uma.

Em seguida, pegou um pneu velho no canto do celeiro. Foi até a bancada de trabalho e procurou alguma coisa. Peter sentiu o rosto arder quando ela se virou

para ele e perguntou:

— Você pegou minha faca?

A voz dela soava perigosa, como algo prestes a explodir e arrancar o telhado do celeiro.

Peter se sentiu tonto, e o coração disparou de novo. Ele tirou a faca do bolso e a estendeu a Vola.

— Por quê?

O menino engoliu em seco. As palavras tinham sumido.

— Por quê?

— Porque… Tá, porque fiquei com medo de você me matar.

— Matar? — disse ela, olhando severamente para ele. — Só porque eu moro no bosque sou assassina?

Peter indicou com a cabeça a parede com ferramentas cortantes.

— Minhas ferramentas? Tenho oito hectares de árvores para cuidar. E faço escultura em madeira. Você achou que fossem armas?

Peter desviou o olhar, envergonhado.

— Olhe para mim, garoto.

Ele se virou de volta para a mulher.

— Talvez você não esteja errado — disse Vola, olhando fundo nos olhos dele. — Talvez você esteja vendo alguma coisa. Talvez eu seja… — ela levantou as mãos devagar, juntou os dedos na frente do rosto de Peter e os abriu de repente — … bum! Perigosa, assim… do nada!

O menino se encolheu.

— Não, me desculpe. Eu me enganei.

Vola fez um sinal com a mão para que ele ficasse em silêncio, enquanto balançava a cabeça com tanto vigor que as penas e os ossos presos às tranças giraram como se fossem um pequeno ciclone. Ela cortou quatro tiras de borracha do pneu e as enrolou no alto das muletas e nos apoios. Depois, prendeu esses pedaços com barbante, sem dizer nada. Por fim, estendeu as muletas.

Peter posicionou uma embaixo de cada braço e desceu da bancada. Foi um

alívio estar ereto e equilibrado, com o pé quebrado erguido no ar.

— Não ponha o peso nas palmas das mãos. Estique o corpo, não se pendure. Apoie as muletas no chão e jogue o corpo para a frente.

O menino fez menção de agradecer, mas Vola o interrompeu de novo:

— No final dessa estradinha fica a rodovia. Vire à esquerda, ande quatrocentos metros e você vai encontrar um posto de gasolina. De lá, você se vira.

Depois de ajudá-lo a colocar a mochila nas costas, a mulher deu meia-volta, pegou um bloco de madeira e começou a tirar lascas como se ele não estivesse mais ali.

Peter experimentou dar um passo na direção da porta. Desequilibrou-se um pouco, mas não muito.

— Isso foi um pulo — disse Vola, sem levantar o rosto. — Eu falei para *jogar* o corpo. Agora, saia daqui.

Por um momento, Peter não se mexeu. Não sabia para onde ir, só sabia que não voltaria para a casa do avô. Vola se virou e se inclinou na direção dele, juntou os dedos e os abriu bem junto ao rosto dele.

— Anda logo, enquanto ainda está inteiro.



Vinham da floresta, voltando para a campina. Quando estavam chegando, Cinzento parou de repente, o focinho erguido no ar.

De novo. Ele esticou a cabeça para avaliar com atenção. *Mais forte.*

Pax, já hesitante, ficou tenso.

Cinzento correu até o trecho em que acabavam as árvores.

Um solitário está me desafiando. Ele quer este território, mas está se exibindo para a jovem raposa fêmea. Ela vai escolher um companheiro até o fim do inverno.

Pax foi atrás e observou a cena. Quatro raposas pontilhavam a campina. Arrepiada e Miúdo estavam juntos, as orelhas de pontas pretas viradas para a frente, em sinal de alerta, na direção das outras duas raposas, que se encaravam sobre uma rocha, pouco mais à frente. Uma delas era fêmea, mais escura do que Arrepiada e com a barriga inchada de filhotes. A outra raposa era um macho grande, com pelugem áspera e castanha, os pelos do pescoço eriçados e a orelha esquerda com um corte.

Cinzento anunciou sua presença com uma espécie de latido. O intruso desceu da rocha, o sangue jorrando da orelha, e disparou pela campina.

Cinzento desceu pela encosta da colina, seguido por Pax. Quando passou por Arrepiada e Miúdo, sua simples presença pareceu acalmá-los, como se ele fosse uma mão invisível acariciando as costas de ambos. Assim que ele passou, Miúdo deu pulinhos de empolgação ao ver Pax, mas Arrepiada fez cara feia e sibilou de

maneira bastante agressiva.

Pax correu atrás de Cinzento, que subiu na rocha, colocando-se ao lado de sua companheira. Pax foi até a base e se sentou, respeitoso. A companheira de Cinzento o cumprimentou com afeição e contou as novidades:

O vento desta manhã trouxe cheiro de fogo. Temos que ir logo. Ela olhou para Pax. *O forasteiro cheira a humanos.*

Arrepiada e Miúdo se aproximaram, as orelhas erguidas para ouvir a resposta de Cinzento.

Ele está voltando para os humanos com quem morava. Vou com ele, encontrar um bom lugar para nos instalarmos. Partimos hoje à noite, depois que descansarmos.

Atrás de Pax, Arrepiada rosnou de novo. Ele teve vontade de sair correndo. Seu menino… ele só queria encontrar seu menino. Mas o instinto lhe dizia que precisava, primeiro, de descanso e comida. Pax fez um sinal, mostrando que concordava. Cinzento e sua companheira foram andando em silêncio pela campina verde.

Miúdo correu até lá e se jogou em cima de Pax. Deixou cair o soldadinho de brinquedo que carregava na boca, convidando Pax a brincar. Arrepiada pulou entre os dois e jogou o brinquedo longe.

Humanos. Não esqueça o perigo.

Miúdo pegou o brinquedo de volta e o exibiu entre os dentes, em claro desafio.

Pax sentiu que Miúdo tinha arranjado problemas para si e que o culpado era ele mesmo, Pax. Já muitas vezes se sentira assim com seu menino e o pai dele, e uma das estratégias que usava nessas ocasiões era se afastar, pois assim protegia seu menino da raiva do homem. Ele recuou. Mas Arrepiada não se deu por satisfeita.

Fique longe do Fedor Humano, alertou ela ao irmão. *Não esqueça o perigo.*

Pax avançou um passo.

Meus humanos não são perigosos.

Miúdo pareceu alarmado ao ouvir isso, como se Pax tivesse lançado um desafio. Subiu correndo a colina até a entrada da toca, mas Arrepiada foi mais rápida: bloqueou o irmão e, quando ele tentou correr para o outro lado, o segurou com o peso da pata até ele desistir, derrotado.

Todos os humanos são perigosos…

O pelo de Pax se arrepiou com o tremor que o percorreu quando ouviu a cena que a raposa fêmea invocou: vento frio, uivante e com uma pesada ameaça de neve. Pax reconheceu o vento — ele sabia que a história que ela contaria terminaria com sangue na neve e dentes de aço.

Arrepiada arreganhou as presas para Pax e começou.



Peter parou junto ao muro, no lugar onde tinha visto os cervos.

Já estava sangrando — tinha tropeçado e acabara cortando a pele fina na base do polegar com uma farpa — e banhado em suor. Os braços já tremiam após poucos minutos sustentando o peso do próprio corpo. As palmas das mãos estavam vermelhas, nos apoios de borracha, e o latejar no pé direito era como a ameaça de um trovão, mas o pior não era nada disso; nem mesmo a ideia de voltar para a casa sombria do avô.

O pior é que estava indo na direção errada.

Deu meia-volta. Apoiou a muleta no chão e jogou o corpo para a frente, apoiou e jogou, e assim foi até alcançar outra vez a porta do celeiro de Vola. Empertigou-se para anunciar:

— Não.

Vola levantou a cabeça na mesma hora. Olhou para ele com uma cara feia, mas Peter viu outra coisa cruzar o rosto dela: medo.

— Eu não vou voltar — disse ele, com mais firmeza. — Vou buscar minha raposa, com ou sem a sua ajuda.

— Ajuda?

Peter foi até a bancada e ergueu o corpo para se sentar ali.

— Me ensine. Aquilo que você disse sobre usar os braços para me deslocar, sobre ficar forte. Você aprendeu a se virar com uma perna, então me ensine. Você foi médica. Trate meu pé. Por favor. Vou fazer o que você mandar. — Ele pegou a caneca de sidra e bebeu tudo, para provar que confiava nela. — Depois,

vou embora. Mas mesmo que você não me ajude, vou buscar minha raposa.

Vola pôs as mãos na cintura e o olhou fundo nos olhos.

— Uma raposa domesticada solta na natureza? Você sabe que ela pode já ter morrido, não sabe?

— Sei — respondeu Peter. — E seria culpa minha. Se minha raposa tiver morrido, preciso levá-la para casa e enterrá-la. Tenho que encontrar minha raposa de qualquer jeito e levá-la para casa.

Vola o observou como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Afinal, você quer voltar para a sua casa ou para o seu bichinho?

— Dá no mesmo. — A resposta saiu espontânea e firme, o que o surpreendeu.

— E vai fazer isso mesmo que tentem impedi-lo? Porque sabe, no seu coração, que é o certo a fazer? — Vola fechou a mão, deu um soco no peito. — No *coração*. É isso?

Peter esperou para responder, porque aquela mulher, que poderia ser maluca, ou talvez não fosse, perguntara aquilo como se o destino do mundo dependesse daquela questão. No entanto, a resposta era a mesma que ele teria dado se tivesse falado sem pensar. Teria sido a mesma se tivesse esperado uma vida inteira para responder. Ele também bateu no peito. Sentiu o músculo do coração pular.

— É. Não tem nada que eu sinta com tanta certeza no meu coração.

A mulher fez que sim.

— Bem, você tem doze anos, idade suficiente para conhecer a si mesmo, imagino. Quem sou eu para interferir nisso? Então, tudo bem.

— Você vai me ajudar?

— Vou — respondeu Vola, estendendo a mão para um cumprimento. — Com três condições…



Meu irmão nasceu na segunda ninhada da minha mãe. No início da estação. A primavera começou tarde no ano passado. A neve caiu e não derreteu; a terra ficou congelada por baixo. Minha toca ficava por perto e eu ajudava a caçar. O dia todo, meus pais e eu procurávamos comida, porque os filhotes estavam sempre com fome. Mas nunca havia comida suficiente para a ninhada.

Dois irmãos dele morreram no mesmo dia. A fazenda, insistiu nossa mãe. Na fazenda dos humanos sempre havia ratos gordos no celeiro quente. Na fazenda dos humanos havia ovos no galinheiro.

Nosso pai não queria arriscar.

Quando o terceiro filhote ficou tão fraco que não conseguia permanecer de pé, nossa mãe o desafiou.

Miúdo levantou a cabeça e lançou um olhar de súplica para Arrepiada. Ela o ignorou.

Nossa mãe me levou para a fazenda dos humanos. Levou também o filhote mais forte, minha irmã.

Miúdo chegou mais perto e cutucou Pax com o focinho. Na mesma hora, Arrepiada arranhou o rosto do irmão, mas Pax reparou que ela não usou as garras. Miúdo se deitou.

O chão ao redor do celeiro já não tinha neve, de tantos animais e humanos que haviam passado por ali. O cheiro de roedores inundava o ar. Nossa mãe foi em direção a uma fenda nas tábuas de madeira, e a seguimos, um pouco atrás.

Logo antes de ela chegar lá, garras de aço pularam da terra com tanta velocidade que o ar estalou. Nossa mãe gritou. Uma garra estava presa na pata da frente dela. Quanto mais ela se debatia, mais fundo o metal cortava. Ela começou a morder a pata para soltá-la. Cada vez que tentávamos chegar perto, ela nos mandava ficar longe.

Nosso pai apareceu. Tinha seguido nosso rastro. Ele nos fez voltar para o meio da vegetação e esperar lá. Depois, foi ajudar nossa mãe.

A cena que Arrepiada transmitia era de duas raposas unidas por um amor antigo e um medo novo, um medo tão terrível que Pax o via nos olhos dela e tão vívido que ele sentia o forte odor do sentimento.

Miúdo começou a choramingar, um som tão carregado de dor que Pax quis consolar o amigo, mas Arrepiada ordenou que ele ficasse em seu lugar.

Foi quando um humano apareceu com uma vara. Nossos pais gritaram para que voltássemos correndo para casa. Mas ficamos. E vimos. O humano atacou os dois com a vara. Diante dos nossos olhos, nossa mãe e nosso pai foram destroçados em uma confusão de sangue, pelo e ossos quebrados espalhados na neve.

Ainda choramingando e se encolhendo, Miúdo tentou recuar em direção à toca deles outra vez, mas Arrepiada o impediu de novo.

Minha irmã e eu não conseguimos abandonar os corpos. A escuridão caiu e o dia seguinte chegou, e continuamos escondidas em uma pilha de madeira ao lado do celeiro. Depois de um tempo, finalmente fomos embora, mas anoiteceu e começou a nevar. A neve bloqueou todos os sons e cheiros. Perdidas, rastejamos para debaixo de alguns troncos de pinheiro e me encolhi ao redor da minha irmã, que era muito menor que eu. De manhã, ela morreu. Quando a neve parou, vi que tínhamos nos abrigado embaixo do grande pinheiro no alto da colina. Estávamos muito perto de casa.

A imagem que Arrepiada evocou em seguida, do cadáver congelado da irmã na base do enorme pinheiro, pareceu exauri-la.

Por que não temos família, irmão?

Miúdo se virou para Pax.

Não temos família por causa dos humanos.

Arrepiada dirigiu os olhos dourados a Pax, em desafio.

Se ele pudesse, teria contado a ela todas as gentilezas que seu menino fazia todos os dias, mas o ódio profundo de Arrepiada pelos humanos era justificado. O que ele fez foi se mostrar solidário.

A raposa fêmea se virou e mandou o irmão entrar na toca.



— *Você vai entrar* ou estou segurando a porta para as moscas?

Peter soltou a mochila, reequilibrou-se nas muletas e observou o chalé, todo construído com troncos de árvores.

— Essas árvores cresceram aqui.

Não foi uma pergunta, mas Vola fez que sim e apontou para a colina.

— Abetos. Do alto das montanhas.

Peter tocou um dos troncos. Como seria fazer uma coisa tão… tão grandiosa? Cortar a árvore e vê-la tombar do céu azul e limpo, ir rolando as toras até uma clareira, as mãos grudentas da resina cheirosa, depois posicionar os troncos, empilhados uns sobre os outros, as pontas encaixadas (como os brinquedos que ele adorava montar no jardim de infância, as peças velhas guardadas em uma caixa grande de papelão) e, no final de tudo, ter construído uma *casa*.

— Você que construiu?

— Não. Foi antes da minha época. Agora, entre. Não tenho o dia todo.

Peter continuou parado.

— Quais são as condições? Você prometeu me dizer quando chegássemos aqui.

Vola suspirou e recuou para o bloco de granito que formava o degrau de entrada, deixando a porta de tela se fechar. Ela pegou um vidro de sementes e foi cercada por uma nuvem de pássaros que desceu das árvores. Depois de encher o comedouro que ficava pendurado em um canto, voltou-se para Peter.

— Número um: não quero que ninguém venha aqui. Se eu moro sozinha, é

por uma razão. Escreva para seu avô. Invente qualquer coisa para que não apareça gente na minha porta. Sem contar que é no mínimo justo sua família saber que você não está morto em uma vala por aí.

Peter recuou tão rápido que quase caiu. O movimento causou uma dor excruciante, e ele teve que morder o lábio para aguentar.

— Não. Ele viria me buscar. Não posso.

— A condição número um não é negociável.

Vola pegou um punhado de sementes e esticou a mão. Um chapim saiu do comedouro para pousar nos dedos dela e bicar as sementes. Vola o jogou no ar. Então, virou-se para Peter mais uma vez.

— Número dois: você vai me contar por que está carregando aquela pulseira.

Peter olhou para a mochila e sentiu o coração se contrair, como se tentasse proteger algo tão íntimo.

— Por quê?

— Porque estou curiosa. E dá para saber muito sobre um soldado pelo que ele leva para a batalha.

— Mas eu não sou um soldado. Só estou indo para casa.

— É mesmo? Pois me parece que você está indo lutar por alguma coisa em um lugar onde uma guerra está acontecendo. Mas, tudo bem, como quiser: você não é um soldado. A condição número dois ainda é que, quando eu perguntar, você vai me contar por que trouxe essa pulseira. Por que a pulseira, especificamente. E vai me contar a verdade: essa é a regra aqui. Fechado?

Peter fez que sim. O pé direito estava latejando, a perna esquerda doía por ter que sustentar sozinha o corpo, e a camisa estava encharcada de suor, por conta do esforço de ir pulando do celeiro até ali, mas, apesar de tudo isso, ele se manteve firme.

— E a número três?

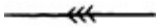
— Você vai me ajudar com uma coisa. Que cara é essa? Não se preocupe, é só um projeto que precisa de uma segunda pessoa, só isso. Só que ainda não posso dizer o que é. — Vola pegou a mochila. — Vamos. Você precisa descansar esse

pé. E deve estar com fome, sr. Não Exatamente Fugindo De Casa, ou apenas Peter Sem Taco.

De repente, Peter se viu faminto, mas mesmo assim hesitou. Ele se virou e olhou para as colinas, que o sol tingia de um azul enevoado. Pax estava em algum lugar lá fora. Ainda muito longe.

Vola apareceu atrás dele. Peter sentiu que ela tinha levantado a mão para tocá-lo no ombro, mas que desistiu.

— Sei o que está pensando — disse ela. — Mas você ainda não está em condições de ir.



O interior da casa era bastante iluminado e cheirava levemente a fumaça. Vola indicou uma mesa de pinho, e Peter se sentou. Depois de colocar um cobertor nos ombros do menino, ela saiu do cômodo e voltou com um saco plástico cheio de cubos de gelo. Apoiou o pé dele em uma cadeira e colocou o saco de gelo em cima. Com uma toalha, limpou o sangue da mão dele. Por fim, ofereceu ao menino um prato com um pedaço de pão e uma faca.

Peter pegou o prato e o colocou na mesa.

— Quanto tempo vai levar?

— Depende de você. — Ela apontou para o pão. — Que foi, suas mãos estão ruins também? Corte logo esse *diavolo*.

— Quanto tempo?

— Você só vai poder ir embora quando estiver conseguindo andar de muletas em terreno irregular durante oito horas por dia. Duas semanas, eu diria. Seis fatias.

— Você não entende. Ele não vai sobreviver!

Vola abaixou a cabeça para encarar Peter. Em seguida, apontou com o polegar para a parede atrás dele.

— Número onze.

Peter se virou. Havia vários cartões de papel presos à parede com tachinhas.

— “*A Corrente do Golfo fluiria por um canudo se o canudo estivesse alinhado com a Corrente do Golfo e não como contracorrente.*” — Peter leu aquilo em voz alta, do cartão que tinha o número *11* rabiscado. — O que isso quer dizer?

— Quer dizer: alinhe-se, garoto.

— Me alinhar?

— Aceite as coisas como são. Você está com o pé quebrado. *Quebrado*. Nosso acordo é que você vai ficar aqui até eu dizer que pode ir. Como falei, minha consciência já atingiu o limite de peso. A escolha é sua: ficar aqui até eu afirmar que pode ir ou voltar para o seu avô agora. Quer mudar de ideia?

— Não, mas…

— Então você aceitou. Agora corte o diacho do pão.

Peter pensou em discutir, mas desistiu. Estava decidido a ir embora antes das duas semanas, mas era melhor se fazer de obediente.

O menino baixou a cabeça e começou a cortar seis fatias grossas do pão, enquanto Vola jogava manteiga em uma frigideira de ferro e acendia o fogo. Sem se virar, ela apontou para uma prateleira em cima da bancada.

— Pegue alguma coisa para comer.

Três fileiras de vidros de conserva brilhavam como um arco-íris líquido em toda a extensão da prateleira. Peter leu os rótulos, todos em letras de fôrma: CEREJAS, AMEIXAS, TOMATES, MIRTILOS, MAÇÃS, ABÓBORAS, PERAS, VAGENS, BETERRABAS, PÊSSEGOS. Ao lado da prateleira havia tranças de alho seco e de pimenta malagueta, penduradas.

— Você planta isso tudo?

Vola fez que sim, ainda de costas para ele.

— As árvores ali perto do muro de pedra estão dando flores. São de quê? — perguntou Peter.

— As mais próximas do muro? Pêssego.

Ele apontou para um vidro que estava quase na ponta da prateleira.

— Pêssego — disse. — Por favor.

Vola abriu o vidro e lhe entregou um garfo.

— Hã… tem um galho aqui, sei lá.

A mulher enfiou a mão no vidro, levou o galho à boca, sugou a calda e o jogou na pia, por cima do ombro.

— É *canela*. Anda. Come. — Então, com ar satisfeito, recolheu as fatias de pão que ele tinha cortado. — Queijo cheddar ou suíço?

— Acho que prefiro o cheddar.

— Você *acha*, garoto? Não sabe?

Peter deu de ombros e espetou o garfo em um pedaço de pêssego. O gosto era tão lindo e dourado quanto a aparência.

Vola parecia estar pensando em mais coisas a dizer sobre a questão do queijo, mas ficou calada, se virou na ponta da perna de madeira e saiu pela porta dos fundos. Voltou trazendo um pedaço de queijo e começou a fazer sanduíches sem dizer nada. Peter ouvia o chiado dos pães à medida que ela os colocava na frigideira quente.

Ele observou em volta. Embora não fosse uma casa grande, não dava a sensação de ser apertada. O sol entrava abundante pelas janelas limpas, cobrindo as paredes de troncos com um brilho cor de mel. Havia duas poltronas listradas de azul e branco ao lado de uma lareira de pedra e, entre elas, um tronco cheio de livros que servia de mesa. Além das lamparinas penduradas nas vigas, outras repousavam sobre alguns barris pequenos.

Havia fotos no mármore acima da lareira, alguns quadros nas paredes e um cesto de lã perto do sofá. Por uma porta aberta ao lado da lareira, Peter viu a quina de uma cama bem arrumada e coberta com uma aconchegante colcha xadrez amarela. Uma casa normal para uma pessoa maluca, mas ainda faltava alguma coisa. Peter reparou que era tudo muito calmo ali. Um silêncio quase absoluto, na verdade, exceto pelo canto dos pássaros lá fora e pela manteiga estalando na frigideira. Mas não era esse o problema. Não exatamente.

— Ei — disse ele quando se deu conta. — Você não tem eletricidade.

Ela virou os sanduíches na frigideira.

— Até onde sei, isso não é crime neste país. Pelo menos ainda não.

Peter tentou pensar do que sentiria falta se não usasse luz elétrica, mas eram tantas coisas que ele perderia a conta se começasse. Pegou o último pedaço de pêssego, o garfo batendo no vidro vazio. Ele aproveitou que a mulher continuava de costas e bebeu as últimas gotas da calda direto do vidro.

— Espera aí. E o gelo?

— Eu tenho uma geladeira. A gás. Assim como o fogão e o aquecedor de água. Não preciso de mais nada.

Ela colocou dois pratos azuis na mesa. Peter ficou com água na boca ao sentir o cheiro da comida, mas esperou. Percebeu que Vola não tinha terminado.

— Tenho mais do que preciso — disse ela ao se sentar. — Aqui tenho paz.

— Por causa do silêncio?

— Não. Porque estou exatamente onde deveria estar e fazendo exatamente o que deveria fazer. Isso é paz. Coma.

Peter deu uma mordida no sanduíche. O queijo estava quente e derretido, e o pão, crocante e dourado.

Por força do hábito, ele tirou uma pontinha do sanduíche. Já ia esticar a mão para baixo quando lembrou: não havia raposa alguma esperando debaixo da mesa. Imaginou se naquele momento Pax estaria sentindo tanta saudade quanto ele.

— Você não se sente sozinha aqui?

— Eu vejo gente. Bea Booker, a bibliotecária. Robert Johnson, o motorista de ônibus. Eu tenho… eu vejo gente. — Vola se levantou, pegou a frigideira e colocou mais um sanduíche no prato do menino. — Coma.

E Peter comeu, pensando no que ela tinha dito sobre paz. Quando terminou, lambeu dos dedos as migalhas cheias de manteiga.

— O que você quis dizer quando falou que está fazendo exatamente o que deveria fazer? Você trabalha?

— É claro! O jardim tem dois mil metros quadrados e o pomar tem o dobro

disso. Vou plantar feijão e quiabo hoje. Talvez tenha que substituir a borracha da bomba do poço. Sempre tem muito a se fazer por aqui.

— Mas você não tem um emprego, não ganha dinheiro? Como compra as coisas? Aquelas ferramentas do celeiro, e os… e todas as suas coisas?

Vola se sentou na bancada, esticou a perna de madeira e deu uma batidinha nela com a espátula.

— O governo me dá um pouco de dinheiro todo mês, pela minha perna. — Ela jogou a espátula na pia e balançou a cabeça. — Um *diavolo* de um acordo. Pelo visto, minha perna não era tão valiosa para eles. Preferia que tivessem me avisado isso antes de me mandarem explorar um campo minado. Porque eu gostava daquela perna. Era uma boa perna; não muito bonita de olhar, talvez, mas funcionava bem. Foi com ela que corri até a cidade vizinha, eu e Deirdre Callanan, e botamos fogo no depósito de madeira do pai dela, no sexto ano. Foi com ela que chutei o sorriso da cara de Henry Valentine no ano seguinte, quando ele tentou apertar minha bunda. E por aí vai. Uma perna é um preço muito alto a se pagar. Todo dia, todo santo dia, me dói não tê-la mais.

— Por que você não colocou uma mais…?

A mulher esticou a perna de novo e puxou a barra da calça para avaliar o pedaço de madeira.

— Ah, eles me deram uma prótese. Um negócio todo complicado, eu ficava morrendo de medo toda vez que olhava para baixo. Então eu mesma fiz uma. É pesada e difícil de andar, mas eu fiz coisas terríveis na guerra, então acho que mereço arrastar essa coisa por aí.

— E você jogou fora? Jogou fora uma prótese?

Peter ficou imaginando a cara de susto do lixeiro.

— Claro que não. Eu uso. Às vezes. No momento está lá no jardim, no espantalho. Parece que os corvos morrem de medo dela.

Ela desceu da bancada e colocou na cabeça um chapéu de palha surrado, como se de repente tivesse lembrado que tinha um jardim.

— Volto antes de escurecer. Tem uma casinha anexa logo depois dos dois

cedros, com banheira e tudo. Tome um banho. A varanda é toda sua. Quer dizer, vai ter que dividir com François. Deixe a perna sempre no alto.

— Quem é François?

Mais uma vez, Peter levou um susto com a risada de Vola, que era quase um latido curto. Ela apontou com a cabeça para a porta dos fundos, que levava a uma ampla varanda cercada por tela.

— Ele deve estar dormindo lá agora, o ladrãozinho preguiçoso. — Ela foi até a porta, olhou e fez um sinal positivo com a cabeça. — Venha ver.

Peter se levantou da cadeira e pegou as muletas. Vola segurou a porta aberta para ele e indicou um cesto de madeira. O menino viu um par de olhos escuros o encarando. Inclinou a cabeça para ver melhor, e o guaxinim fez o mesmo.

— François Villon, batizado em homenagem a um dos mais famosos ladrões da história. O François original não só era ladrão como também era um poeta, e tão encantador que, toda vez que o prendiam, alguma admiradora o libertava.

Peter sorriu e se agachou para olhar melhor.

— Ei, *chuck-chuck-chuck* — chamou Peter, baixinho, usando o mesmo cumprimento que usava com Pax todas as manhãs.

O guaxinim lançou um olhar preguiçoso para ele, mas logo se virou para o outro lado e fechou os olhos, aparentemente o achando desinteressante.

— Ele é selvagem ou domesticado?

Vola afastou as palavras com um gesto, como se fossem mosquitos.

— Eu deixo a porta aberta, e ele vem quando quer. É uma boa companhia. Até dou comida a ele, mas nem precisaria, porque ele consegue se manter bem gordo sozinho. Temos um acordo sobre o galinheiro: ele deixa as meninas em paz, e eu dou um ovo a ele de vez em quando. É uma companhia. Essa é a melhor palavra para definir.

Vola apontou para a viga que sustentava o teto.

— Amanhã você pode fazer algumas flexões na barra, mas hoje não force a perna e a mantenha no alto. Acima do nível do peito é melhor. — Ela apontou para a geladeira e continuou: — Não deixe de pôr gelo de tempos em tempos.

Quero que o inchaço diminua um pouco para eu colocar o osso de volta no lugar. Para a dor, você pode tomar uma colher de casca de salgueiro diluída em água, a cada três horas mais ou menos.

— Tudo bem — disse Peter, e, exausto, se deitou em uma rede.

Vola estava saindo, mas parou à porta, virou-se e cruzou os braços.

— Que foi? — perguntou Peter.

— Só estava pensando… sobre deixá-lo para dormir aqui na varanda. Será que isso torna você o quê: selvagem ou domesticado?



Quando Pax acordou, era fim de tarde. A dor que vinha sentindo na barriga nos últimos dias tinha piorado, e, quando ele tentou se levantar, perdeu o equilíbrio, os músculos trêmulos.

Procurou no corpo algum ferimento, com uma curiosidade distante. Certa vez, quando Pax estava doente, seu menino enfiara um remédio por sua garganta. Depois de engolir o comprimido, a raposa havia notado que os sentidos estavam alterados e as reações, lentas. Era como se sentia agora.

Ele se deitou na terra fria e observou, mais abaixo, Cinzento e sua companheira saindo da toca para farejar o ar, se aliviar e ir procurar comida. Ao lado dele, Arrepiada deixou seu esconderijo, parou um instante para mandar o irmão ficar e também saiu trotando para caçar.

No último dia com seu menino, Pax tinha sentido o clima tenso e recusado a ração matinal, de forma que agora fazia três dias inteiros que não comia nada. Embora nunca tivesse visto a morte, ele entendia que era isso o que o esperava se não encontrasse comida. Pensar nesse assunto, no entanto, não produziu nele nenhuma reação de pressa ou desespero, e a ideia logo lhe escapou. O que o fez se levantar de novo, apoiando-se primeiro nas patas dianteiras e só depois erguendo o restante do corpo, foi um segundo pensamento, o de que precisava encontrar seu menino para saber se ele estava bem.

Depois de um tempo, seus pensamentos clarearam, e Pax seguiu em frente. Ao passar pela toca de Arrepiada e Miúdo, sentiu cheiro de alguma caça que

havia sido escondida debaixo da terra macia, mas o lugar estava marcado com fortes odores de perigo, então ele não cavou para procurar. Mais à frente, encontrou algumas carcaças já mastigadas e descartadas, para que os restos fossem devorados por animais mais fracos. Pax cutucou a carniça, mas só encontrou um pouco de carne no rabo de um rato — coberto de larvas, rançoso e cartilaginoso demais. Nem os corvos iriam querer aquilo.

Foi vasculhar outros restos. Abriu a boca, mas o cheiro o fez recuar. Aquilo não era comida.

Ele cambaleou para trás e enfiou o focinho em um canteiro de trevos, mordendo as folhas para limpar as sensíveis vias nasais. Engoliu as folhas e começou a comer a carniça com hesitação. Era um alívio para a barriga vazia, embora um falso alívio, pois aquilo não o nutriria. Depois de alguns punhados, o pensamento surgiu nítido outra vez: precisava encontrar seu menino.

Foi quando ouviu um animal andando pela grama. Antes que seus sentidos embotados pudessem reagir, sentiu algo pesado lançá-lo para baixo.

Miúdo pulou em cima de Pax, gritando em comemoração a sua emboscada bem-sucedida. Como Pax não se mexeu para afastá-lo, Miúdo começou a examiná-lo. Pax ficou parado enquanto a raposa menor o farejava e o lambia, fraco demais para desperdiçar energia.

Mal?

Pax fechou os olhos para evitar a luz do sol baixo e não respondeu.

Miúdo se afastou e logo voltou trazendo na boca uma minhoca, que colocou na frente das patas do amigo.

Pax se encolheu, mas os pensamentos de antes retornaram. Precisava encontrar seu menino. Se comesse, talvez conseguisse evitar a morte. Pegou a minhoca e mordeu. Desacostumado com o gosto de carne viva, teve ânsia de vômito e se virou para o outro lado.

Miúdo cavou mais uma minhoca e a largou na frente de Pax. Dessa vez, Pax se levantou e se afastou alguns passos antes de se deitar de novo.



Miúdo foi atrás dele e o cutucou.

Coma.

Pax reuniu o máximo de dominância que conseguiu.

Vá embora.

A raposa mais nova olhou para a mais velha, depois se virou e correu para a grama. Aliviado, ele apoiou a cabeça nas patas. Não tinha energia para resistir. Mas Miúdo reapareceu minutos depois, trazendo uma coisa redonda na boca. Ele largou o presente, que se abriu.

Um ovo. O aroma evocou em Pax uma forte lembrança. Certa vez, quando era muito novo, Pax tinha encontrado uma coisa oval, branca e dura enquanto explorava a bancada da cozinha dos seus humanos. Bateu na coisa com a pata, pensando que fosse um dos brinquedos do seu menino, mas a coisa rolou para o chão e se abriu, espalhando um delicioso aroma secreto.

O pai de Peter entrou quando Pax estava lambendo as últimas gotas e o expulsou dali com um tapa. Pax ficou com o quadril ardendo, mas valeu a pena. Depois disso, ele fazia uma visita exploratória à cozinha toda vez que ficava sozinho, na esperança de encontrar mais ovos. Teve sorte algumas vezes.

O ovo que Miúdo havia arranjado era menor, a casca era malhada e toda salpicada de grama seca e exalava um cheiro mais forte que os ovos dos humanos, mas não tinha como confundir. Um ovo.

Pax se levantou. Miúdo recuou para deixar que ele lambesse o recheio alaranjado. Pax lambeu cada gota que caíra na grama. Por fim, ergueu a cabeça, ansioso para agradecer.

Miúdo tinha ido embora, mas logo voltou, trazendo mais dois ovos na boca, com cuidado. Pax devorou todos. Mais duas vezes Miúdo se afastou e voltou. Pax comia, até que finalmente, com a barriga estufada por sete ovos, ele se deitou na área arenosa em frente às tocas e fechou os olhos.

Miúdo pulou para um galho retorcido acima das tocas. Esticou-se o máximo que pôde. E, enquanto Pax dormia, a raposinha maltrapilha montou guarda.



Peter reconheceu os passos de Vola — um tum seco da perna de madeira, seguido por um som mais suave do pé calçado — e devolveu a lenha ao cesto de madeira. Ele se recostou na porta e a viu bombeando água para a pia da cozinha.

— Você está evitando esse pé?

— Praticamente.

Na verdade, ele tinha se levantado pelo menos umas dez vezes para fazer flexões e erguido lenha por meia hora. Seus braços latejavam e o pé doía muito quando não estava para o alto, mas Peter não conseguira ficar deitado sem fazer nada sabendo que Pax estava lá fora.

Vola começou a lavar as mãos na pia. Sem se virar, ela perguntou:

— Escreveu o bilhete?

Peter puxou as muletas para si. Já se sentia mais seguro apoiado nelas.

— Escrevi, mas…

— Nada de “mas”. Trate de escrever para seu avô uma vez por semana. Aquele meu amigo motorista de ônibus, o que eu mencionei, Robert Johnson… se eu pedir, ele posta as cartas em pontos diferentes da rota dele. Primeira condição, lembra?

O menino tentou virar o corpo em um movimento brusco, perdeu o equilíbrio, se recuperou e tentou de novo. Dessa vez foi melhor.

— Estamos combinados?

— Sim.

— Ótimo. — Vola pendurou o pano de prato, foi até a lareira e começou a

rasgar jornal e jogar ali. — Vamos para a segunda condição, então. Aquela pulseira com pingente que você carrega. Suponho que tenha sido da sua mãe. Por que trazer aquilo? Por que justamente aquela pulseira?

Peter sentiu o corpo enrijecer. Acontecia toda vez que perguntavam a ele sobre sua mãe, como se precisasse ficar imóvel para decidir se tinha problema ou não falar sobre ela. Em geral, ele evitava o assunto com estranhos, por isso ficou surpreso quando se pegou apertando o apoio das muletas com menos força e viu a boca se abrir.

— Ela sempre usava essa pulseira. Quando eu era bebê, levantava o pulso para eu brincar com ela. Não me lembro disso, mas já vi uma foto. E lembro que ela falava sobre o pingente. É uma fênix. Um pássaro especial. É vermelho, dourado e roxo, as cores do nascer do sol, e…

— Nasce das cinzas. Eu sei o que é uma fênix.

— Isso. Mas das *próprias* cinzas. Era disso que minha mãe gostava.

— Das próprias cinzas?

— Quando fica velha, a fênix constrói um ninho bem no alto de uma árvore, longe de tudo.

Ele parou. De repente, percebeu que a casa de Vola parecia um ninho. Girou em um círculo, com as muletas, para olhar ao redor. Sim, um ninho secreto, protegido, cercado de árvores. Longe de tudo.

Então se virou outra vez para a mulher, que estava empilhando pequenos galhos. Torcia para que ela não tivesse lido sua mente.

— Aí a fênix enche o ninho com as coisas que ela mais ama. Mirra e canela, acho. E aí o ninho pega fogo, o corpo da fênix queima e um pássaro novo se ergue das cinzas do velho. Minha mãe adorava isso. Ela dizia que, por pior que fiquem as coisas, sempre podemos nos renovar.

Vola não respondeu. Riscou um fósforo, aproximou a chama das tiras de jornal e ficou vendo o fogo pegar. O brilho das chamas recém-acesas tornava seu rosto um tanto sombrio. Ela acrescentou dois pedaços de lenha, depois mais um.

— Vá praticar com as muletas lá fora enquanto ainda está claro — disse ela,

sem levantar o rosto.

Peter abriu a porta e desceu o degrau da varanda, aliviado em se afastar. Não fazia ideia do que tinha dito de errado. Morar no bosque totalmente sozinha devia deixar uma pessoa perturbada. Mas ela tinha razão em dizer que ele precisava treinar lá fora. Já havia se passado um dia, um dia inteiro. Talvez Peter realmente precisasse de um tempo para praticar e se recuperar, mas iria embora assim que pudesse.

Ele saiu do jardim e seguiu para um lugar onde o chão irregular era cheio de raízes e vegetação baixa. Demorou um longo e sofrido tempo para circular a casa. A segunda volta foi um pouco mais rápida, e na quinta ele já se sentia quase confortável, mas estava coberto de suor quando entrou.

Estava tudo muito quieto no interior da casa, exceto pelos estalidos baixos do fogo. Vola, na poltrona, costurava alguma peça amarela. O silêncio e o pôr do sol — que pareciam encher a casa de paz, como se tudo estivesse certo no mundo — de repente pareceram irônicos a Peter.

Estava tudo *errado* no mundo; mais um dia tinha se passado com Pax sozinho por aí. Mais uma noite se aproximava, e Pax podia estar passando frio. Provavelmente com fome e com medo também. E se não tivesse encontrado água?

Peter fez um movimento brusco ao avançar pela sala, e uma das muletas se prendeu no tapete. Teve que apoiar a outra na parede para não derrubar um lampião.

— Passos mais curtos. Com o tempo você pega o jeito.

— Tempo? Até lá, minha raposa já morreu. — Ele largou as muletas e despencou na cadeira em frente à mesa da cozinha. — E isso tudo para quê? Como é que isso vai funcionar?

Vola deixou a costura de lado.

— E eu lá tenho bola de cristal? — Ela foi até a varanda e voltou com um saco de gelo. Apoiou o pé de Peter em uma cadeira e posicionou o gelo em cima. — Não tenho as respostas que você quer.

Ao ver o pé quebrado, o menino se lembrou de tudo que não podia fazer naquele momento. Virou o rosto.

— Por quê? Você não é uma grande sábia e tal? Morando aqui sozinha com seu… com tudo isso. — Peter apontou com o polegar para o amontoado de anotações presas no quadro atrás dele. — Todos esses cartões com frases filosóficas idiotas? Você devia ser no mínimo sábia. Ou bruxa, sei lá.

Peter quase não reconheceu a si mesmo, falando com a mulher daquele jeito. Sentia como se estivesse em curto-circuito: como se seus impulsos estivessem falando por ele sem passar pelo cérebro. O menino não estava onde deveria e seu pé machucado não podia levá-lo até lá, e Pax continuava sozinho no mundo.

Vola pegou um balde do armário e o colocou na pia.

— Frases filosóficas idiotas. — A mulher parecia só um pouquinho ofendida. — Estou tentando resolver minha vida. Não tenho respostas para a sua.

— Quem tem, então? E não venha me dizer que meu pai tem, porque ele anda meio ausente.

E porque foi ele que causou tudo isso. Peter cerrou os dentes para não dizer o que tinha pensado e se obrigou a respirar devagar. Não estava com raiva. Apenas frustrado. Qualquer um ficaria. De repente, algumas lágrimas ameaçaram cair — o que estava acontecendo com ele? —, e Peter esfregou os olhos.

Vola foi na direção do menino, mas pareceu mudar de ideia. Voltou e se apoiou na bancada da cozinha.

— Você está com raiva — disse ela, como se estivesse observando que ele tinha cabelo escuro ou que o sol estava se pondo.

— Eu não estou com raiva.

Apesar do que dizia, Peter teve que forçar as mãos a se abrir e respirar fundo contando até dez, como sempre fazia para se controlar. Afinal, ele não queria ser igual ao pai, que vivia com raiva, o tempo todo em ebulição, capaz de explodir a qualquer momento e machucar todos que estivessem no caminho. Os pedidos de desculpa nunca restauravam os danos.

Peter fechou os olhos com força, para segurar as lágrimas que ainda

ameaçavam cair.

— Não estou com raiva. É que eu não escolhi isso. Não fui eu que quis essa guerra. Não fui eu que fiz meu pai se alistar. Não escolhi ir embora de casa, não escolhi ir morar com o meu avô. E é claro que não escolhi abandonar o bichinho que ficou cinco anos comigo.

— Você é criança. Não tem muitas escolhas. Eu também estaria com raiva se estivesse no seu lugar. Com raiva pra *diavolo*.

— Já falei que não estou com raiva!

Peter engoliu um soluço que escapou como uma gargalhada esquisita. Estava entrando em curto-circuito de novo.

— E você é apaixonada por essa palavra, sabia? — disse ele.

— Do que você está falando, garoto?

— *Diavolo*. O que é isso, um palavrão? — perguntou Peter. — Você está apaixonada por essa palavra. — Os fios já tinham se queimado. Curto-circuito. — Se eu ainda fosse criança, diria que está tão apaixonada por essa palavra que devia se casar com ela!

Vola soltou uma risada aguda. Soou como um corvo piando.

— Tem razão! — disse ela. — Eu devia me ajoelhar nesse *diavolo* desse meu joelho destruído e pedir essa palavra em casamento!

— Devia! — concordou Peter, já meio histérico àquela altura. — Devia botar um *diavolo* de um anel no dedo dela!

Ele limpou o rosto. Vola se aproximou e se sentou em frente ao menino.

— Minha avó xingava na língua materna. Meu avô ficava louco com isso, porque não sabia falar a língua dela. Só que ele cantava músicas italianas, então… — Vola acariciou as penas que repousavam no pescoço. — Ainda levo alguns desses hábitos.

A mulher ficou quieta por alguns longos instantes, ainda o encarando. Naquele silêncio, Peter sentiu que eles estavam comunicando algo importante um ao outro. Algo sobre o túnel comprido e escuro que ele sentia se fechando ao redor.

— Eu tinha pensado que levaria uma semana para encontrar Pax, no máximo dez dias. — Ele baixou o olhar. — Mas agora…

— Pax? É esse o nome dele? Quer dizer “paz”, sabia?

Peter sabia. Muita gente falava isso.

— Mas não foi por isso que escolhi esse nome. No dia em que levei Pax para casa, deixei ele sozinho por um minuto, só um minuto, para ir pegar comida. Quando voltei, ele tinha sumido. Tinha entrado na minha mochila e dormido ali. Aí eu vi a etiqueta com a palavra “Paxton”. Eu tinha sete anos e pensei: “Paxton… é um bom nome.” Achei que soava legal, sabe? Mas agora…

— Agora o quê?

— Agora ele está sozinho por causa de uma guerra. Eu abandonei minha raposa por causa de uma guerra. Guerra, não paz. Como isso se chama? Ironia? Só sei que agora Pax é um péssimo nome. Ele provavelmente vai morrer por causa de uma guerra.

— Talvez sim, talvez não. Ele pode sobreviver. É primavera. Tem muita comida por aí, eu acho.

— Não — disse Peter. — As raposas ensinam os filhotes a caçar quando eles têm umas oito semanas de vida, e eu encontrei Pax bem antes disso. O veterinário disse que ele devia ter umas duas semanas. Ele pode passar por dez ratos sentados em pratinhos e não vai conseguir pegar nenhum. Só comia ração e os restos de comida que eu dava para ele.

— Bom, que tipo de restos? Alguma coisa que ele poderia encontrar por aí?

Peter deu de ombros.

— Ele adora manteiga de amendoim. E salsicha. Adora ovo também. A não ser que ele encontre a merendeira de alguém, vai morrer de fome. Vai conseguir encontrar água, imagino, e deve sobreviver uma semana sem comida, mas depois disso…

Peter apoiou a cabeça nas mãos.

— Eu deixei isso acontecer. Não foi uma escolha minha, mas também não lutei contra. Não sei por quê.

Mas é claro que ele sabia. Da primeira vez que o pai falou sobre abandonar Pax, Peter tomou coragem e se recusou a obedecer, mas as chamas da raiva se acenderam nos olhos do pai e ele ergueu o punho, parando no último segundo antes de acertar o rosto do filho. O gesto foi tão ameaçador que Pax rosnou, assustado.

Peter também ergueu os punhos, e a raiva que sentiu do pai o assustou mais do que a ameaça em si.

Agora, na casa de Vola, ele pensou novamente nas palavras do avô — "as maçãs não caem longe da árvore" — e sentiu outra vez o enjoo e o medo. Baixou o olhar para a mesa gasta de pinho, com vergonha do que transparecia em seu rosto.

Vola segurou a cabeça de Peter entre as mãos. Ele ficou paralisado. Depois da mãe, nunca mais o haviam tocado como um gesto de afeto, a não ser pelo ocasional "bom garoto" do pai, acompanhado de um aperto no ombro, ou o soquinho no braço por parte de algum amigo. Vola parou, como se tivesse entendido que ele precisava de um tempo, e depois voltou a tomar entre as mãos a cabeça do menino.

Era uma coisa estranha de se fazer, mas Peter não se afastou, não mexeu um músculo e nem respirou. Porque, naquele instante, as mãos firmes da mulher eram a única coisa que o impedia de desmoronar.

— Bem, isso agora é passado — disse ela. — Não é?

Ela se levantou.

— Eu posso não ter suas respostas, garoto, mas de uma coisa eu sei — continuou a mulher. — Você precisa de comida. Muita comida. Você tem doze anos, dormiu no frio e está com um pé quebrado. Vou colocar o osso no lugar. Depois, vou cozinhar alguma coisa, e você vai comer até estar satisfeito. Entendido?

Peter sentiu que, de repente, a barriga tinha virado uma cratera vazia que rosnava dentro dele.

— Sim, senhora, entendi.

Vola mexeu no armário embaixo da pia e pegou um saco de gesso. Peter observou enquanto ela jogava um pouco no balde e acrescentava um pouco d'água. Em seguida, ela lhe entregou o pedaço de pano que estava costurando antes de ele entrar.

— Levante o pé.

Vola colocou uma almofada embaixo do joelho dele e vestiu a perna com um pano acolchoado, uma espécie de meia só que sem os dedos.

Ele reconheceu o tecido xadrez amarelo. Olhou para o quarto, para ter certeza.

— Você cortou sua colcha?

— Depois eu faço outra. Você precisa do acolchoado. — Vola pegou mais um pedaço da colcha, tirou o enchimento, depois cortou o tecido amarelo em tiras e mergulhou-os no gesso. — Mantenha o pé em um ângulo de noventa graus — continuou ela, e começou a enrolar as tiras no pé e no tornozelo de Peter, até metade da panturrilha. Quando já tinha construído uma bota grossa, passou mais gesso. — Não mexa. Nem os dedos.

Vola foi até a varanda e voltou com os braços cheios. Pegou duas frigideiras de ferro, colocou uma colher de manteiga em cada uma e acendeu o fogo. Quebrou alguns ovos em uma tigela amarela e começou a misturar com leite e fubá.

Uma brisa fresca o alcançou, trazendo o cheiro de terra revirada e manteiga quente. Ele olhou para o gesso secando, o pé protegido lá dentro, envolvido pelo que um dia tinha sido a colcha de Vola.

— Desculpa. Pelo jeito como agi — disse ele, apontando com a cabeça para o quadro de frases.

— Meus cartões filosóficos idiotas. Peter Sem Taco, essas frases são só algumas coisas que acho que são verdade no mundo. Coisas universais. As que importam mesmo são aquelas que vejo que se aplicam a mim. Estas, eu guardo em outro lugar, escondido.

— Por quê?

— Por que o quê? Por que são as mais importantes ou por que ficam escondidas?

Peter deu de ombros. *Tanto faz. Os dois.* Recostou-se na cadeira, esperando.

Vola olhou para ele enquanto fatiava um presunto e colocava em uma das frigideiras. Ela pegou três conchas da mistura que tinha feito, derramou na outra frigideira e, por fim, colocou a tigela na bancada.

— Vou contar uma história.

"Quando deixei o Exército, eu não me lembrava de uma única verdade sobre mim. É isso o que o treinamento militar faz com você. Não existem mais indivíduos, só peças para eles moldarem na máquina de guerra."

Vola fez uma pausa. Continuou:

— Fiquei perdida no meu primeiro dia como civil. Perdida. Entrei em um mercado, olhei para todas as opções nas prateleiras, e toda hora eu me perguntava para quem eu estava comprando aquela comida. O que encheria a barriga faminta daquela pessoa? Um ensopado ou uma torta? Feijão ou pão? No corredor de legumes e verduras, desmoronei, porque me dei conta de que não me lembrava de nada sobre mim mesma.

Vola ficou um tempo em silêncio, os olhos fechados.

— O que aconteceu? — perguntou Peter, depois de um instante.

— Como assim?

— No mercado. O que aconteceu no mercado?

— Ah.

Ela voltou ao fogão e virou a panqueca de fubá antes de continuar:

— Manteiga de amendoim.

— *Aconteceu* manteiga de amendoim?

— Aconteceu manteiga de amendoim — disse ela, jogando as mãos para o alto. — E foi sorte. Ali estava eu, chorando no chão do mercado… era um piso de linóleo sujo, com quadrados vermelhos e brancos, nunca vou esquecer… e eu sabia que só conseguiria me levantar quando lembrasse que tipo de comida eu gostava.

Vola deslizou as panquecas para um prato azul e ficou parada. Peter achou que ela devia estar revivendo mentalmente o episódio do mercado. Que bom que ele nunca tinha visto uma cena daquelas: uma mulher adulta aos prantos largada no chão sujo de um mercado. Uma mulher maluca, sem uma perna. De repente, teve vontade de protegê-la, e torceu para que não tivessem rido dela, para que ela tivesse se recuperado.

— E depois?

— Ah. Finalmente lembrei. Eu me lembrei da minha avó me dizendo que, depois que comi um sanduíche de manteiga de amendoim pela primeira vez, eu queria comer todo dia. Então, me levantei do chão e comprei pão e manteiga de amendoim. Enchi o carrinho só disso, porque decidi que só voltaria ao mercado quando tivesse certeza de saber de alguma outra coisa que eu gostasse de comer. E eu achava que ainda levaria um bom tempo para isso.

Ela colocou o presunto no prato, acrescentou uma colherada de purê de maçã e levou até ele junto com um pote de mel.

— Coma.

Peter jogou um monte de mel por cima e deu uma garfada. Os grãos de fubá deixavam a panqueca ligeiramente crocante, e o presunto macio dava um toque salgado ao doce do mel. Ele não se lembrava de ter comido nada melhor em toda a vida.

— E demorou mesmo? — perguntou ele quando já estava na metade do prato. — Demorou muito para você se lembrar de outras coisas?

Vola tocou o gesso para ver se já estava seco.

— Está quase. Continue parado só mais um pouquinho. — Ela voltou ao fogão, cortou mais fatias de presunto e colocou mais massa na frigideira. — Demorou. Disseram que era o TEPT, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, em consequência da guerra. E eu estava mesmo doente, mas sabia que não era exatamente por ter ido à guerra. O problema foi que, lá, eu esqueci tudo que era verdade sobre mim. Foi Transtorno Pós-Traumático de Esquecer Quem Eu Era: foi isso que eu tive.

“Na época, meu avô já estava em um asilo, quase morrendo. Fui até a casa dele, que também já tinha sido meu lar, porque meus avós me criaram por alguns anos, e minha ideia era arrumar tudo.

“Era o final do verão. O pomar estava malcuidado, mas ainda havia alguns pêssegos nas árvores. Essa foi a segunda sorte que tive, depois da manteiga de amendoim. Porque de repente eu lembrei: meu Deus, eu amava aqueles pêssegos. Saía escondida no meio da noite para pegar. Eu me deitava na grama, embaixo daquelas árvores, os vaga-lumes piscando em volta e os grilos cricrilando, com um monte de pêssegos em cima da barriga, e comia até escorrer sumo para as minhas orelhas.

“Eu me lembrei disso perfeitamente, cheguei a sentir o cheiro da lembrança, a ouvir e sentir o gosto, mas não consegui descobrir como aquela garota podia ser a mesma pessoa que tinha vestido uma farda, pegado em arma e feito o que fez na guerra. Então colhi um daqueles pêssegos, me deitei na grama, mordi e… pronto. Encontrei outro pedacinho verdadeiro do meu antigo eu.”

Ela levou a frigideira até Peter e colocou mais presunto e panquecas no prato, depois voltou ao fogão.

— Pare — disse Peter.

— Parar? Bem, já acabei mesmo a história.

— Não, eu quis dizer que já está bom de comida — disse Peter. — Obrigado.

Mais uma vez, Peter desejou que sua raposa estivesse embaixo da mesa. Mais uma vez, ele se perguntou se Pax estaria com fome. Teve a curiosa sensação de que não, de que pelo menos aquela noite Pax tinha comida na barriga.

— E depois disso você ficou bem? — perguntou ele, pegando mais uma garfada.

Vola colocou a frigideira na pia e voltou, sentando-se em frente a ele à mesa.

— O que uma pessoa gosta de comer? Isso é um detalhe. Eu estava perdida, precisava descobrir *todas* as coisas verdadeiras sobre mim mesma. Desde as pequenas até a maior de todas: descobrir no que eu realmente acreditava.

Peter achava que sabia o que viria.

— A guerra, por exemplo. Agora você é contra a guerra, não é?

Vola apoiou o queixo nas mãos.

— É complicado. Sou *a favor* de que se fale a verdade sobre o assunto. Sobre o preço que se paga pela guerra. As pessoas deviam falar a verdade sobre as consequências da guerra. Eu demorei muito tempo para descobrir. — Vola se recostou na cadeira. — Mas não foi só isso. Tive que redefinir tudo que era certo e errado para mim. Mas eu não conseguia, porque o mundo era barulhento demais e não me deixava ouvir os meus próprios pensamentos. Então, fui morar na casa do meu avô. Decidi ficar até saber de novo quem eu era.

Peter olhou para as compotas de pêssego na prateleira acima e se lembrou das árvores em flor no pomar.

— E você ainda está aqui — disse ele. — Essa é a casa do seu avô, não é?



O sol brilhava em meio à nevoa da manhã. As duas raposas estavam viajando fazia algumas horas, mas Cinzento era lento e parava a todo instante para descansar. Por isso, só agora tinham chegado à base do vale. Durante a maior parte do trajeto, Pax acompanhava a raposa mais velha, em sinal de respeito, mas às vezes tomava a liberdade de sair correndo a toda velocidade por longos e gloriosos minutos, até dar meia-volta.

Ele nunca havia corrido antes, não de verdade. Já tinha disparado pelo contorno do cercado ou pelo jardim dos seus humanos, mas correr pelo vale era diferente: as patas esticadas, já curadas da queimadura, tocando o chão de leve só para pegar impulso enquanto ele percorria trechos cada vez maiores do gramado.

A refeição do dia anterior tinha apurado seus sentidos e fortalecido seus músculos, mas àquela altura já não restava nada dos ovos na barriga, e os cheiros do vale quente despertaram nele uma fome violenta. Haveria comida onde os humanos estivessem.

Quanto falta?

Dois dias de viagem. Cinzento descreveu um lugar de muros de pedra onde a terra tinha um cheiro leve de alcatrão e cânhamo, um lugar cercado por um rio. *Vamos chegar quando o sol estiver se pondo. De lá, viajamos mais um dia e chegamos aos povoados humanos.*

Pax não lembrava o que eram povoados humanos. Não lembrava o que era

um rio. De sua casa, ele se lembrava da porta enorme. Lembrava-se dos carvalhos ao redor, dos vestígios abandonados de um jardim em que ele nunca tinha permissão para entrar, dos sons de uma rua. Ele achava que outros humanos moravam naquela rua, mas nunca os tinha visto. Essas lembranças estavam ficando mais fracas, assim como a lembrança de ficar dentro de um cercado. Não lembrava mais como era o céu visto através dos buracos hexagonais da cerca.

Mas do seu menino ele se lembrava. Dos olhos castanhos com as estranhas pupilas redondas, e que Peter, quando estava feliz, fechava os olhos, jogava a cabeça para trás e emitia uma espécie de uivo. A raposa se lembrava do pescoço salgado do seu menino, às vezes com cheiro de suor e outras vezes de sabonete, e das mãos sempre em movimento, com o aroma de chocolate (que Pax adorava) e do couro da luva de beisebol (que ele odiava).

Durante a viagem, Pax refletia sobre o enigma do aroma do seu menino: o aroma que ficava embaixo dos outros. Ficava entre a dor e a saudade, brotando de um sofrimento forte por algo que Pax nunca conseguira definir.

Às vezes, no ninho do seu menino, Pax sentia aquele cheiro de dor-saudade com tanta intensidade que sufocava todos os outros, mas o menino não fazia nada para conquistar o que tanto queria, fosse lá o que fosse. Sempre que captava aquele odor, Pax saía correndo de onde quer que estivesse e encontrava Peter deitado na cama, o rosto marcado por sulcos grossos, agarrado a objetos que ficavam escondidos na gaveta de baixo da cômoda. Pax esfregava o focinho na manga da camisa de Peter ou começava a puxar as cortinas, depois fingia perder o equilíbrio e cair no chão — qualquer coisa que fizesse seu menino ir brincar com ele. Mas quando o cheiro de dor-saudade ficava muito forte, nenhum dos truques dava certo. Nesses dias, Peter o expulsava do quarto e fechava a porta.

Ao se lembrar disso, Pax teve vontade de correr de novo, mas não pela alegria do movimento.

Essa guerra que está chegando… Tem certeza de que vai destruir tudo no

caminho? Mesmo os jovens?

Tudo. Vai destruir tudo.

Pax cutucou o focinho de Cinzento, com urgência mas de forma respeitosa. A raposa mais velha observou a mais nova por um momento, depois saiu trotando. As duas atravessaram a extremidade pantanosa do vale e subiram os penhascos, agora lado a lado.

Pararam quando chegaram ao alto. Cinzento estava ofegante. À frente, pinheiros muito altos prometiam extensas poças de sombra fresca, mas as marcas onde estavam eram fortes: o desafiador caçava naquele território, e havia uma ameaça inconfundível no cheiro dele. Quase de imediato, ouviram ressoar no chão o leve staccato de patas correndo na direção deles. Pax e Cinzento foram praticamente pegos de surpresa quando a raposa castanha saiu do meio da vegetação, o focinho repuxado em um rosnado e a cauda balançando.

Pax se encolheu, mas Cinzento avançou com calma, o corpo abaixado para não demonstrar agressividade.

Só estamos de passagem.

O desafiador ignorou o cumprimento pacífico e saltou sobre a raposa velha, atingindo Cinzento no flanco, com força, e imobilizando-o no chão enquanto afundava os dentes no pescoço fino dele.

Ao ouvir Cinzento gritar de dor, os pelos de Pax se eriçaram e seus batimentos aceleraram. Os músculos latejaram com uma fúria que ele só tinha sentido uma vez, nos primeiros dias com seus humanos: quando o pai de Peter levantou a mão para o menino, Pax cruzou o cômodo correndo, sem pensar, enfiando os dentinhos de filhote na perna do homem. Agora, assim como na ocasião, suas costas se arquearam e um rosnado grave soou no fundo da garganta.

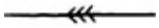
O desafiador se virou, surpreso, e Pax partiu para cima dele como pôde. Os dois rolaram engalfinhados, dentes mordendo a carne macia das orelhas, patas traseiras afundando no pelo macio da barriga, como apoio para os movimentos. A raposa castanha tinha mais experiência, mas Pax tinha a força do instinto de

proteção. Quando os dentes de Pax encontraram o pelo do pescoço do outro, o desafiador se levantou às pressas e recuou um pouco, choramingando.

Pax pulou na frente de Cinzento, protegendo-o como tinha feito com seu menino tanto tempo antes. Estufou o peito e rosnou, dando o aviso. O desafiador recuou ainda mais.

Pax se sacudiu, para tirar o excesso do sangue que saía dos muitos arranhões, e foi limpar o ferimento do amigo. Tinha sido profundo. Ele pediu que Cinzento desistisse da viagem.

Não. Vou em frente.



Os dois caminharam durante uma hora por um bosque de árvores esparsas, mantendo o ritmo constante. Pax andava devagar para acompanhar o passo do amigo ferido, mas se sentia satisfeito porque pelo menos estavam em movimento. Quando um bando de corvos pousou nos galhos nus de uma nogueira, Cinzento parou e se sentou na base da árvore, orelhas em pé, atento.

Pax esperou, mas sem paciência. Depois de um tempo, a raposa velha uivou para ele.

A guerra está se aproximando.

Como você sabe disso?

Os corvos. Escute.

Pax inclinou a cabeça. Outras aves desceram berrando para os galhos inferiores, depois bateram as asas de novo para poleiros mais altos, girando alvoroçadas.

Eles estão transtornados.

Os corvos encolheram os ombros, eriçaram as penas, sacudiram e baixaram o bico. A agitação deles deixou Pax com os nervos à flor da pele.

Tumulto.

Prestou mais atenção, e o que sentiu o alarmou. Tentou descrever: ar engasgado de morte. Fogo e fumaça. Sangue em um rio, a água correndo

vermelha, a terra encharcada de sangue. Caos.

Está tudo se desfazendo. As fibras das árvores, as nuvens, até o ar está se desfazendo.

Sim. Guerra. Onde?

Pax sintonizou consigo mesmo mais uma vez.

No oeste. Ainda distante, mas está chegando perto. E agora um grupo pequeno de doentes de guerra chegou do sul para alcançá-la.

Do sul.

Pax ficou andando de um lado para o outro enquanto Cinzento tentava se levantar. Mais uma vez, Pax propôs ir sozinho, mas Cinzento mais uma vez se recusou a voltar para casa. Mais uma vez, eles partiram, e mais uma vez o ritmo foi mais lento do que Pax gostaria. Só pararam para comer larvas e frutas silvestres, e, nessas ocasiões, Pax farejava o ar à procura de algum rastro do aroma do seu menino, do mais leve som da voz dele. Nada. Nada.

Ele levantou o focinho no ar e uivou uma única nota dolorosa.

Fazia muito tempo que não via seu menino. Antes disso, eles nunca tinham passado mais da metade de um dia separados. Peter geralmente saía de manhã, e Pax ficava andando de lá para cá no cercado, cada vez mais aflito, até de tarde, quando Peter voltava para casa com o cheiro de outros humanos e o bafo estranho do grande ônibus amarelo que o trazia. Pax via que seu menino estava bem, examinando-o em busca de algum sinal de ferimento, e só depois disso é que ele relaxava e ia brincar.

A tarde caíra. Pax uivou de novo, e, dessa vez, Cinzento ergueu a voz em um eco sofrido. Porém, quando Pax voltou ao caminho para seguir viagem, Cinzento hesitou.

Pax percebeu que Cinzento precisava descansar, então levou a raposa ferida até um círculo de sombra embaixo de um pinheiro. A raposa mais velha apoiou a cabeça nas patas e adormeceu antes mesmo de Pax terminar de se limpar.

Enquanto vigiava, Pax se imaginou reencontrando seu menino e fazendo as coisas de que eles mais gostavam: rolar juntos no quintal, brincar de caça,

explorar o gramado e o pequeno bosque. Ele se lembrou das maneiras como seu menino o recompensava: dava grandes sorrisos de recepção, coçava o pescoço dele, os dedos fazendo uma força satisfatória. Lembrou-se da paz que sentia ao se deitar aos pés do seu menino em frente à lareira.

As lembranças o acalmaram tanto que Pax cochilou pensando nos dedos de Peter massageando a pele entre suas omoplatas. Foi tão real que seu pelo se eriçou. Até que uma brisa trouxe um aroma que o despertou na mesma hora.

Carne. Carne sendo assada, como seus humanos às vezes faziam no quintal. Seu menino lhe dava pedaços da carne, pingando gordura, e Pax passava dias remexendo a área cheia de cinzas, em busca de restos. Até os ossos queimados eram tesouros para ele.

Pax se levantou para farejar melhor. Sim, carne assada. Cutucou Cinzento, que dormia.

Tem humanos por aqui.

Depois do descanso, Cinzento teve mais facilidade para andar, e os dois seguiram caminho em um ritmo intenso. Quando estavam quase chegando, Pax disparou na frente. Seu corpo era leve, tendo perdido gordura por causa dos dias sem comer. Correu como as raposas nascem para correr, o corpo compacto disparando a uma velocidade que fazia a pelagem ondular. A alegria recém-descoberta da velocidade, a tensão da noite chegando, a esperança de reencontrar seu menino: tudo isso fez dele uma criatura a disparar por entre as árvores como fogo liquefeito. A gravidade não podia tocá-lo. Ele poderia correr para sempre.

Até que, na saída do bosque, viu à frente um rio largo. E, atrás do rio, um campo, plano até certa distância e depois subindo até enormes muros de pedra já quase em ruínas. O sol estava se pondo. Havia um grupo de homens reunido perto dos muros, comendo ao redor de uma fogueira. Atrás deles, via-se um amontoado de barracas montadas e alguns veículos grandes.

O vento tinha passado a soprar na direção leste. A fumaça da carne ainda pairava pesada no ar, mas, dos humanos, Pax só conseguia capturar um cheiro geral. Ele correu para um lado e para o outro ao longo da beira do rio, frustrado,

mas não importava a direção: não conseguia diferenciar o aroma de cada humano separadamente.

Ao menos Pax sabia que seu menino não estava ali. Nenhum daqueles humanos tinha a forma magra dele, nenhum se movia com a mesma energia veloz, nenhum se portava como Peter: ereto, mas com a cabeça ligeiramente para baixo. Ficou aliviado, pois os outros odores que vinham do acampamento dos humanos — fumaça, diesel, metal chamuscado e um estranho odor que era escuro e elétrico — indicavam elementos dos quais ele teria afastado seu menino.

Mancando, Cinzento saiu do bosque e se deitou na margem do rio, ao lado de Pax. Os dois ficaram observando os homens, que tinham terminado de comer, mas continuaram ao redor do fogo, conversando e rindo.

Eles estão doentes de guerra?, quis saber Pax.

Não agora. Agora estão em paz. Eu me lembro dessa paz. A velha raposa encolheu as patas embaixo do peito. *No fim do dia, os humanos com quem morei se reuniam como esses aí.*

De repente, Pax lembrou: também já tinha visto cenas parecidas. Não aconteceu por muitos anos, mas às vezes, no fim do dia, seus humanos se sentavam juntos no ninho do seu menino. O pai colocava no colo uma caixa dura, achatada e fina, feita com muitas camadas de papel. Papel — como o da cama de Pax, mas não rasgado, e com muitas marcas. Os humanos puxavam as camadas, uma a uma, e as estudavam. Pax lembrava que seus humanos ficavam unidos nessas noites, e, com a harmonia deles, podia baixar a guarda.

Pax teve uma sensação estranha, como se o peito já não fosse mais suficiente para o coração caber.

As duas raposas se viraram para os homens. Alguns ainda estavam agachados ao redor do fogo, enquanto outros andavam com lamparinas entre os equipamentos e as barracas. Quando a noite caiu, os últimos homens se levantaram. Terminaram de beber o café, jogaram terra nas chamas e entraram nas barracas.

Cinzento também se levantou e foi mancando colina acima até a proteção de um largo tronco de cicuta. Andou em círculo e depois se encolheu no chão coberto de agulhas de pinheiro, o focinho aninhado embaixo da cauda.

Com o cheiro de carne, Pax tinha ficado tão faminto que não conseguia descansar. Foi até a beirada do rio. A correnteza estava fraca. Ele mergulhou a cabeça e bebeu um pouco de água, depois pulou para uma pedra, escorregadia de musgo mas firme no solo. Em seguida, com o olhar fixo no brilho das brasas se apagando, escolheu. Um pulo, um espirro de água, e mais uma vez seu corpo fez algo que nunca tinha feito, mas que era da sua natureza: nadou. Logo subiu pela margem e se sacudiu.

Não vinha movimento nem som das barracas. Pax seguiu em silêncio pelo campo e subiu a elevação. Contornou o acampamento, cada vez mais perto das cinzas da fogueira.

A sensação de perigo era forte. Ele precisava se forçar para não sair correndo. Afinal, só estava acostumado com seus dois humanos: o que ele amava e o que tolerava. Várias vezes ele se aproximou do ponto onde tinha sido acesa a fogueira, sentiu o cheiro de carne misturado ao cheiro ameaçador de doentes de guerra e recuou de um pulo.

Não resistiu ao ver um osso de porco descartado, ainda perfumado de gordura. Avançou. Enquanto engolia a carne, cheia de cinzas mas ainda quente, o ruído de lona o assustou. Ele ficou imóvel.

Um homem saiu de uma barraca. Com a silhueta delineada pela luz da lamparina, ele se espreguiçou, e uma sombra comprida serpenteou até cobrir a raposa atenta. O homem se virou e se aliviou em um arbusto. O cheiro da urina dele alcançou Pax, que se eriçou em alerta intenso.

Era o pai do seu menino.



— *Chega*.

Ao ouvir as palavras e sentir a mão de Vola no ombro, Peter ficou aliviado. O pé latejava, os ombros doíam e as axilas estavam tão esfoladas que sangravam. Após dois dias do Campo de Treinamento Vola — o nome secreto com que ele batizara as sessões de tortura que incluíam escalar de muleta a colina, se arrastar por um terreno pedregoso e subir montanhas de feno equilibrado em um pé só —, ele estava esgotado. Ao olhar para a casa, não sabia se conseguiria chegar até lá.

Porém, acima do telhado, viu as colinas cobertas de nuvens carregadas. A noite logo cairia. Pensou em Pax, molhado e com frio.

— Eu posso continuar.

— Não. Se forçar demais, você vai jogar fora todo esse esforço.

Peter concordou e deu um passo na direção da casa.

Mas Vola o deteve.

— Ainda não — disse ela, apontando para o celeiro. — A terceira condição.

O celeiro parecia estar a uma distância impossível. Peter olhou de novo para a casa. Queria se jogar naquela rede. Bateu com as pontas das muletas no solo, em um show deliberado.

— E qual é ela?

— Nada de mais. Você vai controlar uns bonecos para mim. Marionetes. Acha muito?

— Marionetes? Não estou entendendo.

— Sabe o que são?

— Claro. — Ele rememorou os que já tinha visto de perto, em uma feira de rua, quando era pequeno: os personagens Mister Punch e Judy, com queixo comprido e nariz fino. Com o olhar morto, magrelos como ratos famintos. Os bonecos eram puxados pelo palco em movimentos bruscos que lhe renderam semanas de pesadelos. — O que tem?

Vola o observou por um momento antes de responder:

— Outra parte verdadeira de mim que recuperei: lembrei que fazia marionetes para minhas sobrinhas quando eu era adolescente. E que amava entalhar madeira.

Ela puxou dois lenços do macacão e os entregou com um suspiro.

— Enrole isso nos apoios. Você ainda está se pendurando nas muletas. Tire o peso das mãos, criança. Distribua o peso pelos braços, mesmo quando estiver parado.

O inesperado tom afetuoso de Vola o desarmou. Em um minuto, ela estava aos berros, mandando-o fazer doze flexões ou apontando o dedo na cara dele para avisar que não deveria baixar demais o corpo. Era confortável assim. Era como estar em casa. Mas, no minuto seguinte, ela passava unguento nos ombros doloridos dele, ou lixava as farpas das muletas, ou parava o que estava fazendo para preparar uma caneca de chocolate quente para ele. Nesses momentos, Peter percebia como ela estava se dedicando para torná-lo forte e independente, o que o fazia se sentir culpado.

Era como ele se sentia agora mesmo, enrolando o tecido macio nos apoios de mãos. Por isso, falou o que achou que ela queria ouvir:

— Suas sobrinhas deviam ficar muito felizes em ganhar presentes tão legais.

Só que ele duvidava muito daquilo. As tais sobrinhas deviam ter jogado no lixo os bonecos esqueléticos de olhos mortos assim que ganharam. Nada de pesadelos.

Vola deu de ombros, mas Peter notou que, no fundo, ela ficou satisfeita ao ouvir aquilo. O sentimento de culpa diminuiu. Ele apoiou o peso do corpo na

palma das mãos machucadas e a acompanhou até o celeiro. Na porta, parou para inspirar o ar frio; cheirava a madeira, feno, óleo de linhaça e verniz. Só cheiros bons, pensou, separando-os mentalmente. E excelentes quando juntos. Ele entrou.

Vola cruzou o celeiro até a parede coberta pela aniagem. Peter ficou para trás, pois aquela parede o tinha deixado nervoso no primeiro dia. Quando ela puxou o tecido para o lado, ele quase perdeu o equilíbrio, como se tivesse atingido no peito pelo que viu. Os bonecos, ou melhor, as marionetes — agora ele via que eram marionetes, penduradas na parede —, eram de um realismo assustador, mas totalmente diferentes de qualquer coisa que o menino já tivesse visto.

Peter chegou mais perto e finalmente conseguiu falar:

— Os olhos.

— Joias da minha avó. Ela tinha uns colares enormes de azeviche. As pupilas são feitas dessas pedras. Brilham na luz, fazem meus amigos parecerem vivos.

Peter ficou em silêncio de novo, e Vola o deixou observar as criaturas penduradas à frente.

Cinco delas eram humanas: um rei e uma rainha, uma criança, um pirata (ou talvez marinheiro) e uma feiticeira. O restante eram animais. Todas as cabeças eram de madeira, quase em tamanho real e com olhos enormes, mas uma grande variedade de materiais formava os corpos. Uma tartaruga tinha o casco nas cores verde e laranja. Pedaços de pinha formavam as escamas de uma serpente. E penas: quase todas as marionetes usavam uma variedade de penas de galinha como cabelo ou adereço de cabeça, ou como capa, ou ainda como calça. Ao lado de cada marionete havia vários pedacinhos de madeira unidos com linha preta, pendurados em ganchos.

No centro da parede estava a maior das marionetes, deduziu Peter, toda coberta por um tecido especial. Quando Vola tirou o pano, o menino soltou uma exclamação de surpresa.

As asas do enorme pássaro eram magníficas, deviam ter um metro e meio de largura. Centenas de penas pretas se posicionavam em fileiras perfeitas e

graciosas; as pontas, pintadas de vermelho, pareciam lambidas por fogo. Vola tirou o pássaro do gancho e o levou até Peter.

— Quase todas as outras têm só cabeça e ombros, mas esta precisa voar — disse ela. — Fiz articulações aqui e aqui. Quando este pássaro sobe, quase dá para sentir o vento. Pode tocar.

E ele tocou. Com as pontas dos dedos, sentiu a estrutura macia, coberta de penas, depois o bico afiado de madeira, dourado. Os grandes olhos pretos da ave brilhavam. Ele baixou a mão.

— E o que eu tenho que fazer com isso?

Vola apontou para os fardos de palha.

— É melhor se sentar. Vou começar do início.

Peter obedeceu, feliz em poder descansar. Observou Vola pendurar o grande pássaro de volta e, de um nicho na parede, puxar um pequeno livro. Ela então voltou e se sentou ao lado do menino com o livro nas mãos.

— Eu matei uma pessoa.

Ela o encarou. Peter não conseguiu esconder o choque rápido o suficiente.

Vola deu um pesado suspiro de repulsa.

— Não importa que *diavolo* nos ensinam sobre aprender um ofício e desenvolver o nosso talento — disse ela. — Quem vai à guerra é para matar gente. Matar ou morrer: esse é o contrato.

Não era verdade. O pai dele, por exemplo.

“Você não vai lutar, vai?”, perguntara Peter.

Com uma risada, o pai tinha respondido que não, que ia fazer o mesmo que sempre fizera em seu trabalho: montar fiações elétricas.

Peter, no entanto, não se deu ao trabalho de corrigir Vola, porque ela tinha uma expressão devastada.

— Você matou uma pessoa.

— Devo ter matado muitas, na verdade, ou pelo menos contribuído para isso. Mas essa… essa eu vi. Depois de morta. Revirei o corpo. Tínhamos que procurar armas, qualquer coisa que pudéssemos usar.

Ela fez uma pausa.

— Era um homem. Eu me ajoelhei ao lado dele — continuou. — Tive que tocar no corpo para procurar armas. Lembro que fiquei chocada com a sensação. Mesmo sendo paramédica, era como se eu esperasse um corpo de plástico, não real. Foi como nos ensinaram a pensar no inimigo. Mas claro que ele estava… estava quente. Fazia frio, mas ele exalava calor. Como se a vida ainda estivesse evaporando do homem. E eu o estava tocando sem permissão. Eu tinha matado aquela pessoa, mas o que me perturbou foi ele ter perdido o direito de dizer sim ou não ao que lhe acontecia. Você deve achar que isso é loucura minha, não acha?

Peter sentia a boca seca. Não sabia o que dizer. Até que, de repente, ele se lembrou da terapeuta de olhar gentil.

— Deve ter sido difícil para você.

Vola olhou para ele com uma expressão que era um misto de surpresa e alívio.

— De repente, me vi desesperada para saber quem ele era. De onde vinha, do que gostava, quem o amava. Ele estava de boca aberta, como se quisesse falar comigo. Foi quando percebi: embora ele fosse homem, embora fosse branco, embora fosse de outro país, talvez tivéssemos muitas coisas em comum. Coisas importantes, mais importantes que o Exército que nos convocou. Dois, mas não dois. Só que eu o matei, então jamais saberíamos nada um sobre o outro. Vasculhei a roupa dele, mas não em busca de armas e, sim, de pistas de quem ele tinha sido.

Vola ficou calada por um tempo, e parecia tão arrasada que Peter teve vontade de desviar o olhar.

— E…

— Isto. — Ela ergueu o livro. — *As sete viagens de Simbad, o marujo.* É parte de *As mil e uma noites*. No bolso dele. Ele levou para a guerra, então devia ter um significado. Era um exemplar velho. Devia ter sido o favorito daquele soldado quando menino. Simbad era corajoso, e isso talvez desse coragem a ele. Ou pode ser que ele só quisesse lembrar que já tinha sido um garotinho, por isso

lia o livro e se sentia seguro. Uma página estava marcada: a história de como Simbad escapou do ninho da Roca. Achei que a história o tivesse ajudado a acreditar que um dia ele também escaparia e voltaria para casa.

Vola se levantou e pegou de novo a grande marionete com asas.

— A Roca. Uma ave capaz de capturar elefantes só com as garras. Olhe.

Ela levou a ave outra vez para Peter e apontou o bico para ele.

O olhar do pássaro era tão intenso que Peter se encolheu involuntariamente.

— O que quer que eu faça com isso? — perguntou ele novamente.

— O livro era tão importante para aquele soldado que ele o levou para a guerra. Pensei que, por ter lhe tirado a vida, era minha dívida contar a história que era tão importante para ele. Fiz todas essas marionetes e há quase vinte anos eu conto a história de Simbad e de como ele fugiu da Roca, aqui no celeiro.

Vola estendeu o controle da marionete para Peter.

— Agora, finalmente vou poder assistir.



Pax viu Cinzento beber água da beira do rio e recuar. As raposas descansaram por dois dias, na margem oposta à do acampamento dos doentes de guerra, mas Cinzento não tinha melhorado. Quando chegou à sombra aromática do tronco de cicuta, ele desabou, os olhos vazios e vidrados, e quase não se mexeu quando Pax limpou seu pescoço mais uma vez.

Pax achou que o ferimento estava ainda mais inflamado.

Fique escondido. Descanse.

Ele deixou Cinzento ali e subiu o rio até um local que havia descoberto, um ponto em que o corpo d'água se estreitava e a vegetação ali era mais densa, permitindo que ele se deslocasse sem ser visto pelos humanos. Da vez anterior, tivera pouca sorte na caça; a área estava lotada de ratos e coelhos, mas eles escapavam das tentativas desajeitadas de Pax de pegá-los. Além de besouros e frutas silvestres ainda verdes, pegara apenas alguns crustáceos, que Cinzento não quis.

Pax tentou por meia hora. Correu atrás de ratos silvestres ligeiros e rouxinóis saltitantes, até de uma rã que tomava sol, mas, toda vez que saltava, só mordia o ar. E a cada tentativa frustrada ia ficando mais faminto. Queria carne, tanto para si quanto para seu companheiro enfraquecido. Os aromas deliciosos que vinham do acampamento o atormentavam.

Ele pulou na água. A correnteza era forte ali, mas na metade do caminho havia três rochas encostadas umas nas outras, formando um local seguro de onde

Pax poderia observar os humanos.

Haviam chegado outros. Algumas mulheres, mas a maioria homens. Pax procurava seu menino a todo momento, porque o pai dele ainda estava ali e porque sentia que sua casa não estava distante, mas só viu adultos.

Havia muitos deles no campo agora. Alguns, perto da margem do rio, desenrolavam fios em frente ao ponto onde Cinzento estava. Isso deixou Pax tenso. No entanto, os soldados só pareciam interessados no trabalho.

Pax aprendera a rotina deles. Pela manhã, dois entravam em uma barraca que Pax pressentia estar cheia de comida. Os dois cozinhavam na fogueira, enquanto os outros doentes de guerra se reuniam para comer. Depois, todos trabalhavam no campo e nos veículos, descarregando mais e mais máquinas, mas só voltavam à barraca de comida no entardecer, quando os mesmos dois preparavam o jantar e chamavam os outros.

Agora, era o meio da tarde. Pax observou um pouco mais, para ter certeza de que os doentes de guerra estavam ocupados, e em seguida atravessou o último trecho de água, que corria sobre uma árvore caída. Com a barriga rente ao chão, foi rastejando até chegar a uma área acima da velha fábrica.

Chegando lá, observou a cena. Três homens estavam posicionados no acampamento, agachados ao redor de novos equipamentos, no lado da fábrica onde dois muros grossos se encontravam.

Os demais estavam no campo. Alguns desenrolavam carretéis de fios até os buracos que tinham cavado perto da margem do rio; outros colocavam caixas nesses buracos e cobriam com terra.

Duas duplas tinham atravessado o rio e estavam cavando buracos na margem mais distante, alguns diretamente abaixo da cicuta onde Cinzento descansava. Pax sabia que os humanos não sentiriam o cheiro de seu amigo e que ele não se arriscaria a sair dali enquanto estivessem por perto, mas mesmo assim sua pelagem estava eriçada em ansiedade. Decidiu levar Cinzento para um local mais seguro naquela mesma noite.

Pax correu até o outro lado das ruínas da fábrica, perto das barracas e dos

veículos. Lá, uma bétula se inclinava para longe do muro de pedra.

Parou de repente.

Já tinha estado naquele lugar. A árvore com o tronco descascando, os muros; abaixo, o campo cheirando a cebolas selvagens, capim-rabo-de-gato e um leve odor de alcatrão — ele reconheceu tudo. Tinha estado ali com seu menino fazia muito tempo, quando ainda era filhote.

Relembrou a cena. Galhos. Peter e mais três meninos apostavam corrida a partir dos muros de pedra, gritando e sacudindo galhos. Eles riam, mas Pax se sentira desconfortável com os galhos. Ele ia atrás de Peter e uivava para os outros meninos quando se aproximavam demais, e por isso Peter o amarrou àquela árvore. Pax choramingou e passou o resto da tarde mordendo a corda.

Seu menino já tinha estado ali! Pax farejou com atenção a árvore e a base do muro, mas não conseguiu encontrar vestígios do seu menino, apenas dos doentes de guerra. O cheiro dos doentes estava em toda parte, forte e ameaçador. Pax sentiu um aperto no estômago.

Ele observou as barracas e, quando teve certeza de que não havia movimento, correu até a barraca de comida. Chegando lá, parou, olhou em volta de novo e entrou.

Lá dentro, peças de carne pendiam acima de mesas cheias de cebolas e batatas. Uma exuberância à disposição dele. Pax tomou impulso, deu um pulo e abocanhou um pernil, arrancou-o do gancho e saiu às pressas da barraca levando na boca o pesado prêmio.

Subiu correndo a colina, por trás dos muros, e voltou a entrar no bosque denso. Chegando à beira do rio, largou o pernil no chão e comeu um pedaço daquela carne salgada. Arrancou o osso, enterrou dois pedaços grandes na terra arenosa da margem e marcou o esconderijo.

Pegou o pedaço que sobrou, muito feliz pela carne e pela gordura que alimentariam Cinzento por dias, e levou até o outro lado do rio, atravessando pelo tronco caído por onde havia passado. Fez uma pausa em um amontoado de pedras para espiar de novo o acampamento.

Os homens tinham desaparecido. Um cheiro novo, leve mas ameaçador, pairava no ar. Pax o reconheceu. Quando ele tinha um ano, o pai de Peter colocara um ventilador no quarto do menino. Pax odiou o cheiro sombrio de eletricidade que saía do fio do aparelho. Uma noite, quando o cheiro ficou ainda mais perigoso, Pax mastigou o fio, como se estivesse matando uma cobra.

Todos os seus instintos o mandavam fugir daquele cheiro ameaçador, mas Pax não iria embora sem Cinzento. De repente, viu a velha raposa sair cambaleando de sob o tronco de cicuta, seguindo para o rio.

Cinzento tropeçou. Na mesma hora, o cheiro de ar queimado subiu chiando do local como um raio vindo do solo e a margem do rio explodiu. Terra, pedra, rio e grama eclodiram em um rugido furioso, para depois caírem de volta na cratera como uma pesada chuva preta.

Pax largou o pernil e gritou para Cinzento. Um silêncio trêmulo ecoava em seus ouvidos.

Os doentes de guerra saíram de trás dos muros. Pelos gritos, Pax percebeu que estavam eufóricos. Desceram o campo correndo, entraram a toda no rio e se espalharam pela margem fumegante. Depois de horas buscando alguma coisa, voltaram para o acampamento.

Depois que o último dos doentes de guerra foi embora, Pax desceu correndo o desfiladeiro.

O grande tronco da cicuta, arrancado da árvore, estava caído sobre o peito de Cinzento. Pax cutucou o rosto sujo de terra do amigo, bateu com a pata no quadril dele. Farejou o focinho de Cinzento: estava respirando, mas parecia quase sem forças.

Pax se deitou ao lado do amigo, o corpo colado, para lhe fazer companhia. Era só o que podia oferecer, embora nada mais tivesse sido pedido.

Conectado com as lembranças finais da velha raposa, ele ouviu a música de uma ave ártica em vez dos gritos dos humanos. Em vez da névoa de cinzas que pairava sobre eles, viu uma vasta abóbada azul de céu. Em vez de sentir o solo áspero em que estavam deitados, rolou com Cinzento e seus irmãos filhotes por

uma tundra coberta de neve e salpicada de flores azuis como estrelas na noite. Ronronou com Cinzento debaixo da língua áspera da mãe prateada, sentiu o gosto do leite quente e o peso do queixo dela sobre seu crânio de recém-nascido. Por fim, a paz.

A velha raposa ficou imóvel.

Pax se levantou. Encostou a testa no focinho do amigo. Recuou e uivou, sem se importar se os doentes de guerra ouviriam. E se afastou correndo.

Dessa vez, não houve alegria no correr, mas alívio por seu corpo trabalhar para ele. Correu e correu para o norte durante o crepúsculo, para o norte durante a noite.

Quando a manhã despontou, estava entrando no território do desafiador, mas continuou correndo. A raposa castanha partiu para enfrentá-lo, mas recuou ao ver a determinação no movimento de Pax, e o deixou passar. Pax galopou penhasco abaixo, atravessou o fundo do vale e pegou a longa subida que levava à campina. Na metade do caminho, parou e ergueu a cabeça.

Três raposas o viram se aproximar. Eram familiares para ele agora: a companheira de Cinzento, ainda com a barriga inchada de filhotes, e Miúdo, que era metade do tamanho dela.

A terceira, Arrepiada, não estava perto das outras duas. O pelo brilhoso dela reluzia na base do pinheiro muito alto que se erguia na campina, onde sua irmã havia morrido.

O cheiro da morte de Cinzento estava no pelo de Pax, mas as raposas já sabiam.

Pax foi andando o restante do caminho. Quando chegou à toca de Cinzento, ergueu a cabeça e uivou notas de dor. As três raposas fizeram o mesmo em resposta.

A companheira de Cinzento se aproximou, farejou o focinho e o quadril de Pax. Os odores contaram a ela da luta, explicaram que não tinha sido o motivo da morte e narraram a explosão produzida pelos humanos, este, sim, o motivo da morte. Contaram também que Pax o protegera, que o alimentara, limpara os

ferimentos, e ela ficou grata por isso. Por fim, contaram a informação que Cinzento tinha conseguido por um preço alto demais.

Não é seguro para nós no sul?

Não é seguro.

Ela se afastou, a barriga balançando de leve.

Com a mensagem entregue, Pax se deixou cair na grama, exausto. Miúdo logo foi se instalar ao lado dele, e Pax aceitou de bom grado o carinho. Arrepiada acompanhava tudo de longe, embaixo do pinheiro.

Pax dormiu um sono agitado durante a tarde, atormentado por pesadelos em que seu menino estava preso por fios que soltavam fumaça. Quando a lua subiu no céu azul-escuro, ele enfim se levantou.

Inspirou os aromas das raposas, unidas pela dor de perder o núcleo grisalho do grupo. Ligado a elas pela mesma dor, Pax sabia que, se decidisse ficar ali no vale, seria bem-vindo, mas seus sonhos insistiam em que voltasse ao acampamento dos doentes de guerra.

Quando estava prestes a partir, sentiu Arrepiada descendo a colina. Esperou.

Aonde você está indo?

Pax repassou a ela a informação de que terra explodindo era guerra e que fios causavam morte. Expressou o medo de que seu menino passasse por fios como aqueles se fosse ao encontro do pai; expressou a determinação de protegê-lo.

Essas explosões matam humanos também?

Sim.

Ela deu uma corridinha, ficando de frente para ele.

Deixe isso, então.

Pax a ignorou. Preparou-se e saltou. Já corria quando pousou no chão.



Peter soltou a barra quando viu que Vola se dirigia ao celeiro, mancando pela chuva, e tentou disfarçar o sentimento de culpa. Vola desconfiava que ele vinha fazendo mais exercícios que o recomendado (e estava mesmo, quase sempre o dobro), o que não a deixava nem um pouco feliz.

— Um adulto saudável precisa de quatro semanas para fazer o que você está tentando fazer em uma. Vai acabar se machucando.

Ela avisou várias vezes. Em poucos dias, aquilo se transformou numa discussão recorrente entre os dois.

Ele a viu sacudir a água do corpo na porta, as tranças batendo umas nas outras, e se lembrou de Pax fazendo o mesmo, como fazem os cachorros. Será que ele estava pegando chuva? Será que ainda se sacudiria se não houvesse um lugar coberto, quente e seco onde entrar? Peter sentiu um calafrio e esfregou os braços.

— O que houve? Você parece estar sentindo dor. Seus braços estão doendo?

— Não.

Claro que estavam. Mas era uma dor boa, dava a Peter a sensação de que estava quase forte o suficiente para partir. Ele se abaixou e fez três flexões, o pé engessado apoiado no tornozelo esquerdo.

— Viu? Eu estou bem. Posso fazer o percurso de obstáculos agora? A chuva nem está forte.

— Não. O gesso não pode molhar. Vou pensar em um jeito de proteger da água antes de você sair, mas fique aqui hoje. Já fez todos os seus exercícios?

— Flexão na barra, arrastar sacos, levantar tijolos. Todos os que você me ensinou.

Vola apontou para a parede.

— Por que não treina com as marionetes, então?

“Porque esses bonecos não vão me ajudar a encontrar minha raposa”, ele teve vontade de dizer, mas só deu um suspiro profundo e fez uma careta.

Vola não se comoveu.

— Está indo bem nisso?

— Acho que sim. Quer dizer, estou.

Ele tinha treinado algumas vezes. E melhorado um pouco. As cordas não se embolavam mais, pelo menos. Só que de vez em quando os controles ainda faziam o contrário do que ele esperava, e o tempo todo as marionetes pareciam tremer, como se estivessem sendo eletrocutadas. Peter tinha perdido a paciência.

— Vamos fazer logo esse show, Vola. Daqui a pouco eu vou embora daqui. — Ele levantou as muletas, que já sentia como se fossem extensões dos braços. — Ontem subi e desci duas vezes a colina. Fiz quase seis horas de treino. Teria feito oito, mas você não deixou, lembra? Estou pronto para ir — completou.

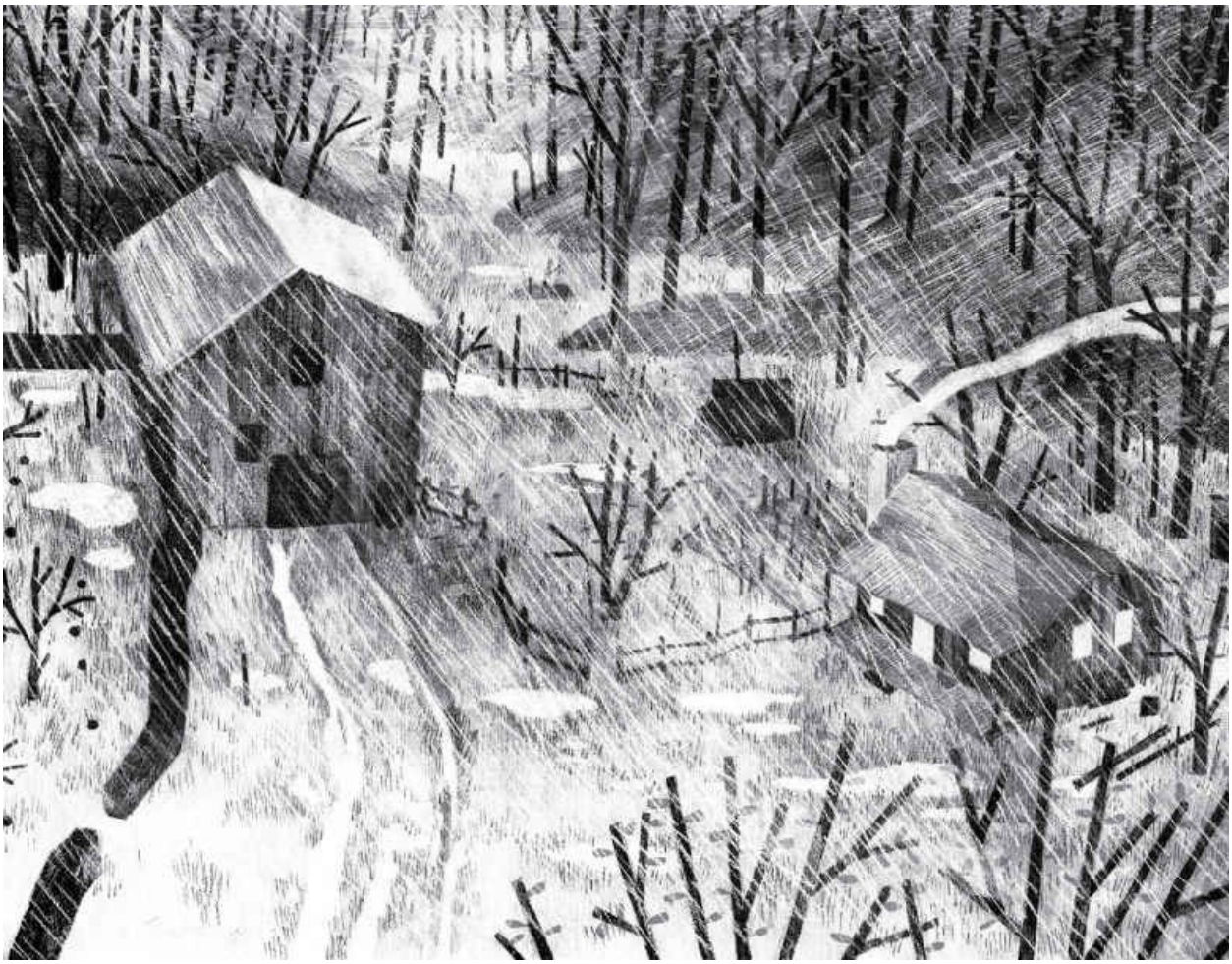
Vola colocou um punhado de pregos em um bolso do macacão e um martelo no cinto. Lançou um olhar desconfiado para ele.

— Então me mostre como está se saindo com Simbad — disse ela.

Peter deu outro suspiro, mas Vola o ignorou mais uma vez e pegou o Simbad da parede. Peter fez a marionete passar por cima de um fardo de palha e cair sobre o ovo de madeira dentro da grande tigela de metal pintada de modo que parecesse um ninho. Ele sabia que era desajeitado, mas lançou um olhar esperançoso para a mulher.

— Sério? — disse Vola, com ar de decepção. — Esse é o herói desesperado, arriscando a vida por uma chance de fugir da poderosa Roca?

Vola pegou os controles dele, e na mesma hora a marionete pareceu se transformar em carne e osso.



— Mentalize o que ele quer: fugir — começou ela, como se Peter tivesse pedido uma aula. — Baixe os braços dele e use-os para direcionar o movimento, assim, veja, meio abaixado e sorrateiro. Faça Simbad se encolher no ninho, e, quando ele estiver escondido atrás do ovo, você pode soltá-lo para pegar a Roca e fazê-la sobrevoar o ninho, vindo pelo outro lado. Pela direita, não esqueça, para os fios não se embolarem com os do Simbad. Aí a Roca desce direto para o ovo, bem devagarzinho, até os ímãs das garras grudarem nos ímãs das mãos do Simbad.

— Comigo eles não fazem assim. Por que você não coloca um espelho e conta a história você mesma?

Vola olhou irritada para ele.

— É a terceira condição, e não é opcional. Venha cá — chamou ela, levando a

marionete até a bancada de trabalho. — Ele quer se mexer. Todas as marionetes *querem* se mexer, porque eu as fiz dessa maneira. Você só precisa mostrar a elas como. Dos seus músculos para os delas, dos seus músculos para os delas.

Vola tirou a capa de Simbad e, para a surpresa de Peter, soltou os fios. Então, pegou uma chave de fenda e o desmontou até a marionete virar um monte de partes espalhadas. Por fim, estendeu a chave de fenda para ele.

Peter segurou a muleta debaixo do braço e ergueu a mão.

— Você viu o que eu fiz?

— Sim, mas…

— Só vim aqui pegar umas ferramentas. Volto em uma hora. Você não vai ter mais dificuldades depois que remontar essa marionete.

Ela largou a chave de fenda na mão do menino e saiu sem dizer mais nada.

Não foi tão difícil. Os joelhos e os cotovelos da marionete eram dobradiças simples, e os ombros e quadris tinhas as articulações feitas de bolinhas de madeira, que permitiam um movimento maior. As mãos e os pés eram presos com tiras de couro.

Com os fios foi mais complicado, mas, depois de entender que as mãos precisavam manipular o controle que se movia como uma libélula, Peter conseguiu entender o resto.

Vola tinha razão: depois de remontar Simbad, ficou mais fácil movimentá-lo. “Dos seus músculos para os delas.” De fato, ele conseguiu transmitir do próprio corpo para o de Simbad os movimentos que a mulher sugerira.

Mas não funcionou com a Roca. Peter flexionava os ombros e batia os braços, mas a ave dava algumas guinadas e logo despencava, como se tivesse levado um tiro. Os olhos cintilantes o encaravam com reprovação.

— Me desculpe, pássaro, mas não sei o que você está fazendo na história. Quer comer o sujeito? Ou quer proteger seu ovo?

E assim ele se interessou em saber a história da Roca, para entendê-la direito. Descobriu onde Vola guardava o livro de Simbad, mas, quando o puxou, ouviu um leve baque. Havia outra coisa no nicho, lá atrás.

Puxou o objeto.

Era uma lata quadrada, de um amarelo desbotado e com o nome SUNSHINE BISCUITS, as letras descascando. Ele a apoiou na palma da mão e se lembrou da velha lata de biscoitos que tinha encontrado na casa do avô, cheia de soldadinhos protegendo a foto que o surpreendera.

Tirou a tampa. Dentro havia uma pilha de cartões, com frases escritas na caligrafia que agora ele já reconhecia. Peter soube na mesma hora que tinha nas mãos os segredos de Vola, os que ela escondia. Fechou a tampa bem rápido, pois não queria invadir a privacidade dela, mas era tarde demais: tinha lido o cartão de cima.

Eu teria sido uma boa professora.

Não era uma confissão terrível e não parecia nem muito pessoal, mas mesmo assim ele lamentou ter visto aquilo. Empurrou a lata de volta para os fundos do nicho e estava justamente guardando o livro quando Vola retornou.

Ele apontou para as marionetes.

— Agora eu peguei o jeito. Vamos lá.

Mas Vola foi até a bancada de trabalho, jogou óleo em uma pedra de amolar e disse:

— Ainda não. Primeiro, precisamos de um palco. Vou montar alguma coisa quando tiver tempo.

— Palco? Você não falou nada sobre palco!

— Não dá para simplesmente botar as marionetes para se sacudirem em cima da palha. — Ela se virou e interrompeu o protesto de Peter com a mão erguida. — Escute, garoto, quero assistir à história daquele soldado como deve ser. Você vai ter que respeitar, pois isso é muito importante para mim, mesmo que você não entenda. Aliás, bem que devia entender, já que fica carregando aquela pulseira por aí. É a mesma coisa. Você está contando a história da sua mãe através daquele objeto.

— Mas vai demorar tanto…

— Não tem por que ter pressa. Você vai ficar aqui mais uma semana mesmo.

Ela voltou à bancada, se sentou pesadamente e começou a escolher ferramentas. Fim da discussão.

Peter se jogou em um amontoado de palha, emburrado. Ia acabar ficando maluco se passasse mais uma semana naquele lugar.

A palavra “maluco” o fez parar. Não achava mais que Vola fosse louca. Ergueu um pouco o corpo, apoiou-se nos cotovelos e ficou vendo-a polir as ferramentas, reparando como ela levantava e limpava cada uma com muito cuidado, colocando-a em seu devido lugar quando terminava. Nos movimentos dela havia uma determinação calma que agradava a ele. Uma previsibilidade.

François entrou bocejando, subiu na bancada e começou a se limpar, até que cochilou. Peter ficou pensando que, assim como François, ele aprendera a ficar à vontade com Vola.

O menino esticou o pescoço para ver o que ela estava fazendo. Um cabo. Tinha trazido uma enxada quebrada e estava produzindo um cabo novo para ela. Uma coisa simples, mas que parecia quase mágico. Como as muletas. Antes, ele estava impotente. Foi só Vola juntar alguns pedaços de madeira que agora ele podia percorrer quilômetros pelo campo, tranquilamente. Mágico.

Ele encaixou com firmeza as muletas embaixo dos braços, sentindo o conforto familiar da estrutura forte e firme, e foi até a bancada.

— Também quero fazer. Você me ensina?

Vola se inclinou para trás e o observou com atenção. Peter teve a sensação de que ela ficou assim por um minuto inteiro.

— Bem, não faz sentido deixar seu cérebro apodrecer — disse ela, finalmente. — Você sabe alguma coisa sobre entalhar madeira?

— “Empurre na direção oposta ao do seu corpo”. Isso eu sei.

— Melhor que nada. Mas não é disso que estou falando. — Vola pegou do cesto um pedaço de madeira e a colocou no centro da bancada. — Quem manda aqui?

— Hã?

— Quem manda: eu ou a madeira?

Peter entendeu que era um teste. Olhou para a madeira ali parada, esperando, e olhou para as ferramentas em U, tão ansiosas para cortar que pareciam tremer.

— Você. É você que manda.

Vola fez que sim, concordando. Então, selecionou um formão de ponta curva e um martelo quadrado, depois observou o bloco de madeira com o mesmo olhar de alguns minutos antes, como se estivesse tentando ler uma mensagem secreta abaixo da superfície. Bateu na madeira com o formão, e, com um estalo seco, uma lasca espiralada saiu voando para a bancada.

— E agora? — perguntou Vola, virando-se para Peter. — Quem manda agora?

O rosto da mulher não revelava nada, mas a madeira sim. O pedaço que faltava era como uma pergunta pedindo resposta.

— A madeira — respondeu o menino, com segurança.

— Isso mesmo. A partir de agora, quem manda é a madeira. O artesão obedece à madeira. Todos os artesãos são servos da arte. Quando você decide o que quer fazer, o projeto passa a ser o chefe. Você sabe o que quer fazer?

A resposta veio na mesma hora:

— Como se faz uma raposa?

Assim que as palavras saíram de sua boca, Peter se preparou para a resposta que achou que ouviria: ele deveria descobrir sozinho. Mas Vola o surpreendeu.

— Uma vez, perguntaram a Michelangelo como ele tinha criado uma de suas estátuas. Ele disse: “Eu vi o anjo no mármore e fui entalhando até libertá-lo.” Pode ser uma boa forma de ver as coisas. Claro, se você vai tentar encontrar a raposa na madeira, vai ter que começar com a madeira.

Ela fez sinal para Peter segui-la.

— Madeiras diferentes, resultados diferentes. A tília é fácil de entalhar, aceita bem os detalhes e é clara. Uso para as cabeças das marionetes. Esse pinho…

— O freixo é bom para tacos de beisebol — disse Peter. — É bem duro.

Em silêncio, Vola ficou passando o bloco de pinho de uma mão para a outra.

— Falando nisso… É sério que você não tem um taco? Você adora beisebol, mas não tem um taco?

— Sou interceptador.

— E daí? Você espera rebaterem a bola e vai buscar? Isso é só reagir. Não quer rebater também?

— Não é assim que funciona. Quando eu pego a bola, estou no controle. Não estou reagindo, estou fazendo escolhas. E eu rebato. O time tem tacos. Você não entende nada de beisebol.

— Eu posso não entender de beisebol — ela jogou a madeira de volta no cesto, dando de ombros —, mas estou começando a entender você. E acho que precisa de um taco.

Peter se virou para o cesto e passou a mão pelos blocos de madeira. Naquele momento, surgiu em sua mente a imagem de um vidro azul se estilhaçando em cima de rosas brancas. A imagem que, quando Peter estava em campo, taco na mão, ele só conseguia afastar caso se concentrasse o máximo possível nos movimentos do arremessador.

Se tivesse um taco de novo, veria aquele vidro azul estilhaçado em cima das rosas brancas toda vez que o pegasse. E seria doloroso demais.

Ele levantou um pedaço de madeira cor de mel, do tamanho que Pax tinha quando Peter o encontrara.

— Que tal este? — perguntou ele, com a respiração tensa. — Tem uma textura ondulada, como se fossem pelos.

Mordendo o lábio, Vola parecia estar se segurando para não continuar a discussão sobre o taco.

— Noz-branca — disse ela, enfim. — Bela textura. Bem macia. Estude essa peça, e amanhã começamos.

Tarde da noite, quando estava prestes a se deitar na rede, exausto, Peter viu o bloco de madeira escolhido, que tinha deixado no peitoril da janela. Quase não

pensara em Pax naquele dia. A culpa o invadiu. Estava se tornando um menino sem raposa, coisa que não era desde os sete anos.

Tinha levado bem mais tempo (um ano e dezesseis dias, para ser exato) para conseguir passar um dia sem pensar na mãe. Foi o dia em que ele viajou com a família de um amigo para acampar. Andaram de canoa pela manhã, e pescaram, nadaram e armaram barracas, e tostaram linguiças na churrasqueira para fazer cachorro-quente. Só quando ele entrou no saco de dormir sob as estrelas é que se deu conta de sua deslealdade. Naquela noite, teve medo de ser um menino sem mãe porque merecia.

Pegou a foto na mochila. O aniversário dela, a pipa. Uma das melhores lembranças. Naquele dia, a pipa nem chegara a voar. Ele tinha seis anos, e a pipa não passava do desenho de um dragão colado em palitos de picolé. Mesmo naquela idade, Peter sabia que se o pai estivesse lá, o fracasso da pipa teria estragado a tarde. Mas o pai não estava, e a mãe apenas riu, depois estendeu uma toalha na grama para fazerem um piquenique com pé de moleque e suco de uva, e inventaram várias e várias histórias sobre aquele dragão de papel — que era esperto demais para sair voando quando tantas outras aventuras o esperavam em terra.

Peter colocou a foto no parapeito, ao lado do bloco de madeira. Fechou os olhos. Precisava reviver também algumas lembranças de sua raposa.

Pax esperando na porta do cercado sempre que Peter chegava em casa, porque já reconhecia o barulho dos freios do ônibus escolar. Pax farejando a mochila em busca de talos de maçã. Pax dentro do bolso do suéter de Peter, a cabeça para fora, quando Peter o levou escondido para a escola; ele estava no segundo ano e não pensou nas consequências para o filhote, só queria aproveitar em segredo sua companhia. Houve treinamento de incêndio, e o alarme deixou Pax apavorado. Mandaram Peter para casa, e o pai ficou com raiva, mas a verdadeira punição para ele foi ver Pax tremendo e choramingando.

A melhor lembrança era silenciosa. O inverno anterior tinha sido muito frio, com longos períodos em que Peter não queria sair de frente da lareira para fazer

o dever de casa. Estava tão frio que o pai acabou cedendo e permitindo que Pax entrasse cedo na casa, para se deitar perto do fogo. Enquanto a raposa dormia, o focinho e as patas da frente ficavam tão quentes que Peter verificava toda hora. Peter se lembrava de estar lendo o livro de história e afundar a mão no pelo do pescoço do bichinho. Paz.

Ele abriu os olhos, pegou o bloco de noz-branca. E, à luz pálida da lua, viu a raposa na madeira.



Arrepiada tinha ido atrás de Pax, mas os saltos dele eram mais longos e ele correu muito veloz a noite toda, a manhã toda. Só sentiu a presença de Arrepiada horas depois, à tarde, quando chegou ao rio que passava em frente à fábrica. Entrou devagar e em silêncio em um trecho do rio cheio de juncos verdes, próximo ao local onde o corpo de Cinzento descansava. Baixou a cabeça para beber água. Depois de matar a sede, empurrou os juncos para o lado.

O campo estava deserto. Os veículos tinham desaparecido. Não havia sinal dos humanos, mas o cheiro deles estava fresco e até mais intenso do que antes. Estavam por perto, e estavam ansiosos. Pax seguiu na direção contrária à da correnteza, atravessou o rio na parte mais rasa e subiu para observar o local.

Novas marcas no chão cortavam a encosta da colina atrás das ruínas da fábrica. Como uma matilha de raposas indo para as tocas, os soldados tinham recuado para as trincheiras: alguns ainda cavavam, enquanto outros mexiam em um e outro equipamento; outros, ainda, conversavam debruçados sobre gráficos. Os veículos também tinham sido colocados atrás dos muros.

Pax refez os próprios passos: pelo topo da colina, cruzando o rio, pela margem. Mais uma vez entrou na água entre os juncos e, olhando de lá, de novo não viu nenhum humano. Um aroma sombrio de eletricidade pairava pesado no ar.

O vento mudou de direção, trazendo fumaça. Pax sentira aquele cheiro duas vezes durante o caminho, mas agora estava mais denso, mais perigoso. Mais

perto.

Pax esperava ansioso pela segurança da noite.

Mergulhou no rio e nadou só com a cabeça para fora da água, subiu a margem, sacudiu o corpo. Seguiu abaixado para o esconderijo mais próximo, um carvalho com a base rodeada de brotos, a apenas alguns saltos de distância.

De lá, avistou a vantagem de que precisava: onde o campo começava a ficar plano, um rochedo de granito roxo se projetava do chão. Vários fios passavam por cima da rocha até voltar a descer para a grama.

Pax saiu com cuidado de seu esconderijo. O chão transmitia a suas patas a mensagem de ameaça: havia mais caixas enterradas perto da margem e mais fios cruzando o campo. Desviando dos fios, ele avançou pela grama alta em movimentos tão suaves que a vegetação mal se mexia.

Na base do rochedo, Pax colou o corpo ao chão e esticou as orelhas, atento aos sons que vinham do alto da colina. Pelo ritmo regular das vozes e das ferramentas, soube que os soldados não tinham se afastado das trincheiras. A brisa continuava soprando de cima para baixo — ou seja, Pax saberia se os humanos se aproximassem.

Puxou um fio e começou a roer. Tinha quase arrancado a capa quando uma fúria de dentes o atacou por trás, lançando-o com força na rocha, sem ar. Rolou de lado para se levantar, e foi quando viu Arrepiada saltar por cima dele para o alto do granito.

Daquela altura, ela estava na vantagem.

Os corvos disseram que os humanos doentes de guerra estão se aproximando. A terra que explode, os fios de morte… deixe tudo isso para que eles encontrem.

Embora maior que Arrepiada, Pax não era páreo para a determinação dela. Cada vez que tentava pegar o fio de novo, ela o impedia com mordidas rápidas. Pax contornou a rocha, chegando mais perto da fábrica do que gostaria, a fim de se aproximar dela por cima, mas, quando ia saltar, um movimento no rio chamou a atenção dele.

Arrepiada percebeu a mudança, mas manteve o olhar fixo nele.

Os humanos chegaram?

Pax detectou empolgação na pergunta dela.

Não. Outra raposa, eu acho.

Arrepiada se recusou a se distrair.

Nenhuma raposa do vale se aventuraria fora do nosso território.

Pax se ergueu nas patas traseiras para observar melhor. E viu mais uma vez: uma coisinha cor de cobre com a ponta branca, que subia e desaparecia, subia e desaparecia, correndo na margem do rio pelo mesmo caminho que ele tinha feito para chegar até ali — o caminho que Arrepiada devia ter feito também, seguindo Pax.

Na altura dos juncos, uma manchinha vermelha. Uma raposa pequena mergulhando na água. Pax a reconheceu.

E gritou um alerta.

Só então Arrepiada se virou para olhar. Era Miúdo, saindo com dificuldade da água, no trecho perto do carvalho. No mesmo instante, Arrepiada pareceu dobrar de tamanho, se empertigando. De um pulo só, desceu do rochedo e voou colina abaixo.

Não! Volte para casa! Volte!

Ela disparou como um raio pela grama alta, mas o pânico em sua voz só fez Miúdo continuar avançando, e com ainda mais energia: ele se levantou de novo para conferir onde Arrepiada estava agora e seguiu em saltos alegres na direção da irmã.

Pax atacou o fio com voracidade, mas era tarde demais.

Tinha acabado de arrancar a capa do fio quando um cheiro sombrio de relâmpago subiu da terra. Uma descarga elétrica fez em pedaços um de seus molares, queimou o lábio inferior e a garganta e desceu rasgando a coluna.

Logo depois, uma faixa de terra foi pelos ares. Pax foi lançado da rocha, e, ao atingir o chão, todo embolado em arbustos arrancados do solo pela explosão, o mundo partido ficou mudo. O silêncio zunia em seu crânio. Petrificado pelo choque, ele viu a tempestade de terra quente, pedras, galhos e folhas cobri-lo até

se reduzir a um véu de sujeira.

Pax conseguiu se levantar, com dificuldade, e encheu os pulmões murchos de ar queimado até clarear a mente. Então se ergueu nas patas traseiras para farejar sinais de Miúdo e Arrepiada. Tentou encontrá-los em todas as direções, mas seu faro estava imprestável, os delicados nervos olfativos entorpecidos por cinzas e fuligem. Resolveu, então, uivar para os dois, mas o eco nos ouvidos ainda era o único som que escutava.

Ele saiu do monte de sujeira e se sacudiu para se livrar do excesso. Um grupo de soldados desceu a colina pela área ainda fumegante e mergulhou no rio. Quando passaram, Pax foi atrás. Cada movimento provocava um impacto de dor nos ossos.

Ele chamou de novo por Miúdo e Arrepiada, onde os tinha visto pela última vez. Não houve resposta, mas ao menos ouviu a si mesmo — a princípio, muito baixo, como se o som viesse de muito longe. Depois veio o barulho do vento, os estalos dos caules queimados conforme ele pisava nas plantas pelo caminho, os gritos ferozes dos doentes de guerra, que já voltavam para as trincheiras; e o grasnar de um bando de corvos nas árvores, expressando seu desprazer pelo mundo destruído. Pax tinha voltado a escutar.

Andou de lá para cá pelo campo por uma hora, chamando os amigos desaparecidos. Quando veio o crepúsculo, ele enfim ouviu: o guincho fraco de Arrepiada. Seguiu o chamado até a beira do rio. O carvalho estava caído na margem exalando fumaça, os galhos enegrecidos mergulhados na água.

Encontrou Arrepiada encolhida embaixo da massa de terra e raízes da árvore caída, a cabeça erguida e os olhos atentos, apesar do focinho coberto de sangue. O pelo de sua bela cauda tinha uma casca preta formada pela explosão. Pax encostou o focinho no dela. O sangue não era de Arrepiada.

A raposa fêmea baixou a cabeça. Embaixo dela estava o corpo inerte e encolhido do irmão.

Pax encostou a cabeça no peito de Miúdo, sentiu o movimento de subir e descer em pequenos espasmos e sentiu um grande alívio.

Mas então Arrepiada se mexeu e ele viu: no lugar da perna traseira da raposinha, com a bela pelagem preta e a pata branca veloz, havia apenas uma massa vermelha sobre as folhas encharcadas de sangue.



Peter esfregou o cabo do formão com um chumaço de palha de aço lubrificada, tentando controlar a imensa vontade de lançar longe a ferramenta.

A manhã tinha sido boa. Ele andou de muletas pelo campo e pelo bosque, sobre lama e cascalho, subindo colinas e descendo áreas rochosas, pulando pequenos muros de pedras e passando por baixo de cercas. Forte, incansável e quase tão rápido quanto se estivesse com os dois pés no chão. Ao meio-dia, ele disse a Vola que se sentia pronto para ir, e estava mesmo. Mas ela o ignorou, como sempre fazia, e mandou que ele fosse descansar no celeiro. Até ficou com as muletas como garantia.

“Pé para cima. Vá polir algumas ferramentas. Sentir nas mãos.”

O olhar dele pousou na escultura quase pronta sobre a bancada. A raposa não estava bem-acabada, mas parecia viva, e ele via nisso um sinal de que encontraria Pax ileso. Embora achasse perigoso ter esperanças, permitiu-se imaginar a cena. Chamaria Pax no ponto onde o havia deixado, e seu bichinho sairia correndo do bosque e provavelmente o derrubaria de tanta felicidade. Os dois iriam para casa juntos.

— Você vai arrancar esse cabo de tanto polir, garoto.

Peter deu um pulo de susto.

— Não ouvi você entrando.

— Não deixe a mente divagar quando estiver usando uma ferramenta.

Vola se sentou em um barril ao lado dele e pegou uma lima e um pano embebido em óleo.

— Eu estava pensando no Pax.

Peter colocou na bancada o formão, que agora brilhava de tão polido, e pegou a escultura. Entregou-a para Vola quando ela estendeu a mão.

— Parece que ele quer pular da mão. Você está preocupado com ele?

— Estou. Mas, na maior parte do tempo, acho que ele pode estar bem. As raposas são animais inteligentes, muito inteligentes. Lá em casa, tínhamos que trancar a porta da cozinha, porque Pax sabia abrir todos os armários. Uma vez ele mastigou o fio de um ventilador que tínhamos acabado de colocar no meu quarto. Meu pai morreu de raiva. Mas, quando ele estava tentando consertar, descobriu que o motor estava em curto-circuito. Teria pegado fogo. Acho que, de alguma forma, Pax sabia que estava me protegendo. Então por que ele não aprenderia a caçar? Você acha que ele pode sobreviver?

— Acho — disse Vola.

Peter pegou de volta a escultura e olhou no rosto da raposa.

— Tem mais uma coisa — continuou. — É que… eu saberia se ele tivesse morrido.

Então ele contou a Vola o que nunca contara a ninguém: que às vezes tinha uma conexão única com Pax; que às vezes não só *sabia* o que ele estava sentindo como também *sentia* ele próprio. Prendeu a respiração ao se dar conta de que aquilo devia parecer coisa de maluco.

Em vez de rir, Vola disse que ele tinha sorte.

— Você sabe como é viver “dois, mas não dois”.

— Tem essa frase no seu quadro. “Dois, mas não dois”. Eu não tinha entendido.

— É um conceito budista. A não dualidade. Tem a ver com unidade, com coisas que parecem separadas mas que na verdade são interligadas. Não há separações. — Vola pegou de volta a raposa esculpida. — Isto não é só um pedaço de madeira. Aqui tem também as nuvens que trouxeram a chuva que regou a árvore, os pássaros que fizeram ninho nos galhos e os esquilos que se alimentaram de suas nozes. Tem a comida que meus avós me deram e que me

tornou forte o suficiente para cortar a árvore, tem o aço do machado que eu usei. E tem também o convívio que você teve com sua raposa, o que permitiu que a conhecesse bem e a esculpisse. Isto é a história que você vai contar aos seus filhos quando der esta escultura a eles. São vários elementos diferentes, mas que são também um só. Entende?

— Dois, mas não dois. Inseparáveis. Bem… antes de ontem eu tive certeza de que Pax tinha encontrado comida. Eu senti. E ontem, quando vi a lua, eu soube que Pax estava vendo o mesmo que eu naquele momento. Você acha que, se eu *sinto* Pax vivo, ele está mesmo vivo?

— Acho.

Aquelas palavras fizeram crescer as esperanças de Peter. Vola nunca dizia nada em que não acreditasse. "A verdade: essa é a regra aqui." Ela tinha dito isso milhares de vezes.

Foi quando, de repente, se deu conta de como era importante ter uma pessoa sincera com quem contar. Quantas vezes na vida ele tinha desejado apenas isso? Para quantas perguntas precisara de uma resposta sincera e só recebera um sombrio silêncio do pai?

Então, antes que perdesse a coragem, fez a pergunta que o atormentava:

— Você acha… você acha que, se alguém tem uma parte selvagem, essa parte da pessoa pode ser domada? Se for da natureza dela, herdada?

Vola olhou para ele com seriedade. Peter sabia que ela devia estar achando que a pergunta se referia a Pax. Ele não a corrigiu, só pegou o formão de novo, colocou-o no colo e ficou olhando, segurando o cabo com força, enquanto esperava a resposta.

— Você sempre foi assim? Sempre pediu para os outros tirarem suas conclusões por você? *Hein*? Isso não funciona, garoto.

Peter respirou aliviado, porque assim que fizera a pergunta, percebera que não queria ouvir a resposta. Talvez jamais se sentisse pronto para isso.

Vola apalpou o bolso do macacão e franziu a testa.

— Já ia esquecendo.

Ela pegou um muffin enrolado em um guardanapo e o ofereceu a Peter. Ele tinha comido quatro daqueles no café da manhã, mas Vola nunca achava que era suficiente.

Peter desembrulhou o muffin. Estava meio amassado, mas, assim como nos outros, a noz-pecã estava centralizada com perfeição na cobertura de açúcar mascavo. Vola tinha ficado acordada até tarde preparando aqueles muffins, e Peter a ouvira cantando em uma língua que não reconheceu. Uma música feliz.

— Vola, por que você ainda mora aqui sozinha?

— Eu já expliquei.

— Mas vinte anos para descobrir quem você é? Sei lá… é tão difícil assim?

— É. A verdade mais simples pode ser a coisa mais difícil de enxergar quando envolve a nós mesmos. Se você não quiser ver a verdade, vai fazer o que for preciso para disfarçá-la.

Peter colocou o muffin na mesa. Ela estava fugindo da pergunta.

— Só que você sabe a verdade. Você conhece a si mesma. Então por que não vai morar em um lugar que tenha pessoas? Diga a verdade. Não é essa a regra aqui?

Ela olhou pela janela do celeiro. Seus ombros caíram e, quando ela se virou de volta, parecia cansada.

— Muito bem, Peter Sem Taco. Talvez seja *justamente* porque eu me conheço. Talvez eu saiba que meu lugar não é junto de outras pessoas. Talvez eu seja uma bomba.

— Como assim, uma bomba?

— Como você chamaria uma pessoa que um dia é uma menina comendo pêssegos e vendo vaga-lumes e, no outro, uma mulher que mata um homem? *Hein*? Aquela menina teria cortado o próprio braço para não ter que machucar um único vaga-lume, mas, anos depois, matou um completo estranho. Eu chamaria essa pessoa de arma. Sou uma arma imprevisível e letal. É melhor eu ficar escondida aqui, onde não posso machucar ninguém, nem por acidente.

Ela levantou a mão e apontou os dedos para ele: *bum!* Mas, dessa vez, o gesto

parecia triste em vez de ameaçador.

— Você não me machuca — disse Peter.

— E como sabe que não vou machucar?

— Sabendo. — Ele deu um soco no peito e completou: — No coração.

Vola bateu com as palmas das mãos na bancada e se levantou.

— Guarde as ferramentas na ordem certa — murmurou ao sair.

Da janela, Peter observou-a voltar para a casa. Parecia ter alguma coisa diferente no seu jeito de andar — como se aquela perna de pau tivesse ficado ainda mais pesada.

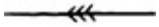
Uma a uma, Peter guardou as ferramentas limpas nos respectivos estojos e, por fim, enrolou a lona. Sentiu a velha ansiedade se acumulando na base da cabeça. Estava preso ali fazia mais de uma semana. Já teria ido embora se não fosse a terceira condição. Ele prometera, portanto devia aquilo a Vola, mas naquela manhã, quando perguntara sobre o palco, ela apenas dera de ombros, respondendo: “Uma hora eu faço.”

De repente, a solução surgiu, tão ridiculamente simples que ele riu alto.

Sem as muletas, Peter voltou a ficar desajeitado e lento, mas conseguiu sair do celeiro aos pulinhos. Foi até onde Vola deixava uma pilha de madeira e escolheu doze galhos compridos e retos, cada um da grossura do seu braço. Um a um, jogou-os na porta do celeiro, depois os colocou para dentro. Então, apoiou os galhos no cavalete do serrote, cortou os ramos e começou a trabalhar.

Duas horas depois, ele tinha um palco. Não era lá muito bonito — os cantos estavam meio desencontrados e presos com barbante, pedaços de madeira de tamanhos diferentes presas na moldura para formar as paredes e o piso —, mas, quando ele colocou por cima um pedaço de aniagem, abriu um sorriso.

— Moleza — Peter comentou com François, que tinha entrado e parado ali para farejar a construção do menino, em admiração evidente. — Moleza.



— Eu fiz o palco. Está no celeiro.

Vola parou de depenar a galinha que tinha nas mãos e ergueu o rosto. Olhou para o galho no qual Peter estava apoiado e apontou para as muletas, apoiadas na bancada da cozinha.

Peter pegou as muletas. Logo que as posicionou debaixo do braço, sentiu o conforto que lhe proporcionavam.

— Já posso fazer o show de marionetes. Venha.

— Tenho trabalho a fazer. Mas tudo bem: hoje à noite.

— Depois disso eu posso ir embora, Vola. Sei que estou pronto.

Ela colocou a galinha na mesa e suspirou.

— Você não está pronto. Tem dormido dentro de casa, protegido e aquecido. Tem água limpa e comida pronta. Mas tudo bem, amanhã vou fazer um teste com você. Quinze quilômetros. Chegando à metade disso, você vai me mostrar que consegue montar um acampamento com uma perna só. Na volta a gente conversa.

Vola pegou as penas da galinha e as guardou em uma bolsa. Naquele momento, ao observá-la, ele percebeu: nada mudaria depois que ele fosse embora. Vola guardaria as penas, faria suas marionetes sozinha no bosque, mais e mais marionetes, e contaria a história do soldado para ninguém.



De um arbusto não muito distante, Pax passou a noite toda e parte do dia seguinte observando Miúdo. Só se afastou para aliviar a dor do lábio queimado na lama fria do rio e se alimentar dos pequenos peixes que encontrou mortos na margem. Com o olfato recuperado, ele farejava em busca de Arrepiada e Miúdo sempre que acordava de um de seus cochilos inquietos, para ter certeza de que ainda estavam vivos.

Arrepiada tinha arrastado um pouco de vegetação até a árvore caída, para cobrir o irmão, e acomodado o corpo sobre o dele para mantê-lo aquecido. Só o deixou algumas vezes, mas, quando ela se ausentava, Pax assumia o posto ao lado do corpo imóvel de Miúdo. Estava lá quando Miúdo finalmente acordou, com um choramingo.

Acariciou o ombro dele com o focinho, para reconfortá-lo. Miúdo levantou a cabeça. A dor e o medo eram como nuvens sobre seus olhos. Quando ele deu outro gritinho, Arrepiada, que estava caçando ali perto, voltou correndo até o irmão.

Pax recuou, respeitoso, mas Arrepiada só se deitou junto ao irmão, o rosto colado ao dele. Pax se inclinou até o ferimento de Miúdo e lambeu com cautela, por medo de como Arrepiada reagiria. Ela observou, mas não protestou.

Pax, então, fez uma boa limpeza no ferimento. Miúdo o observava com um olhar confiante e não se encolheu. Quando Pax terminou, limpou o rosto e as orelhas de Miúdo. E Arrepiada permitiu.

A raposinha adormeceu novamente, mas Pax permaneceu ao lado dos dois. Juntos, ele e Arrepiada observavam as movimentações no acampamento.

Apesar de os humanos não terem voltado para a parte destruída do campo, os cheiros eram ameaçadores. Quando o vento trazia o cheiro de terra queimada, os homens pareciam mais tensos. Mais deles haviam chegado ao acampamento, com mais máquinas. O rugido repentino de um motor ressoou, fazendo Arrepiada pular de susto. Mas logo ela voltou a deitar a cabeça sobre a do irmão.

Tenho que tirá-lo logo daqui.

Os humanos não sabem farejar. Se não nos virem, não corremos perigo.

Arrepiada olhou para ele e depois para os homens.

Estaremos em perigo enquanto houver um único humano por perto.

Arrepiada parecia diminuída, como se uma parte vital dela tivesse desaparecido. Pax não entendia por quê, mas sabia que era culpa dos humanos.

Meu menino não oferece perigo. Ele não é como os outros. Não está doente de guerra.

Os doentes de guerra são crescidos. O seu menino ainda é jovem.

Não. Não é só isso. Pax sabia que estava certo, mas também se sentia confuso. No último ano, Peter tinha ficado mais alto e mais forte, a voz mais grave. Acima de tudo, seu cheiro tinha mudado — não mais o de uma criança. *Ele não é tão jovem, mas não está doente de guerra. No último dia que o vi, ele cuidou de mim, mesmo sofrendo. Caía água dos olhos dele.*

Os olhos dele estavam machucados?

Pax pensou por um momento sobre o mistério do choro.

Não. Quando ele machuca alguma outra parte do corpo, os olhos derramam água. Escorre pelo rosto. Acho que essa água que sai do olho alivia a dor. Mas a respiração… ele tenta engolir o ar, como se estivesse se afogando com a água de dor.

Arrepiada começou a lamber mais sangue seco do quadril do irmão adormecido. Depois de um tempo, ergueu a cabeça para Pax, que viu nos olhos dela as coisas terríveis que os humanos tinham feito a sua família.

Foi quando Pax entendeu uma coisa. Naquele último dia, Peter tinha jogado um brinquedo no bosque. A água de dor escorria dos olhos dele, mas ele jogou o brinquedo mesmo assim. E não foi atrás.

Meu menino não está doente de guerra, mas está mudado. Ele agora age com falsidade.



Peter acendeu os quatro lampiões grandes que ficavam pendurados nas vigas do celeiro. As ferramentas, a roda de afiar, a parede cheia de marionetes: tudo ganhou um brilho quente e alegre naqueles cones de luz âmbar. Até a palha brilhava como o ouro de Rumpelstiltskin. O celeiro parecia renascido, mas familiar. Ele agora o via como sua casa.

Casa. Assim que tivesse feito o show de marionetes que Vola pedira, dali a apenas uma hora, finalmente estaria livre para recomeçar.

Ele acendeu os dois lampiões pequenos posicionados perto do palco e pegou Simbad da parede.

— Hora do show.

Os olhos pretos da marionete o encararam sem expressão. Peter verificou as juntas, ainda impressionado que Vola o tivesse desmontado só para que Peter aprendesse seus segredos. De repente, a filosofia do cartão secreto de Vola lhe veio à mente:

“Eu teria sido uma boa professora.”

Era verdade. Durante os treinos, lembrou Peter, Vola sugeria técnicas de um modo que nem pareciam difíceis; enquanto esculpia madeira, ela deixava que Peter a observasse para que depois ele descobrisse as coisas por si mesmo; e fazia perguntas sobre tudo, sem oferecer respostas prontas para nada.

Mas Vola estava muito errada em se dizer uma ameaça caso vivesse junto de outras pessoas. Qualquer um que a conhecesse saberia disso.

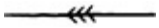
O problema era que ninguém a conhecia.

Exceto, talvez, Peter.

Ele pendurou a marionete na parede.

— Sabe, Simbad, acho que hoje vou dar uma folga para você.

Peter saiu do celeiro, foi até a pilha de madeira e pegou um galho mais ou menos da grossura de seu pulso. Voltou para dentro, serrou as pontas e o pregou em uma base. Pegou a tigela de metal que servia de ninho da Roca, prendeu-a no alto do galho e a fixou no palco. Em seguida, pegou do suporte a marionete da feiticeira e desparafusou a perna esquerda.



— Pronto? — gritou Vola.

Peter subiu ao palco pelos fardos de palha que tinha montado atrás e pegou os controles da feiticeira. Para sua surpresa, as mãos não tremiam. Porque, de uma hora para outra, tudo que lhe parecia muito certo uma hora antes tinha se tornado louco e perigoso.

Vola usava uma saia longa roxa em vez do macacão e tinha penteado o cabelo com cuidado, o que ele nunca a tinha visto fazer. Ao entrar no celeiro, ela tinha ficado impressionada com o palco que ele construíra, e não foi fingimento.

“Você tem talento para mexer com madeira”, dissera ela. “Se eu estivesse procurando um aprendiz, a vaga seria sua.”

Dali a cinco minutos, o que ela pensaria dele? Bem, era tarde demais para pensar nisso.

— Pronto — mentiu Peter.

Vola diminuiu a intensidade dos quatro lampiões. Peter ouviu, então, um banco ser arrastado para o meio do celeiro.

— Esta é a história de uma garota — começou ele.

Ele a ouviu inspirar fundo. Depois, nenhum outro som.

Nem quando ele abriu a cortina e fez a feiticeira entrar, nem quando os grãos de milho que tinha empilhado na barriga da marionete, representando os pêssegos, caíram todos no chão. Nem quando ele a enrolou na camiseta de

estampa camuflada que trouxera na mochila, prendeu o cabelo dela no capacete de argila e colocou o galho na mão da marionete como se fosse um rifle. Nem quando a fez disparar o rifle, nem quando tirou a perna dela, nem quando a fez subir até o ninho.

Peter esperava um protesto quando colocou fogo no ninho, mas Vola continuou sem emitir som algum. E, exatamente como ele havia ensaiado, o fogo foi apenas uma chama rápida em um punhado de raspas de madeira, que logo se apagou. Durou apenas tempo suficiente para ele tirar da marionete o uniforme de soldado.

Peter a tirou do ninho e a colocou no palco, onde tinha deixado a marionete de criança ao lado da raposa esculpida. A feiticeira se abaixou ao lado da criança, depois se virou e acariciou a raposa. Por fim, fechou a cortina.

Ele pendurou os controles. Esperou, mas tudo continuou em silêncio. Então se esticou para olhar por cima do palco.

Vola olhava fixo para a frente, mas não o via, o rosto tão rígido que parecia entalhado em madeira. As lágrimas que escorriam por suas faces brilhavam à luz oscilante, mas só a faziam parecer nobre.

— Desculpa. Eu só queria… Você não é uma bomba. Você é boa. Você me acolheu, está me treinando para eu poder ir buscar Pax…

— Me deixe sozinha, garoto — pediu ela, baixinho, a voz tensa.

— Espere. É uma burrice você desperdiçar sua vida aqui como uma espécie de punição. Olha, talvez aquele cara nem ligasse para o livro. Vai que ele ganhou num jogo de pôquer, no dia anterior? Talvez o que ele quisesse mesmo fosse… sei lá… — Peter tomou coragem — ser professor, ou algo assim.

Ao ouvir a palavra “professor”, Vola ergueu o rosto. Mas Peter não desviou o olhar.

— É, talvez ele quisesse ser professor. Talvez você devesse fazer *isso* por ele. Mas você nunca vai saber, então acho que devia ir viver a *sua* vida. Só estou dizendo que, apesar de uma coisa ruim ter destruído você, a gente sempre pode recomeçar do zero como a fênix e…

— Eu já entendi. Você não está errado, mas saia daqui agora. Me deixe sozinha.

Peter tentou argumentar, mas as palavras murcharam diante da imagem de Vola ali sentada imóvel, a cabeça bastante erguida, as lágrimas agora chegando ao pescoço. Ele enrolou os controles da marionete da feiticeira, desceu do palco e pegou as muletas. O silêncio no celeiro tinha um peso absurdo.

— Tudo bem. Tudo bem — disse ele, só para quebrá-lo.

A caminhada no escuro até a casa levou uma eternidade. Na cozinha, ele encontrou um prato coberto sobre a bancada. Recostou-se pesadamente na porta, cheio de culpa. Vola havia feito aquele prato para ele com o que havia sobrado do jantar.

Um bilhete: “Coma a galinha toda, entendeu?”

Uma nova onda de culpa. Ela tinha matado uma galinha, coisa que não fazia com frequência, porque queria que ele ingerisse mais proteínas.

Peter se descolou da porta e pegou uma caixa de fósforos ao lado do fogão. Não fazia ideia de quanto tempo Vola ficaria lá fora, mas, quando voltasse, não seria para uma casa fria e escura. Ao menos isso ele podia fazer por ela. Acendeu todos os lampiões e a lareira do jeito que a tinha visto fazer todas as noites.

Sentado ali, vendo o fogo pegar e crescer, ele repassou tudo que tinha dito. Era tudo verdade. Bem, a parte sobre uma possível vontade do soldado de querer ser professor talvez tivesse sido meio forçada, mas, quem sabe? Talvez fosse até verdade. Não, nada do que ele tinha dito era falso. Não lamentava nada.

Uma lufada de vento entrou pela chaminé, ameaçando o fogo frágil. Ele pegou mais folhas do jornal. Enquanto o amassava, uma manchete chamou sua atenção: FORÇAS SE PREPARAM PARA ATACAR. ÁREA SERÁ EVACUADA.

Esticou a folha e leu. Observou o mapa, sem acreditar.

Pegou as muletas e saiu para a varanda tão rápido que François se levantou e disparou pela noite. Enfiou as roupas na mochila, olhou em volta. A pulseira da

fênix, a foto da mãe, a luva e a bola de beisebol eram as únicas coisas dele ali. Deixou a pulseira na rede, onde Vola a encontraria, enfiou o resto na mochila e voltou à cozinha.

Vola chegou justamente naquele momento. Ela pendurou o chapéu no gancho e olhou para o fogo, depois para ele. Para a mochila.

Peter estendeu a página do jornal para ela.

Vola deu uma olhada rápida, depois ergueu o olhar para ele à espera de uma explicação.

Ele apontou para o mapa.

— A área que vão isolar — disse ele, com a voz embargada. — Fica perto de onde eu deixei Pax!

— Tem certeza? É uma área grande…

— Tenho! Está vendo esse lugar vazio? É uma fábrica abandonada. Tem uns muros de pedra altos e fica em frente ao único trecho do rio que dá para atravessar. O resto é tudo desfiladeiro dos dois lados. É lá que eles vão lutar pela água. Eu brincava de guerra com os meus amigos naquela fábrica. A gente dizia que era perfeito para uma emboscada. A gente brincava de *guerra*! Deixei Pax na estrada que levava até lá, porque achei que seria… — A palavra "seguro" ficou entalada na garganta. Ele se levantou e foi até a porta para pegar o suéter.

— Pare. Estão se preparando para uma batalha lá. Não seja louco.

— Não é loucura. É o certo. Agora eu sei. É como o queijo, lembra? Você perguntou de qual eu gostava, e eu não sabia. Meu pai gosta de cheddar, então é esse que comemos. Talvez antes eu gostasse de outro. É como você falou, tive aquele Transtorno de Esquecer Quem Eu Era. Não lembrava o que era certo e o que era errado quando abandonei Pax, mas agora eu sei. Agora sei que preciso ir até lá. Eu *sei*.

— Tudo bem. Pode ser. Mas você ainda está com uma perna engessada, garoto. É impossível. Veja a distância — insistiu Vola, se sentando com o mapa em mãos.

— Não! Já perdi tempo demais. Não vou mais ouvir ninguém.

— Espere — disse Vola, levantando o jornal. — Venha aqui. Veja uma coisa.

Peter estava resistente, mas obedeceu.

— Sabe o Robert Johnson, aquele meu amigo motorista de ônibus? Aquele que está mandando as suas cartas. Está vendo este local aqui? — disse ela, batendo no canto esquerdo superior do mapa. — Essa cidade é a parada final do trajeto dele. Ele passa aqui às onze e dez todos os dias, e é nessa cidade que para no fim da noite. E se eu colocar você no ônibus dele amanhã? Seriam uns quatrocentos quilômetros a menos para você caminhar, sobrariam uns sessenta e cinco. Está me ouvindo agora?

Peter largou as muletas e afundou na cadeira, as pernas bambas de alívio.

— Você faria isso por mim? Sessenta e cinco quilômetros… isso não é nada!

— É, sim. Sessenta e cinco quilômetros de bosques e colinas andando de muletas é muita coisa. Três dias no mínimo, eu suponho, e você vai ficar destruído. Mas acho que consegue. E então, vai passar a noite aqui? Combinado?

Peter apertou a mão dela e sustentou seu olhar.

— Combinado.

Ao ver o rosto de Vola manchado das lágrimas que derramara no celeiro, ele soube que não podia deixar as coisas daquele jeito. E não tinha muito tempo para consertá-las.

— Combinado — repetiu ele. — Com três condições.



O brilho do luar atravessava as árvores, tão denso e amarelo quanto as gemas dos ovos que Pax tinha comido uma semana antes. Sentia o estômago se contrair enquanto andava pela beira do rio.

Desde que os humanos o haviam abandonado, uma semana e meia antes, somente três vezes ele comera o suficiente para encher a barriga. A última delas, um monte de peixes que encontrara apodrecendo na margem, ele vomitou minutos depois. Já tinha recuperado o presunto que pegara no acampamento e ficou feliz em ver Arrepiada e Miúdo comerem, mas nem tocou na carne. E continuava sem sorte na caça. Todas as suas reservas de gordura já estavam esgotadas. A pele caía, de tão frouxa, e ele estava perdendo músculos.

Pax se virou para farejar o acampamento dos humanos, que, como sempre, o torturava com os aromas intensos de comida. Nos dois dias anteriores, mais doentes de guerra haviam chegado ao local. Agora eram centenas deles. A ameaça que exalavam fazia o solo vibrar. Pax, no entanto, estava com fome.

Ele olhou para Arrepiada, que protegia o sono de Miúdo, e avisou que iria embora.

Apesar de ver o acampamento diretamente acima, escolheu o velho caminho — pelo alto do desfiladeiro e atravessando o topo —, porque os guardas a postos no muro estavam virados para o rio.

Atravessou a água pelas pedras, sem deixar rastro. Tendo se afastado do silêncio do campo devastado, seus ouvidos ficaram atentos aos sons noturnos.

Haviam se tornado familiares. Agora, o consolavam. O guinchar agudo dos morcegos, os movimentos descuidados dos gambás, a agitação dos roedores debaixo da terra, os pios distantes das corujas — tudo isso lhe lembrava que ele não estava caçando sozinho.

Já Pax não fazia barulho, pois tinha aprendido com Cinzento e Arrepiada a ser sorrateiro. Atravessou o alto do desfiladeiro como uma sombra, deslizou pelo topo da colina, desceu a colina e entrou na barraca de comida.

Não havia carne fácil naquela noite, mas as mesas estavam cheias de legumes, verduras e pães. Ele empurrou para o chão uma peça de queijo. Tinha um gosto forte e estranho, mas mesmo assim comeu até a barriga inchar. Quando estava saindo, levando na boca um pedaço para Arrepiada, um aroma familiar o fez parar: manteiga de amendoim.

Vinha de uma lata grande de metal. Pax largou o queijo e se esticou para cheirar a beirada: tal como o cesto de lixo que havia na casa do seu menino, aquela lata prometia uma variedade de restos, mas, dentre todos os aromas misturados ali, havia aquele que Pax desejava mais que qualquer outro. Seus bigodes tremeram de prazer. Com o focinho, ele empurrou um pouquinho para o lado.

O pote estava bem ali no alto da pilha de lixo, vazio mas com as laterais ainda sujas da delícia cremosa.

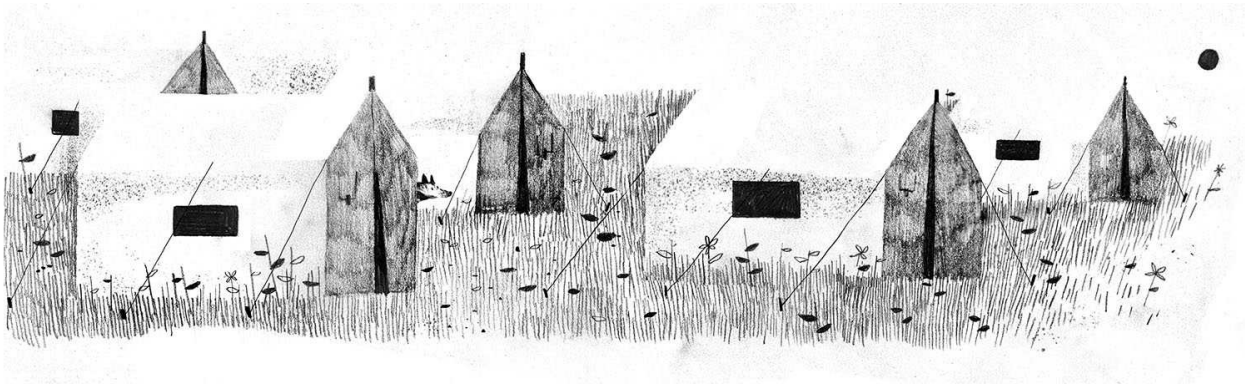
Pax enfiou o focinho embaixo da tampa da lata e mordeu a borda com cuidado. Já sabia, por experiência própria, que era assim que se pegava o pote, para que não cobrisse o nariz.

Quando se afastou da lata de lixo, a tampa caiu no chão, ecoando como um alarme no silêncio da noite.

A raposa se escondeu debaixo da mesa e ficou paralisada, o coração batendo rápido.

A aba da barraca foi aberta. Um humano entrou com uma lanterna. Mesmo com o cheiro de manteiga de amendoim, Pax reconheceu o odor: era o pai do seu menino.

Pax levantou a pata, pronto para disparar na direção que parecesse mais segura. O homem apontou a lanterna para todos os lados.



Quando a luz alcançou os olhos de Pax, ele fez uma careta, mas não se mexeu. Quando suas pupilas se adaptaram à luz, Pax viu o homem se agachar para vê-lo melhor. A raposa continuou imóvel, a pata ainda erguida, o pote entre os dentes, observando o rosto do homem, que o observava também.

O homem resmungou e esfregou o queixo. Deu uma gargalhada rouca. Pax baixou a pata um pouquinho, ainda o encarando, testando-o. O pai do seu menino riu de novo, depois se levantou e ergueu a aba da barraca. Na entrada, chutou o chão com a bota.

Pax conhecia o sinal. O homem sempre o usava com ele na porta de casa e na entrada do cercado: *Passa*, era o que queria dizer. *Passa logo, e não machuco você.* O pacto era confiável. O bicho passou correndo pelo humano e voltou para a segurança da noite.

Só reduziu a velocidade quando chegou ao alto da colina. Enterrou o pote ali e se abaixou para observar o movimento no conjunto de tendas à fraca luz do amanhecer. Embora tivesse certeza de que nenhum humano o havia seguido, pegou a direção contrária, andando em um círculo irregular durante meia hora para só então voltar ao rio.

Ao retornar, Pax encontrou Miúdo acordado e, pela primeira vez desde a explosão, tentando se levantar. Mas Arrepiada o fez se deitar de novo.

Pax, porém, viu que os lábios dele estavam rachados e os olhos, fundos.

Ele precisa de água.

Arrepiada olhou para a beira do rio. Eram umas doze passadas largas para uma raposa saudável. Será que Miúdo conseguiria?

Ele firmou as patas da frente, mas, quando contraiu o quadril para se levantar, olhou para trás com surpresa. A perna que tinha sido parte dele a vida toda, uma parte sua tanto quanto seu próprio cheiro, desaparecera. Miúdo se abaixou e cheirou o ferimento. Então olhou para Pax e para Arrepiada, como se pedisse uma explicação.

Mais uma vez, Miúdo fez esforço para se levantar. A perna traseira o ergueu sozinha, mas ele logo caiu sobre o lado machucado do corpo, com um grito de dor.

Pax se colocou ao lado da parte ferida.

Novamente, Miúdo firmou as patas da frente e em seguida esticou a única perna traseira. Novamente, tombou para o lado. Mas dessa vez caiu contra o quadril forte e alto de Pax, e não gritou. Procurou, trêmulo, uma nova maneira de se equilibrar.

Quando conseguiu, Pax deu um passo na direção da água e esperou.

Miúdo deu um passo. Primeiro, as duas patas da frente. Em seguida, um pulo, arrastando a única traseira. E caiu sobre Pax de novo.

Tudo outra vez: a raposa mais velha deu um passo. Miúdo deu um passo também. E, de novo, a raposa pequena acompanhou. E outro. E assim foi, até não cambalear mais.

Arrepiada correu na frente deles. Passo após passo, mesmo ferido, Miúdo percorreu a distância até se deitar na margem, onde esticou o pescoço para beber da água gelada.

Quando se sentiu saciado, baixou a cabeça e fechou os olhos, mas Arrepiada o mordiscou. Logo seria dia, e ele ficaria exposto. Ela correu pela margem do rio até alguns juncos.

Miúdo foi mancando atrás dela, ainda desajeitado, trêmulo e lento, mas não caiu nenhuma vez. Pax o acompanhou de perto. Quando estavam alcançando a

área com juncos, Pax levou um susto ao ouvir ruídos em meio à vegetação alguns metros atrás, do outro lado do rio. Arrepiada também virou a cabeça, as orelhas voltadas para o local. Alguma criatura grande estava se aproximando.

Miúdo baixou a cabeça para cheirar uma lesma.

Pax e Arrepiada recuaram e se esconderam entre os juncos. Arrepiada chamou o irmão. Miúdo nem a olhou.

Um cervo saiu do meio do mato, sacudiu a galhada e pulou no rio.

Arrepiada chamou de novo o irmão, porém, mais uma vez, ele a ignorou.

O cervo subiu pela outra margem, seguindo na direção da grama muito verde de uma área do campo não atingida pela explosão. Na beirada, levantou uma pata. Ao baixar, a terra tremeu e a vegetação balançou. O cervo se afastou correndo.

Miúdo gritou de pânico ao sentir o chão tremendo. Arrepiada e Pax o levaram para dentro da escuridão fria entre os juncos e o acalmaram até ele entender que não tinha sofrido nada.

Soldados desceram correndo a colina, apontando a luz de lanternas para a confusão no campo, e depois voltaram. Quando um sol rosado surgiu acima dos pinheiros, as raposas notaram que era possível ver no campo amplas áreas de grama queimando e estalando. Ratos selvagens correram para a margem do rio, fugindo do fogo e da fumaça. Atordoados e desorientados, eles seriam refeições fáceis, mas Arrepiada os deixou em paz, como se obedecesse a um código moral que protegia os apavorados.

Ela se levantou e observou o campo em chamas.

Temos que ir embora daqui. Agora.

Pax sabia que ela tinha razão. Os dois saíram do meio dos juncos, e Arrepiada chamou Miúdo, que ficou olhando um roedor passar; suas orelhas nem se viraram na direção da irmã.

Pax entendeu.

Ele não consegue ouvir.



Ao entrar na cozinha, Peter encontrou Vola bebendo café. Ela não podia ter dormido mais do que ele, pois ele a ouvira ir ao celeiro no meio da noite, e só voltou quando estava quase amanhecendo.

— Quer comer antes de ir? — ofereceu Vola, erguendo a caneca.

Ele fez que não. Vola pegou a mochila dele e colocou um saco de papel pardo dentro.

— Coma os sanduíches primeiro, para o presunto não estragar. Tem um pote de pomada, que você precisa passar no pé duas vezes ao dia. Enchi sua garrafa d'água, mas mesmo assim você vai ter que ficar de olho para encontrar riachos. E não deixe o gesso molhar. É sério. Se chover, enrole um saco de lixo.

Quando Vola colocou a mochila no chão, Peter reparou: ela estava usando os dois pés dos sapatos.

— Ei, você está com…

Ela levantou a barra do macacão.

— Condição número um.

— Uau — disse Peter depois de um instante. — *Diavolo*. E a perna velha?

Vola apontou para a poltrona com a cabeça.

— Eu não sabia o que fazer com ela. Que tal se eu colocar no espantalho?

— Não, no espantalho, não — respondeu Peter, com certeza imediata. Apontou para a lareira. — A fênix, lembra? Tudo é queimado no ninho.

Vola suspirou, contrariada, mas o seguiu. Peter mexeu nas brasas e acrescentou alguns galhos finos. Vola pegou a perna de madeira. Parecia menor.

As tiras de couro lembravam a Peter os fios que amarravam os pés e as mãos das marionetes.

— Você está bem?

— Sim.

Vola colocou a perna de madeira nas chamas, e os dois ficaram olhando até começar a pegar fogo.

Ela foi a primeira a se afastar.

Peter reparou como o andar de Vola ficava melhor com a prótese. Mal dava para reparar que não era uma perna de verdade. Ele puxou a tela da lareira. Quando ela voltasse para casa, ainda naquele dia, só haveria cinzas.

— Tudo certo com as duas outras condições? — perguntou Peter, indo atrás dela até a cozinha.

— Vamos descobrir quando chegarmos à biblioteca da cidade. Mas já carreguei o trator.

— O trator?

— Como você pretendia levar aquelas vinte marionetes até a cidade?

— Vamos até lá em um trator?

— Vamos até lá em um trator. A não ser que você tenha um tapete mágico e eu não saiba. E precisamos ir logo, senão vamos perder o ônibus, então… tudo pronto?

— Sim. Tenho tudo aqui.

— Ah, ainda não.

O objeto que ela pegou atrás da porta deixou Peter tão surpreso que ele nem reagiu.

— Você sabe o que é isso, não sabe?

O taco de beisebol era perfeitamente liso, o peso tão exato e equilibrado que o mundo pareceu mais leve quando ele o empunhou.

— Você fez para mim. Mas eu não preciso de…

— Pois eu acho que precisa, sim. Quando chegar ao seu destino, talvez você entenda por quê.

Peter só queria devolver o taco, mas Vola tinha passado a madrugada em claro fazendo aquilo para ele, e ela parecia tão orgulhosa… Talvez fosse hora de voltar a ter um taco. Ele se equilibrou nas muletas e fez uma rebatida em câmera lenta.

A lembrança ruim surgiu na mente dele.

Sua fúria aos sete anos. Uma ferocidade que ele não conseguia controlar. O medo eufórico daquela ferocidade. O globo de vidro azul da mãe, derrubado do pedestal em um milhão de estilhaços. As lágrimas dela: "Você precisa aprender a controlar esse temperamento. Não seja como ele." Os dedos sujos de sangue, catando das rosas brancas as pequenas adagas de vidro azul. A vergonha dele enquanto via a mãe se afastar.

Ele guardou o taco na mochila, onde coube como se sempre tivesse tido um lugar ali. Traiçoeiro.

Peter levantou a mochila e viu, embaixo, o recorte de jornal. Só então notou a data.

O menino caiu na cadeira, como se tivesse levado um chute na barriga.

— O que foi?

— Ele sabia — explicou Peter, empurrando a folha sobre a mesa. — Ele *sabia*. Isso tem doze dias. Meu pai sabia disso quando deixamos Pax. — Doía respirar, como se tivesse facas entrando nos seus pulmões. — Quando pedi para deixar Pax naquela estrada, achando que seria seguro, ele *sabia*.

Peter sentia as mãos queimarem. As mãos ardiam. Ele olhou para baixo: estavam fechadas com força. Peter se forçou a abri-las.

— Como ele pôde fazer isso?

Vola se aproximou, olhando para Peter com carinho.

— Sinto muito. Isso é bem ruim.

Ele contraiu o maxilar, mas… será que corria o risco de quebrar os dentes? Forçou-se a abrir a boca.

— Como alguém poderia fazer uma coisa dessas?

— Eu sei que você está zangado…

Suas mãos tinham se fechado de novo, as unhas ferindo a pele já dolorida.

Enfiou as mãos entre os joelhos para se conter.

— Não, eu já falei que não fico zangado. Não sou como ele. Não vou ser como ele.

Vola se sentou de frente para Peter.

— Ah. Entendi. Agora eu entendi. Mas acho que isso não vai dar certo. Você é humano, e humanos sentem raiva.

— Eu não. É perigoso demais.

Vola jogou a cabeça para trás e deu sua gargalhada-latido que sempre o assustava.

— Ah, saiba você que *todos* os sentimentos são perigosos. Amor, esperança… Rá! Esperança! Está falando de perigo, é? Não, não tem como evitar nada disso. Todo mundo tem dentro de si uma fera chamada raiva. E essa fera pode até ser utilizada para o bem. Muitas coisas boas vêm da raiva que sentimos por coisas ruins, muitas injustiças são consertadas assim. Mas primeiro temos que descobrir como controlá-la.

Peter sentiu a fiação dentro dele entrando em curto.

— Será que você podia pelo menos uma vez *não* me dizer que eu vou ter que descobrir alguma coisa sozinho? Só uma vez, você morreria se me ajudasse? Caramba, eu estou indo embora. Você tem tudo isso — ele apontou para o quadro de avisos —, toda essa sabedoria. É tão difícil assim me dar algum conselho para a minha viagem?

— Como assim? Você quer um cartão de filosofia idiota para a sua viagem? Tipo: “Quando sentir cheiro de mel, corra, porque o urso não pode estar muito longe”?

— É, acho que sim. Mas um de verdade.

— Eu não tenho nenhuma verdade mágica para guiar você. A viagem é sua, não minha. Mas, pensando bem, eu tenho, sim, um cartão para você.

Vola pegou do quadro um dos cartões e o entregou a Peter.

— Não tem nada escrito — reclamou ele.

— Por enquanto. Porém, depois de uma viagem como essa, você vai

encontrar alguma coisa para escrever. Uma verdade só sua, que você vai descobrir sozinho.

Com isso, de repente Peter se sentiu exausto, como se estivesse se mantendo rígido havia anos. Ele estava sozinho havia tanto tempo…

Vola o observava.

— A unidade está sempre crescendo no mundo, garoto. Dois, mas não dois. Está sempre presente, ligando as raízes. Não posso fazer parte disso, é o preço que pago por me afastar. Mas você pode. Você pode vibrar junto com essa pulsação. Embora esteja indo sozinho, você não *é* uma pessoa sozinha.

— E se eu me perder?

— Você não vai se perder.

— De repente eu já estou perdido.

Vola esticou a mão por cima da mesa, acariciou a cabeça dele e insistiu:

— Não. Você se encontrou.

Ela se levantou, e Peter sentiu na cabeça o roçar de um beijo quando ela passou.

Até que o trator nem era tão desconfortável. Mas era lento, chacoalhava muito e fazia um barulhão — barulho demais, o que impedia que eles conversassem, mesmo sentados um ao lado do outro. Por ele, tudo bem. Tinha muito em que pensar. Vola continuou em silêncio mesmo depois que pegaram a parte lisa do acostamento, e Peter concluiu que ela também estava pensativa. Porém, quando ela apontou para um falcão voando em círculos, ele se lembrou de perguntar algo que sempre esquecia.

— O que você tem de especial com os pássaros? Por que as penas?

Vola tocou as penas no cordão e sorriu.

— *Ti Poul*. Quando eu nasci, meus pais acharam que eu parecia uma ave. Meu cabelo ficava espetado como se fossem penas, eu tinha um pescoço muito fino e berrava o tempo todo, pedindo comida. Eu sou um pouco creole, um

pouco italiana e um pouco de muitos outros lugares, mas as culturas de todos esses lugares reverenciam os pássaros. Então meus pais me deram o nome de Vola, que significa “voa” em italiano, mas eles me chamavam de *Ti Poul*, que em creole haitiano significa “Pintinha”.

“Minhas galinhas me dão penas de presente, que eu uso para lembrar que, quando nasci, alguém me viu como um pássaro. É só isso, nada de mais.”

Mas era uma boa história, pensou Peter. E explicava a expressão no rosto que ela sempre fazia quando levantava a Roca. Devia ser a parte mais difícil para ela revelar.

Ele olhou para trás, para as quatro caixas de pinho na traseira que guardavam as marionetes. Peter torcia para que Vola não as achasse parecidas com caixões, pois as incríveis marionetes dela iriam viver dali em diante. Viver de verdade, no mundo real, não apenas existir para atuar como uma espécie de penitência.

E a mulher também iria viver, provavelmente. Mas talvez isso fosse pedir muito. Peter ainda estava pensando sobre essa questão quando o trator parou no estacionamento da biblioteca, ocupando três vagas.

Vola desceu e pegou uma das caixas. Peter foi atrás, mas, nos degraus largos de tijolos, parou e colocou a mão no ombro de Vola.

— Sabe — sussurrou ele —, você tem que ser meio cuidadosa aqui…

— Cuidadosa?

— Com… com a linguagem. Sabe?

Vola olhou para ele sem entender. Ele ia ter que explicar bem explicadinho.

— Não é o tipo de lugar onde as pessoas dizem muito “*diavolo*”.

— Ah, por favor. Eu sei disso, garoto.

O tom dela era de repreensão, mas, por baixo, tinha um traço de sorriso.

Peter abriu a porta e a conduziu para dentro.

A bibliotecária parecia um arco-íris: lenço coral, camisa dourada de seda, saia azul como safira. Ela sorriu quando Vola entrou e colocou a caixa na mesa. Quando a tampa foi erguida, ficou boquiaberta. Peter lembrou que também tinha ficado sem palavras na primeira vez que vira as marionetes. Ele saiu da

biblioteca para deixar Vola mais à vontade.

As nuvens que pairavam no céu da manhã tinham se desfeito, e o céu brilhava a ponto de incomodar os olhos. Os sons também pareciam mais intensos que o habitual, ou talvez fosse só porque as coisas tinham sido calmas demais na semana anterior. Um cachorro latindo, duas mulheres conversando, freios de bicicleta chiando, crianças berrando em um parquinho ao lado do estacionamento — tinha sentido falta daqueles sons. Do mundo. Será que, durante todo aquele tempo que passara sozinha, Vola também não sentira falta?

Peter foi ver as crianças brincando. A maioria estava correndo, pulando para os bancos e de volta para o chão e inventando algum jogo de empurrar os balanços vazios. Uma garota de cara amarrada e o cabelo louro-palha preso em um rabo de cavalo brincava sozinha na caixa de areia, passando bocados e mais bocados de areia de um monte para o outro, diligentemente. No canto da caixa, sentado com uma expressão entediada, estava um menino com uma camiseta vermelha surrada, a cabeça apoiada em uma luva de beisebol.

O interbases. Do treino.

Peter foi até ele.

— Oi.

O menino ergueu a cabeça e se levantou, como se estivesse se preparando para brigar. Apontou com a cabeça para as muletas de Peter.

— Bem que eu não entendi por que você não apareceu no jogo.

— E como foi?

O interbases deu uma risada de deboche.

— Como se não soubesse que vocês arrasaram com a gente. — Ele pegou a pá da garotinha e entregou a ela um casaco rosa. — Venha. Vamos para casa.

— Espere!

Peter sentiu um pânico louco crescendo dentro de si. Será que já tinha virado um esquisitão depois de uma semana isolado do mundo? Ainda não podia deixar que eles fossem embora.

— Ei, espere! Sabe quando você está em campo e você sabe o que tem que

fazer e está pronto para entrar em ação? Aquele momento logo antes de o jogo começar, quando a luva vira parte do seu corpo, e você sabe que é exatamente ali que devia estar? Sabe? Você acha que isso é paz?

O menino olhou de cara feia para Peter, balançou a cabeça como se nunca quisesse tê-lo encontrado e saiu andando, puxando a irmã pela mão. Só restou a Peter ficar vendo-os ir embora, com a sensação de que algo valioso tinha lhe escapado das mãos.

Contudo, no portão do parquinho, o interbases se virou. Embora estivesse longe, parecia que já não estava mais franzindo a testa. Ele levantou a mão e fez o sinal de paz, os dois dedos erguidos. Peter retribuiu o gesto.

Lá dentro, a bibliotecária abria a última caixa. Umas seis crianças tinham aparecido do nada e olhavam boquiabertas e sorrindo, enquanto ela revelava cada marionete que era tirada da caixa. Vola observava de um canto da sala. Quando se virou para sair, viu Peter.

Ele bloqueou o caminho com a muleta.

— Condição número três — exigiu, apontando para a bibliotecária com o olhar.

Vola encarou o menino com um tanto de irritação e um tanto de resignação ressentida.

— Esqueci de dizer, Bea, que vou voltar uma vez por semana — avisou ela à bibliotecária. — Para ensinar às crianças a usá-las.

Bea Booker sorriu, um sorriso que se abriu devagar, como caramelo derretido.

— Seria incrível!

Vola seguiu para a porta, mas Peter bloqueou o caminho de novo.

Vola jogou as mãos para o alto.

— O que foi agora?

Ele levantou dois dedos.

— O quê? Ah, pelo amor de… *Está bem.* — Ela voltou à mesa. — Bea, duas

vezes por semana. Vou voltar *duas vezes* por semana para ensinar às crianças.

A bibliotecária abriu um sorriso maior ainda.

— Elas vão adorar! E vai ser bom ver você mais vezes, Vola. Talvez a gente possa tomar um café um dia desses.

Uma garotinha de marias-chiquinhas puxou o macacão de Vola e apontou para uma das marionetes.

— Como é que faz para o elefante dançar? — perguntou a menina.

Peter prendeu a respiração, tenso. Mas, em vez de passar um sermão sobre como a menina deveria descobrir sozinha como fazer as coisas, Vola se agachou para observar o elefante. O menino reparou que o movimento era bem mais suave com a prótese de verdade. Ela agora podia dobrar o tornozelo. Algo tão simples… Como ela tinha se punido até então!

— O que faz você pensar que ele quer dançar? — perguntou Vola.

— Ah, é que ele tem as unhas dos pés vermelhas, que nem as minhas — respondeu a garotinha, mostrando os dedos dos pés nas sandálias. Em seguida, levou a mão ao cabelo de Vola para acariciar as penas entrelaçadas nas tranças.

Vola levou um susto, e Peter prendeu a respiração de novo. No entanto, ela apenas tocou de leve o colar de contas amarelas que a menina usava.

Vola então apontou para o relógio em cima da mesa, que marcava quase onze horas.

— Tenho uma coisa importante para fazer agora, mas volto em meia hora. Se você ainda estiver aqui, vamos descobrir como fazer o elefante dançar.

Quando estavam atravessando a rua, o ônibus já estava à espera. Vola foi comprar a passagem, enquanto Peter seguiu em direção ao grupo que aguardava para subir no ônibus. Sentiu um arrepio elétrico subir pela coluna, a mesma emoção que o energizava toda vez que o juiz gritava “Bola em jogo!”.

Vola entregou a passagem a Peter. Na mão dele, parecia pequena demais para o poder que continha.

— Vou chegar lá e encontrar minha raposa — disse ele. — Obrigado.

A porta do ônibus se abriu. Vola enfiou a cabeça para falar com o motorista.

— Robert, o garoto é da minha família — disse ela, apontando o dedo para que ele prestasse atenção. — Veio me visitar e agora está voltando para casa. Cuide dele.

Ela recuou, deixando que um casal idoso começasse a lenta e difícil subida. Peter ajeitou a mochila nos ombros e as muletas. Já ia subir no ônibus, mas se virou.

— Eu sou da sua família?

— É a maior verdade que conheço. Agora, suba nesse ônibus.

Os degraus eram altos, mas Peter não teve dificuldade. Sentou-se em um dos bancos da frente e, pelo vidro sujo, fez sinal de positivo para Vola.

Estava forte agora. Estava preparado. Mas, quando os freios chiaram o aviso de partida, Peter apertou com força os braços da poltrona, já sentindo a dor que seria vê-la ficando para trás, cada vez menor, enquanto o ônibus se afastasse.

Quando o motor começou a rugir, Vola fez sinal para Peter abrir a janela.

— Ei, garoto — gritou ela, quando o veículo se afastou do meio-fio —, vou deixar a porta da varanda aberta!



Pax cavou.

Desde que tinham levado Miúdo para o alto do desfiladeiro, Pax e Arrepiada se revezavam em vigília, um pacto de proteção. Os dois seriam a força das patas traseiras da pequena raposa; seriam seus ouvidos. Miúdo estava em segurança, dormindo dentro de uma toca abandonada de marmota que Arrepiada alargou para ele, mas Pax continuava ansioso. Alguma criatura estava chegando. Ele cavou enquanto ficava a postos em frente ao esconderijo. As almofadinhas das patas estavam endurecidas. Não sangraram.

Arrepiada voltou da caça e largou um esquilo na frente de Pax. Ele deu as costas, apesar de não ter comido nada desde o queijo, duas noites antes. Não queria pegar da comida de Arrepiada e Miúdo.

Arrepiada enterrou o esquilo e se deitou ao lado da toca, pronta para a vigília.

Pax saiu para andar pela clareira de novo. O lugar era bom: mesmo sendo perto do acampamento, a altura os protegeria das explosões no trecho de terra junto ao rio. As árvores ao redor da clareira serviriam de barreira e, mais importante ainda, ajudariam a disfarçar o cheiro deles. Perto dali, uma água transparente caía de uma pedra, e a grama era cheia de caça.

Mas tinha alguma coisa errada. Alguma criatura estava chegando. Pax atravessou pelas árvores o pequeno trecho até a beirada da colina acima do acampamento.

O encontro com o pai do seu menino o tinha deixado tenso demais para tentar

outra aproximação, mas, por outro lado, ele nunca tinha ficado tão atraído pelo acampamento. O movimento do homem, aquele chute rápido no chão, uma mensagem contrastante de boa vontade e ameaça, o tinha lembrado de que ele precisava proteger seu menino. E, se o homem morava no acampamento, Peter não demoraria a chegar lá.

Era o meio da tarde. Pax viu os doentes de guerra se espalhando pela margem do rio, passando mais fios, cavando mais buracos e enterrando mais caixas pretas. O odor do suor deles vinha carregado de uma nova ameaça.

Porém, o perigo que ele sentia era mais imediato. Mais primitivo.

Ele voltou correndo e andou de lá para cá pela clareira novamente.

Quando viu Miúdo sair da toca, piscando para o sol, correu para examiná-lo. O ferimento não sangrava mais e tinha um cheiro limpo. Miúdo ignorou a comida que Arrepiada havia guardado. Pax via que ele estava com sede.

Vou com ele até o riacho.

Arrepiada fez menção de segui-los, mas desistiu e se sentou, apenas acompanhando os dois com o olhar.

Quando os dois voltaram, Miúdo se enfiou na toca de novo. Pax se deitou na frente, pois a entrada da toca da marmota parecia grande demais, aberta demais, e ele se sentia melhor quando montava guarda. De repente, Arrepiada o chamou.

Venha comigo. Veja.

Ela caminhou por entre a grama, a passos silenciosos e cuidadosos, a cabeça rente ao chão. Pax a seguiu, com o mesmo cuidado. No meio da clareira, ela parou de repente, as orelhas para a frente, e olhou de relance para ele.

Pax ouviu. O som baixo de animais leves correndo pela grama seca batida. Arrepiada acompanhou o som como se estivesse vendo os movimentos. Em seguida, deu um pulo alto e curto, as patas junto ao focinho e um rato na boca.

Comeu em poucas mordidas e se virou, procurando mais um. Sentou-se e voltou pela clareira. Agachou-se, com a cabeça para a esquerda.

Sua vez.

Pax prestou atenção até ter certeza de que tinha localizado algo se

movimentando. Um pulo alto, e ele colocou as patas no focinho igual a Arrepiada. Caiu com força no chão. Nada de rato. Virou-se para remexer na terra.

Arrepiada saiu andando. Pax foi atrás, cabeça baixa, até que ela ergueu as orelhas na direção de outro movimento.

Mais uma vez, ela recuou enquanto Pax tentava atacar. De novo, nada de rato.

Arrepiada o observou enquanto ele limpava a terra do rosto.

Venha comigo.

Pax foi atrás, até que a raposa fêmea parou de repente e se agachou. À frente deles havia um buraco na palha. Estava quente, com o aroma fresco de muitos ratos. Arrepiada o mandou ficar longe.

Não se mexa. Observe.

Ela avançou bem devagar. Na frente do buraco, se deitou e apoiou a cabeça nas patas. Apertou os olhos e relaxou todo o corpo, como se estivesse dormindo profundamente.

Pax ficou surpreso, pois achava que ela ainda o estivesse ensinando a caçar. Ele se levantou, mas Arrepiada fez um sinal com a cauda, ainda chamuscada.

Espere.

Pax se sentou de novo.

Nada aconteceu. Até que, um minuto depois, ele sentiu um leve movimento na abertura do buraco. Um nariz agitado farejou o ar e voltou para dentro. Mais um minuto de espera, e o rato reapareceu. Pelos movimentos dele — muito leves, muito atentos —, Pax soube que o bichinho estava a um segundo de sair correndo. Arrepiada nem se mexeu, exceto pelas pálpebras se abrindo um pouquinho quando ela lançou um olhar cúmplice para Pax.

O rato apareceu e sumiu mais duas vezes, até que, finalmente convencido de que a raposa estava dormindo, correu para um lugar mais seguro. Arrepiada foi rápida: lançou a pata e puxou o rato para a boca.

Pax entendeu.

Arrepiada voltou para o lado de Miúdo, e Pax seguiu sozinho para a clareira,

ansioso para encontrar algum buraco em que pudesse tentar capturar alguma presa. Encontrou um ao lado de um tronco podre e sentiu o aroma pesado de uma colônia de ratos-do-mato. Ele se deitou à distância de meia pata.

Ansioso, não conseguiu ficar imóvel, mas, finalmente, um rato foi até a entrada do buraco e cheirou o ar. Assim como a presa de Arrepiada tinha feito, ele correu para dentro ao ver uma raposa. Voltou algumas vezes. Quando se convenceu de que o predador estava dormindo, decidiu passar correndo.

Pax não era tão rápido quanto Arrepiada, mas mesmo assim conseguiu derrubar o rato. Quando o bichinho tentou se levantar, Pax atacou de novo. E foi assim que pegou sua primeira presa.

Foi uma refeição pequena, mas cada mordida lançou uma corrente de calor pelo seu corpo. Naquele momento, a vida do rato se fundiu à da raposa. Seus músculos vibravam, cheios de energia.

Alegre, ele pulou e abriu um caminho pela clareira, passando correndo por Arrepiada, que só viu uma mancha de pelo vermelho e se levantou para olhar. Pax passou correndo de novo, quase sem tocar o chão. Mas ainda não era comemoração suficiente.

No centro da clareira havia uma velha árvore meio retorcida. Os galhos mais baixos se estendiam acima de um buraco: os mais altos brilhavam azuis, carregados de gaios.

Pax saltou para o tronco. Subiu com facilidade no primeiro galho baixo, se equilibrou e, passo após passo, percorreu com cuidado toda a extensão do galho.

Folhas farfalharam ao redor, como se estivessem lhe dando as boas-vindas, como estrelas verdes aromáticas. Ele olhou para baixo através da folhagem, atônito. O mundo havia mudado. Dali, dava para ver toda a linha de árvores ao longo da margem até o acampamento e o rio. A grama da campina, que pouco tempo antes tinha roçado em seus ombros, agora parecia achatada, uma grande tigela verde ao contrário. Pássaros desceram dos galhos para reclamar com ele.

Pax se lembrou do voo de Miúdo. Ele se encolheu, se preparou e deu um salto, se esticando todo, sentindo o ar soprar os pelos da barriga. Caiu com

leveza, jogou a cabeça para trás e uivou de alegria.

Aquele mundo novo era seu. Pax podia cruzar toda a paisagem e comer o que ela oferecia sempre que quisesse. Ele era parte de tudo aquilo, livre. Mas não sozinho.

Correu até onde havia enterrado o pote de manteiga de amendoim e o recuperou. Levou-o até Arrepiada e Miúdo, que cochilavam na entrada da toca debaixo dos últimos raios de sol da tarde.

O aroma estranho despertou os dois na mesma hora. Arrepiada se levantou primeiro.

Ela empurrou o pote com o focinho e deu um pulo para trás quando o viu rolar pelo chão. Farejou ao redor e deu uma lambida para provar. Só isso bastou. Arrepiada segurou o pote entre as patas e começou a lamber com desespero, limpando a parte de cima em segundos e enfiando o focinho mais fundo.

Pax já tinha feito aquilo nas primeiras vezes.

Cuidado. Você pode ficar presa.

Tarde demais. Arrepiada deu um pulo, balançando a cabeça de um lado para o outro, mas o pote já estava grudado em sua mandíbula. Ela ficou dando pulinhos só com as pernas traseiras, tentando puxar o pote com as patas da frente. Caiu várias vezes.

Miúdo observava a cena impressionado. Nunca tinha visto a irmã perder o controle daquele jeito antes.

Pax se aproximou para oferecer ajuda, mas ela se afastou. Estava decidida a se virar sozinha. Finalmente, rolou de costas e arrancou o pote do focinho com as patas traseiras. De pé, sacudiu o corpo e recuou, a cabeça e a cauda erguidas. Então se deitou ao lado de Pax e começou a se limpar.

Arrepiada nunca tinha ficado tão perto de Pax, com o quadril encostado de maneira confortável no dele. O cheiro dela nunca tinha sido tão aberto à aproximação dele. Uma mancha marrom na bochecha branca dela chamou a atenção de Pax, que, sem pensar nas consequências, se esticou e lambeu.

Arrepiada permitiu.

Pax limpou as orelhas, o pescoço e o focinho dela. E, depois de um tempo, ela retribuiu a atenção. Com os focinhos unidos, as duas raposas cuidaram uma da outra. Arrepiada parou para farejá-lo com atenção.

Você não está mais cheirando a humanos.

Pax não respondeu. Estava se levantando para farejar o ar. Alguma criatura perigosa tinha surgido na clareira junto com o crepúsculo. Um odor de animal que ele não reconheceu, mas temeu. Sumiu tão rápido quanto tinha aparecido, mas mesmo assim Pax uivou para Miúdo.

Entre na toca. Agora.



— *Garoto!*

Peter se virou tão rápido que quase caiu. Tinha certeza de que a guarita estava vazia. Passara dez minutos vigiando para se certificar disso antes de sair do esconderijo.

Um soldado apareceu de trás de um caminhão, apontando a coronha da espingarda para a placa presa na barricada: NÃO ULTRAPASSE.

Apoiado nas muletas, Peter se empertigou como pôde. Fazia dois dias que não falava com ninguém. Dois dias desde que o motorista do ônibus tinha dito: "Olha, não sei o que você está tramando, filho, mas duvido que seja uma boa ideia. Se quiser, à noite eu levo você de volta. Não tem vergonha nenhuma nisso." E Peter respondera simplesmente "Não, obrigado", porque teria, sim, vergonha em dar meia-volta, e o motorista respondera "Tudo bem, boa sorte, então" e o deixara descer.

Ninguém tinha falado com ele naquela noite. A cidade fazia parte da área evacuada, e as poucas pessoas que ele encontrou no caminho baixaram os olhos e apressaram o passo, como se não pudessem se dar ao luxo de fazer contato visual com ninguém que precisasse de ajuda. *Não tem nada aqui*, diziam os olhares. *Já perdemos tudo.*

No dia seguinte, tinha percorrido estradas desde a aurora até bem depois de cair a noite, continuando durante boa parte da manhã do outro dia. Passou por cidades vazias, escolas abandonadas, parquinhos e bairros mergulhados em um silêncio sombrio, sem o barulho de triciclos, sem os rádios dos carros, sem

crianças jogando bola. O único som familiar era o da água correndo nas mangueiras de jardim quando ele parava para encher a garrafa térmica.

Peter não viu nenhum ser humano passar por ali, mas viu os animais deixados para trás. Um pônei amedrontado, pastando em frente a uma igreja. Cachorros com olhar triste, atrás de latões de lixo. Dezenas de gatos magrelos correndo para longe.

— Ei, menino! — repetiu o soldado, chegando mais perto. Ele olhou para as muletas caseiras de Peter, para o gesso improvisado, para as roupas sujas. — Esta área foi evacuada faz quase duas semanas. Onde você estava que não soube disso?



— Eu soube. Mas é que eu deixei um amigo lá e estou indo buscá-lo.

— Calma. Nós já verificamos os registros, não ficou ninguém por aqui.

— Não é uma pessoa. — disse Peter, projetando o queixo como se desafiasse o soldado a questionar a importância disso.

Mas não: o rosto do soldado se suavizou, ficou mais jovem. Peter percebeu que ele mal devia ter saído do colégio. O soldado baixou a arma.

— Eu também tenho um cachorro. Henry.

O rapaz não disse mais nada por um minuto, apenas olhou para a estrada, como se estivesse torcendo para que o cachorro aparecesse de repente. Depois, voltou o olhar e suspirou.

— Acho que ninguém está levando Henry para passear. Minha irmã disse que ia fazer isso, mas ela trabalha. Quer ver uma foto dele?

O soldado nem esperou a resposta, já foi pegando a carteira. Mostrou a foto de um beagle. Um beagle comum. Peter sentiu um nó na garganta. Os cantos da foto estavam desgastados, quase sem cor. Aquela foto fora tirada da carteira muitas vezes.

— Esse é o Henry. Ganhei quando fiz oito anos. Ele está com um problema no quadril, mas ainda gosta de passear, sabe? Farejar esquilos e tal. Eu avisei à minha irmã, mas… Henry não vai entender para onde eu fui, esse é o problema. Vai ficar o dia inteiro me esperando, na porta lá de casa. Como é o seu? Vou ficar de olho para ver se ele passa por aqui.

— Pax não é um… — Peter pensou melhor. Se não importava o fato de Pax não ser humano, por que importaria não ser cachorro? — Ele tem pelo avermelhado. Patas pretas.

— De que tamanho? Tem coiotes por aí, e eles procriam nessa época do ano. Se encontrarem um cachorro pequeno, vão pegar para alimentar os filhotes.

— Ele é bem pequeno — disse Peter, tirando o peso do corpo das mãos já cheias de bolhas. — Por favor… Eu vim de longe só para isso.

O soldado olhou mais uma vez para a foto do cãozinho antes de guardá-la. Quando voltou a encarar Peter, parecia mais velho de novo.

— Estamos protegendo a área, mas eles já vão chegar. Se eu deixar você passar, vai me prometer que volta até amanhã? — Ele apontou para as muletas e completou: — Acha que consegue fazer isso?

— Consigo — respondeu Peter. — Então… você vai me deixar passar?

O soldado olhou ao redor e se inclinou para mais perto.

— Essa estrada é patrulhada de hora em hora, mas só olhamos as entradas principais. Não tem nenhum posto no bosque ainda. Se você for por dentro, não vai encontrar nenhum bloqueio. Mas escute: se alguém encontrá-lo, eu nunca disse isso. Agora vá.

— Obrigado.

O menino se virou e seguiu na direção do bosque antes que o soldado mudasse de ideia.

— Ei, garoto! Espero que você o encontre.

Estava tudo em silêncio dentro do bosque, mas ali o silêncio era bom sinal. Só se ouvia o ruído de criaturas selvagens, o que soava como uma promessa — ali, Peter conseguia se imaginar avistando a cauda vermelha de Pax entre as árvores. Ali ele conseguia se imaginar escutando um uivo em resposta. Pensar nisso melhorou seu ânimo de tal modo que ele quase conseguia ignorar a dor na palma das mãos e nas axilas, que estavam em carne viva e sangravam.

Percorreu durante uma hora aquele terreno revestido com décadas de agulhas de pinheiro caídas, formando um tapete fofo que parecia levantá-lo. Quando ouviu o ronco baixo de um jipe, ele se escondeu atrás de um arbusto até o veículo se afastar. Depois disso, seguiu pela beira da estrada, certo de que, se surgisse outra patrulha, ele ouviria o ronco do motor a tempo de se esconder.

Enfim, Peter chegou.

Não foi nenhuma marca no terreno, nem o trecho reto de estrada logo após a curva: só reconheceu o lugar pelo peso da traição que pairava no ar. Ele havia cometido um ato terrível ali, e o local guardava aquela lembrança.

— Pax! — chamou, sem se importar se alguém o ouviria. Que os jipes viessem, que um exército inteiro viesse. Ele não iria embora sem sua raposa. — *Pax!*

Mas seus gritos só tornavam o silêncio mais profundo. Agora era um silêncio ameaçador, não promissor.

Peter voltou para a estrada e continuou chamando por Pax, o olhar fixo no acostamento de cascalho. Tinha certeza de que sua raposa estava com o soldado de brinquedo na boca quando ele e o pai foram embora. Sempre que desistia de Peter, a raposa largava o brinquedo. Ele queria encontrar o soldadinho, porque seria uma prova concreta de que Pax tinha estado ali.

Andou quinhentos metros, um quilômetro, olhando para o chão. Parou de repente. Peter sabia que não ia encontrar o soldadinho. Porque Pax *não* teria desistido dele. Nunca desistiria. Pax jamais pensaria que tinha sido abandonado — eles eram inseparáveis. Pax sabia o tempo todo. Peter é que precisara aprender isso.

Se Pax não estava ali, devia ter ido para casa procurá-lo. Ou tentado: talvez o rio tivesse bloqueado seu caminho, talvez não. Cachorros voltam para casa de formas improváveis o tempo todo. Pax era dez vezes mais inteligente que qualquer cachorro, então por que não conseguiria achar o caminho? Talvez estivesse lá naquele exato momento.

Casa. A casa deles ficava a uns quinze quilômetros da antiga fábrica. E a fábrica devia ser seis ou sete quilômetros dali onde Peter estava naquele momento, sentido sul.

Então, seguiria para o sul, chamando Pax o tempo todo. Seria perigoso demais seguir pelo desfiladeiro no escuro. O melhor a fazer era dormir ali e descer quando amanhecesse. No dia seguinte, atravessaria o rio no trecho próximo à fábrica, onde se alargava, e, depois de dezesseis quilômetros por uma trilha que conhecia bem, chegaria em casa.

— Espere por mim. Estou chegando.



Pax acordou assustado. Seu menino estava por perto.

Levantou-se de um pulo e acabou acordando Arrepiada, que cochilava ao lado. Começou a farejar pela clareira, em busca do cheiro de Peter.

Nada. Mas ele estava por perto.

Correu por entre as árvores até o alto da colina, de onde dava para observar o acampamento. Não viu nenhum humano jovem entre os doentes de guerra. Não ouviu a voz de Peter. Desceu a colina e contornou o acampamento discretamente, chegando o mais próximo que se atreveu, farejando em todas as direções. Seu menino não estava ali.

No entanto, estava por perto. Estava chegando.

Voltou para perto de Arrepiada e se deitou. Mas não dormiu.



Peter caminhou na direção sul por quase uma hora, certo de que Pax tinha seguido o mesmo caminho, mas, quando saiu do bosque, parou e olhou.

Um campo vasto descia íngreme por cerca de um quilômetro até uma área plana muito verde. A partir dali, o terreno voltava a subir, mas em degraus irregulares — como se a terra tivesse sido cortada por uma enxada gigante. Depois disso, um terreno alto se estendia até o horizonte, coberto por uma floresta que escondia o desfiladeiro.

Peter tinha passado nove horas caminhando direto, sem nem pensar em descansar, mas o que lhe restava de energia se esgotou naquele momento, ao ver a imensidão que se estendia à frente.

Ele soltou a mochila e se sentou no chão.

Aquelas nove horas se apoiando nas muletas deixaram suas mãos duras como garras. Abriu-as à força e sentiu o repuxar das feridas. No dia anterior, tinham se formado bolhas, que estouraram e deram lugar a mais bolhas. Peter derramou água fria da garrafa térmica nas palmas das mãos ardidas e começou a puxar os pedaços de borracha da muleta que tinham grudado na pele. Em seguida, cobriu as mãos com o par de meias extra que tinha levado e olhou para a frente de novo.

Um movimento no campo chamou sua atenção. Algum animal correndo entre duas árvores. Um movimento típico de raposas. Peter se levantou, apoiado nos joelhos.

— Pax!

O movimento se repetiu. Mas foi alarme falso: o animal era castanho, não

vermelho.

Castanho. Um coiote, talvez.

Aquilo funcionou como uma injeção de adrenalina, e de repente Peter estava caminhando de novo, a mochila batendo nas costas. Com a ajuda das muletas, conseguiu descer a colina em meia hora até o vale e depois afundando no chão mais pantanoso, cheio de lama. Mesmo mais lento, ele se movia.

De repente, topou com uma parede de pedra de uns três metros. De longe não parecia tão alto.

Antes que pudesse hesitar, jogou a mochila e as muletas para o alto do rochedo. Ouviu quando aterrissaram no terreno de pedra. Em seguida, enfiou os dedos em uma fenda e ergueu o corpo. O gesso raspava na superfície áspera, mas os braços fortes, graças ao treinamento de Vola, conseguiram puxá-lo até ele apoiar o pé em uma saliência larga. Dali, agarrou uma árvore, depois outra fenda na rocha, até chegar ao primeiro patamar da escada de rocha.

Seguiu assim por uma hora até alcançar o alto: primeiro jogava a mochila e as muletas, depois se arrastava para cima. Quando terminou a lenta subida, ofegante e encharcado de suor, desabou no chão debaixo de um pinheiro alto. Bebeu a água toda em um gole só e comeu o último sanduíche de presunto. Então abriu o segundo pacote de comida que Vola lhe dera.

Pão com manteiga de amendoim. Peter sentiu um nó na garganta ao se lembrar da primeira vez que sua raposa tinha encontrado no lixo um pote vazio de manteiga de amendoim. Pax foi com tanta vontade que o focinho ficou preso, e Peter riu tanto que sua barriga doeu. Depois de reviver a lembrança, ele guardou o sanduíche de volta, pensando que preferia tê-lo encontrado no dia anterior, para dar aos cachorros que tinha visto remexendo as lixeiras. Ele se levantou. Eram quase seis horas, e ainda tinha um longo caminho pela frente.

Enquanto andava, as lembranças daqueles animais de olhos famintos o acompanhavam, aparecendo e sumindo como fantasmas acusadores. Queria ter dito a eles que sabia como era ver a única pessoa que tinha amado você e cuidado de você sumir de repente. Que, de uma hora para a outra, o mundo

parecia perigoso.

Ele tinha perdido a mãe. Ficou imaginando o pai no momento. Perguntou-se quantas crianças naquela mesma semana teriam acordado e encontrado o mundo alterado por uma perda como aquela — os pais indo para a guerra, talvez para nunca mais voltar? Isso era o pior dos casos, claro, mas e as perdas menores? Quantas crianças passariam meses afastadas de irmãos mais velhos ou irmãs? Quantos amigos precisaram se despedir? Quantas crianças tinham começado a enfrentar a fome? Quantas estavam sendo obrigadas a se mudar? Quantos animais de estimação precisaram ser deixados para trás, para se virarem sozinhos?

E por que ninguém contava essas coisas? “As pessoas deviam falar a verdade sobre as consequências da guerra”, Vola tinha dito certa vez. Aquilo não era uma das consequências do conflito?

Peter levou um susto ao se dar conta da escuridão que caía. Virou-se para trás, um pouco apavorado — já deveria estar procurando um bom lugar para passar a noite. A muleta esquerda escorregou em uma área com pedras soltas, e ele caiu com força.

Ouviu o estalo de algo se partindo. Entrou em pânico por uma fração de segundo — *quebrei uma costela!* —, mas fora apenas o barulho da madeira.

Caiu no chão sem largar o apoio da muleta. O restante estava bem atrás.

— *Diavolo*!

Saiu de forma natural, uma palavra satisfatória. Experimentou outros palavrões, que foram ótimos também, mas era estranho como a floresta absorvia seus gritos e não respondia nada. Bom, não podia mesmo se dar ao luxo de se irritar, pois precisava consertar a muleta e restava pouca luz.

As árvores ao redor ofereciam galhos firmes. Ele podia usar alguns para emendar as duas partes da muleta, mas não tinha um machado para cortá-los. Quando tirou o taco da mochila para procurar a fita adesiva, percebeu que a solução estava bem na sua mão.

Alinhou as duas partes da muleta, colocou o taco por cima e começou a

passar a fita adesiva em volta. Quando terminou, apoiou todo o peso do corpo para testar o resultado. A muleta aguentou, firme e forte. Peter desejou poder contar a Vola que ela estava certa: ele realmente precisou do taco na viagem.

Peter se ajoelhou ao lado da mochila de novo. O acidente serviu para deixá-lo mais atento, então tirou as coisas de que precisava para acampar durante a noite, cavou rapidamente um buraco na terra e o encheu com galhos pequenos e grama seca. Riscou um fósforo, e uma pequena chama ganhou vida.

Peter segurou o canivete sobre o fogo por um tempo. Quando achou que tinha sido suficiente para esterilizar, trincou os dentes e furou as novas bolhas que tinham se formado na palma das mãos. Teve que se segurar para não gritar de dor, mas passou um pouco a pomada de Vola e respirou fundo até sentir as mãos meio dormentes.

O cheiro de ervas o transportou para a cozinha de Vola, e Peter se perguntou se estaria lá naquele momento. Como será que ela estava se virando sem a pesada perna de madeira que sempre tinha sido sua âncora?

Observou o canivete antes de guardá-lo. As últimas luzes das chamas dançavam na lâmina. Ele se lembrou da primeira vez que vira a faca de Vola, do choque quando ela raspou uma lasca de madeira da perna.

Ele levantou a barra da calça jeans e apertou a lateral da lâmina na perna, tentando imaginar como seria arrancar um pedaço da própria pele só porque o incomodava, porque não era perfeita.

Um coiote uivou nessa hora, e outro respondeu de longe. Peter tremeu de medo ao ouvir aquilo. Virou a lâmina devagar até cortar a pele, mas logo a afastou. O corte tinha só um centímetro, mas mesmo assim o ardor foi intenso.

Bem, havia vantagens em ser feito de madeira, concluiu Peter.

Gotas de sangue começaram a se formar ao longo do corte. O machucado ficou vermelho.

Conforme o sangue escuro escorria, Peter desenhou no chão uma raposa pulando. Com a unha, fez um focinho pontudo e duas orelhas. Passou o polegar para formar a cauda.

Pax. Amanhã.

Um juramento de sangue de raposa-vermelha.



Três ratos tinham deixado Pax de barriga cheia, e ele ainda levava um pendurado na boca, sua primeira presa grande. Aquilo seria o suficiente para manter Arrepiada e Miúdo alimentados até o fim do dia. Ele precisava dormir, porque havia passado a noite inteira caçando, mas, como sempre, tinha feito um caminho mais longo, indo em zigue-zague para não ser seguido por predadores. No entanto, a trilha de sangue deixada por Miúdo ainda fazia das três raposas alvos frágeis.

Os primeiros raios de sol da manhã iluminaram a grama. Um movimento chamou a atenção dele: Arrepiada. Estava na clareira, mas não na entrada da toca guardando Miúdo. Ele a viu pular, como se estivesse fingindo se assustar, e depois rolar na grama, balançando as patas. Em seguida, viu algo ainda mais surpreendente: a cabecinha de Miúdo apareceu.

Estava do lado de fora. Brincando.

Pax largou o rato e chamou Arrepiada.

Miúdo virou a cabeça.

Pax chamou de novo, para testar.

E Miúdo respondeu. Tinha voltado a ouvir.

O alívio foi tão grande que Pax nem conseguiu se mexer por alguns segundos. Se antes ele só se importava com um menino, agora transbordava de amor por aquela raposa arrepiada e seu irmão de pelo bagunçado. E eles estavam bem.

Pax correu pela clareira. Arrepiada e Miúdo interromperam a brincadeira para

recebê-lo na metade do caminho. Ele se deitou de costas, e Miúdo se jogou em cima dele. Pax rolou com Miúdo, de leve, prestando atenção caso ouvisse algum guincho de dor, mas só ouvia o ronronar de alegria da pequena raposa.

Ficaram uma hora brincando por ali. Toda vez que Miúdo parava, as outras duas raposas ficavam ao lado dele, protegendo-o. Como os ranúnculos ao redor, os três esticaram a cabeça para o sol da manhã.

De repente, Arrepiada se levantou de um pulo, as narinas dilatadas.

Pax também sentiu. O mesmo cheiro ameaçador que o deixara nervoso por dois dias. Mas não era mais uma ameaça leve. Era forte e cada vez mais forte.

Coiote!

Arrepiada pulou na direção da toca, girou para a clareira e voltou para perto de Miúdo. Pax nunca a tinha visto tão apavorada.

Naquele instante, as três raposas viraram as orelhas para o mesmo ponto no bosque. Para o movimento descuidado de alguma criatura que não precisava ser sorrateiro. Vindo do desfiladeiro. E se aproximando.

O coiote estava seguindo a trilha de Miúdo.

Arrepiada cutucou o irmão para que se levantasse e gritou para Pax:

Proteja-o!

Pax o levou de volta para a toca. Enquanto andava de um lado para o outro na entrada, viu a raposa fêmea seguir, com as pernas rígidas, na direção do barulho, até parar de repente. Ela esticou as orelhas e o quadril.

Então, na frente dela, no local preciso em que as árvores por onde eles tinham arrastado Miúdo ainda estavam esmagadas, um coiote escuro e malhado surgiu, a cabeça junto ao chão.

Arrepiada deu um grito de ameaça. O coiote levantou a cabeça. Ela gritou de novo e pulou para a clareira.

O coiote inclinou a cabeça e avançou um passo, mas na direção dela. E voltou a farejar a trilha de Miúdo.

O instinto mandava Pax fugir. O coiote era um macho alto e forte. Uma raposa não era páreo para um animal tão grande e agressivo. Contudo, outro

instinto, ainda mais forte, lembrou a ele que Miúdo estava indefeso na toca.

Arrepiada também ignorou o instinto de fugir. Pelo contrário: partiu para cima do feroz coiote, atacando a anca do inimigo.

O coiote se virou e tentou morder Arrepiada, pegando de raspão na pata traseira. Ela mancou até a clareira, choramingando como se estivesse ferida. O coiote a observou, mas se sacudiu, entendendo o plano, e voltou a seguir o rastro de Miúdo.

Arrepiada voltou correndo, pulou na frente do coiote e o encarou, a coluna arqueada. Da garganta dela veio um rosnado que Pax nunca tinha ouvido.

O coiote recuou, como se estivesse surpreso com a coragem da pequena raposa, mas depois encolheu os ombros em posição de ataque e arreganhou os dentes.

O corpo de Pax enrijeceu. Um rosnado tremeu em sua garganta. Dentro da toca, Miúdo choramingou.

O coiote avançou sobre Arrepiada e a derrubou. Pax não via nada além de pelos e dentes rolando na grama e só ouvia uivos e rosnados, até que, de repente, Arrepiada conseguiu se soltar e pulou para o centro da clareira. Um único pulo.

Pax entendeu que ela estava tentando afastar o coiote de Miúdo. Mantendo-se próxima do inimigo, ela foi atraindo-o até a árvore retorcida.

Então, assim como Pax tinha feito, subiu pelo tronco inclinado. Andou com cuidado pelo galho mais baixo, sem jamais tirar os olhos do predador, que rosnava e a seguia lá embaixo. No ponto em que o galho se abria em dois, Arrepiada estava bem acima dele. Soltou um chiado para provocá-lo.

O coiote pulou, tentando alcançá-la, mas suas garras só conseguiram arranhar o tronco e algumas folhas. Contornou a pequena depressão no solo abaixo do galho, procurando um ponto mais alto, depois pulou de novo. Dessa vez, conseguiu firmar as patas da frente no galho e ficou ali agarrado por alguns segundos. O coiote caiu, mas se recuperou e pulou mais uma vez.

Arrepiada estava na ponta do galho, não tinha como avançar mais. Em pouco tempo o coiote a arrancaria da árvore ou perderia a paciência e voltaria a seguir o

rastro do qual a raposa o tinha distraído. Quando isso acontecesse, ela iria atrás e o enfrentaria até ser destroçada.

Fique aqui!, disse Pax a Miúdo.

E correu para a clareira.



Peter ficou olhando.

Havia uma bétula perto dos muros mais altos da fábrica. Ele e os amigos a tinham batizado de Árvore Pirata, porque no outono as folhas amarelas faziam parecer que estava coberta de moedas. Ele amarrara Pax no tronco certa vez, quando filhote, porque Pax não gostou da brincadeira de guerra deles. A Árvore Pirata ainda estava de pé, mas só havia retalhos escuros pendendo dos galhos. Além da fábrica em si, ele não reconheceu mais nada em volta.

Todas as árvores do campo abaixo haviam desaparecido, tinham sido arrancadas ou explodidas. Grandes áreas de grama ao redor viraram cinzas. A margem do rio estava cheia de restos de peixes, crustáceos, tartarugas e sapos comidos por corvos.

O estado da água foi o mais triste de ver. Na última vez que tinha ido até lá, mergulhara no lago que se formava na base do desfiladeiro. A água cintilava tanto e era tão limpa que ele tinha conseguido ver os caules verde-claros dos juncos, as escamas iridescentes das trutas e até, quando olhava para cima, as asas de um azulado transparente das libélulas que roçavam a superfície. Era como estar nadando por diamante líquido.

Agora, pedras lamacentas entulhavam o rio e a piscina tinha virado um círculo marrom sem vida. A parte mais ampla estava com metade da largura habitual. As áreas de lama perto das margens, secando e se transformando em argila, cheiravam a morte.

A água era a grande motivação para a guerra. Peter se lembrou de Vola

perguntando de que lado o seu pai estava lutando.

“Do lado *certo*”, respondera ele, indignado por ela sequer perguntar.

“Garoto”, dissera Vola, e repetira só para ter certeza de que tinha a atenção dele: “Garoto! Você acha que alguém na história do mundo foi lutar pelo lado *errado*?”

O vento ficou mais forte e zunia pelo campo, levantando camadas de cinzas. Peter tentou se imaginar brincando ali de novo. Levaria muito tempo para alguém voltar a ter vontade de brincar naquele lugar.

Abutres, voando em círculos silenciosos, eram as únicas coisas vivas que conseguia ver. Com tanta devastação, deviam estar se esbaldando havia dias. Ele os observou, paralisado diante da tristeza da cena. Os dois mais próximos circundavam um tronco de teixo perto da margem, provavelmente avaliando a segurança ou voltando para continuar comendo após a interrupção de Peter.

Uma refeição que podia ser… Peter não conseguiu formar o pensamento por completo, mas também não conseguiu apagá-lo. Se Pax tinha estado ali, talvez estivesse morto àquela altura. Nesse caso, os abutres levariam Peter até o corpo.

As aves sobrevoavam três pontos distintos, em uma lentidão preguiçosa: uma área ao lado dele e duas do outro lado do rio. Sem pressa. A comida não iria a lugar algum.

Peter largou a mochila. Livre do peso, foi até o tronco em poucos passos. Ali embaixo estava o que temia ver. Uma cauda de raposa, com a inconfundível ponta branca. Ele levantou um galho.

A carcaça tinha sido comida, mas a pelagem ainda estava lá. E não era vermelha. Não era vermelha.

Não era Pax.

Ele inspirou fundo, com dificuldade. Tonto de alívio, desceu até o rio e entrou. Quando estava com água até a cintura, as muletas deslizaram nas pedras escorregadias de lama. Ele as jogou na margem e mergulhou. Pela primeira vez em quase duas semanas, não se sentiu atrapalhado pelo pé quebrado. Nadou com disposição.

Subiu a margem. Fora da água, o gesso encharcado parecia pesar cinquenta quilos e já começava a se desfazer. Ele pegou o canivete do bolso para arrancar o gesso. O pé estava pálido e mole, mas o inchaço tinha diminuído e o hematoma já estava quase desaparecendo.

Peter rastejou até as muletas e as enfiou embaixo do braço. De pé, viu o que um grupo maior de abutres estava circundando: o cadáver de um cervo. Pensou na gazela que tinha visto no campo de Vola (*Vocês, humanos… Vocês estragam tudo*) e se virou para não ver mais.

Vinte metros acima, um único abutre sobrevoava o terceiro ponto que ele tinha visto. Peter subiu, escolhendo um caminho onde a grama havia sido queimada: mais fácil de percorrer.

Primeiro, parecia não haver nada no chão, apenas o mato queimado. No entanto, quando estava quase lá, ele viu. Uma pata traseira. Embora estivesse toda chamuscada, dava para ver que era uma pata traseira. Magra, de pelo preto e com a pontinha branca. Na parte de cima, um pedacinho cor de canela.

Raposa.

Peter quase se desequilibrou com as muletas. Talvez não fosse de Pax. Não era pequena demais? Ele queria descobrir, mas mudou de ideia. Que importância tinha? Uma raposa vivera ali, e algumas pessoas tinham eliminado aquela vida. Já não era triste o suficiente?

Ele cavaria a terra com as mãos e enterraria os restos.

O menino se abaixou. Fez um círculo no chão, em meio aos destroços. E sua mão tocou algo que deu a impressão de que o ar em seus pulmões tinha virado cinzas.

Um soldado de brinquedo, olhando pela mira de uma espingarda apoiado na bochecha verde e dura, mirando no que aparecesse em frente.

Peter caiu de lado.

— *PAX!*



Pax chegou à árvore no momento em que o coiote dava outro pulo, dessa vez se firmando o bastante para se pendurar no galho. A raposa voou para cima dele, mordeu o pelo e se segurou.

O coiote se soltou e cravou os dentes no ombro de Pax, tudo em um movimento só. Pax se soltou e recuou em direção à extremidade da clareira, torcendo para afastar o coiote da árvore, da toca e das raposas que amava.

O coiote não o seguiu. Jogou a cabeça para trás e uivou. Depois, virou-se para olhar Arrepiada outra vez.

Pax se agachou e começou a se aproximar da árvore. Mas parou. Virou a cabeça na direção de um som que tinha vindo da direção do acampamento.

A voz do seu menino?

À frente, o coiote alto uivou de novo, e dessa vez o chamado foi respondido. Três pares de orelhas se inclinaram para o mesmo ponto no círculo de árvores. Um segundo coiote apareceu. Outro macho, só que claro e mais atarracado. Ele observou a cena e partiu correndo na direção da árvore.

Arrepiada deu outro grito ameaçador e arrepiou os pelos, mas Pax viu pavor nos olhos dela.

O segundo coiote tentou subir no tronco.

E Pax ouviu mais uma vez. Seu menino. Chamando seu nome.

Disparou pela clareira e pelas árvores. No terreno acima da fábrica, parou.

Doentes de guerra desciam pelos muros, as varas erguidas, todos indo na

direção de alguém lá embaixo.

Era um jovem de cabelo preto, encolhido no chão. Seu menino? O vento não revelou nada.

Os soldados pararam, mas com as varas ainda a postos. O menino se levantou. Era alto, mas Pax viu que o corpo não parecia o de Peter. Os ombros daquele menino eram largos, um deles apoiado em uma vara estreita. E, mais estranho ainda, mantinha a cabeça erguida, não inclinada para baixo. Ele encarou os homens com um olhar de desafio, coisa que Pax nunca tinha visto Peter fazer, e sacudiu o punho no ar para eles.

Um único soldado correu até o campo. Ele se movia como o pai do seu menino. O homem gritou, e a voz era familiar. Mas o homem foi até o menino e o abraçou, e Pax nunca tinha visto o pai de seu menino fazer algo assim.

Será que eram seus donos? Pax tentou farejar, mas a brisa só trazia o cheiro de coiotes enfurecidos. Ele se virou para a clareira outra vez.



Peter deixou o pai abraçá-lo. Durante tantos anos ele quisera se sentir dentro daquele círculo de amor e proteção…

Notou que o pai tremia, o corpo sacudido por soluços, e quis tranquilizá-lo dizendo que estava tudo bem.

Mas não, não estava tudo bem. Peter continuava apertando a muleta com uma das mãos e o soldadinho de brinquedo com a outra.

Ele se afastou.

— O que está fazendo aqui? Você me disse que iria para a guerra só para instalar fios…

Peter entendeu tudo de uma vez: por que os homens não tinham avançado; como a grama fora queimada, as árvores arrancadas e o rio estrangulado com pedras; entendeu como era possível que não tivesse sobrado nada de uma raposa além de uma única pata.

— Você sabia — disse ele, enfiando o soldadinho de brinquedo no bolso e pegando a pata da raposa. — Você sabia! E fez isso! *Pax!*



Mais uma vez, Pax pensou ter ouvido a voz do seu menino. Esticou as orelhas na direção do acampamento dos humanos.

Nesse momento, o vento mudou. Pax sentiu o cheiro do suor dos doentes de guerra, dos explosivos, do combustível de motor, dos campos queimados.

E dos seus dois humanos.

Correu de novo para o topo da colina.

Viu seu menino levantar alguma coisa do chão. Um galho, mas não um galho. Uma coisa peluda e quebrada.

Um cheiro de dor subiu pela colina. Fresco e intenso, e vinha do seu menino. Mas também velho e tenso, vindo do pai do menino. Então não era só Peter que exalava aquele cheiro. Era o odor dos humanos.

Seu menino levantou a coisa quebrada acima da cabeça e deu um grito de raiva.

E então:

— Pax!

E Pax gritou em resposta.



Peter levantou acima da cabeça o que tinha sobrado da raposa e gritou o nome de novo:

— Pax!

Ouviu um uivo como resposta, vindo de algum lugar acima da antiga fábrica. A esperança subiu pela sua garganta. Mas não: não devia ser. Peter desejava tanto que devia ter imaginado aquilo.

Mesmo assim, observou o cimo. Uma mancha vermelha. Uma cauda com a ponta branca. Uma raposa apareceu em uma área descampada, se ergueu nas patas traseiras (em *duas* patas traseiras?) e olhou diretamente para ele.

Peter colocou a pata amputada da raposa na mão do pai.

— Enterre isto.

Em seguida, se apoiou na outra muleta e se virou para a colina.

— Espere, Peter! Você precisa entender... Este é o meu dever.

Peter apontou para a raposa lá no alto. Bateu no peito com tanta força que doeu.

— E aquele é o meu.

O pai gritou para ele sobre os fios. Pediu que parasse. Peter viu os fios e os saltou. Mas não parou. Porque só havia sua raposa, que esperava no alto da colina, e a distância entre eles. Apoiava as muletas no chão e lançava o corpo para a frente, passo após passo.

Quando estava quase lá — a camiseta já tinha secado ao vento e encharcado de novo, dessa vez de suor —, parou e chamou. Pax baixou a cabeça e correu na

direção das árvores.

Sobre quatro patas! Peter teve certeza: Pax estava ileso.

Peter foi atrás. Só que, outra vez, quando se aproximou, Pax saiu correndo para as árvores.

Peter o seguiu de novo. Não se ressentia do joguinho de Pax; era um teste. Ele havia quebrado a confiança do seu bichinho. Depois de tudo aquilo, por que Pax não estaria desconfiado? Por que não precisaria confirmar a lealdade de Peter? O menino obedeceria pelo tempo que Pax quisesse. Era uma punição justa. Ele foi atrás, pelas árvores, por cem metros e mais.

De repente, chegaram a uma clareira, e a raposa parou e esperou. Peter chegou perto. Estendeu a mão.

— Me desculpe. Me desculpe…

Pax encarou seu menino e segurou o pulso dele com a boca. A pulsação de Peter acelerou quando ele sentiu a pulseira de dentes, que apertavam apenas o suficiente para segurá-lo. O suficiente para falar com o lado animal de Peter. Dois, mas não dois.

Pax soltou o pulso de Peter e correu pela clareira na direção de uma árvore retorcida. Dois coiotes andavam em volta da árvore. Pax partiu para cima do mais alto.

— Não, Pax! Volte!

A árvore estava muito longe: no mínimo cinquenta metros. Peter cravou as muletas no solo e avançou com pressa.

Quando estava a quase dez metros, viu o animal encurralado no alto da árvore pelos coiotes: outra raposa, com pelo brilhoso e cabeça angulosa, porém delicada. Uma fêmea. Estava sangrando na pata traseira e com um corte profundo no quadril, mas balançava a ponta enegrecida da cauda.

De cima, a fêmea atacou um dos coiotes, provocando-o, enquanto Pax mordia o outro no quadril. Peter viu que as duas raposas formavam uma equipe.

Mas que não eram páreas para os coiotes.

O menino correu na direção da árvore, gritando, mas os coiotes o ignoraram.

O mais alto deles se virou e cravou os dentes no pescoço de Pax. A raposa berrou.

Peter deu um rugido de fúria. Apoiou-se em uma das muletas e ergueu a outra, que estava mais pesada por causa do taco de beisebol de madeira maciça, e atacou com a maior força que conseguiu reunir, mirando entre os coiotes.

Os dois se viraram, afrontados. Enquanto a árvore ecoava por causa do golpe, o coiote mais alto saiu correndo e desapareceu na vegetação. O outro também correu, mas, dez metros à frente, parou e deu meia-volta. Ele olhou para Peter e mostrou os dentes.

Peter arreganhou os dentes também. Pax rosnou ao seu lado, com os pelos arrepiados, pronto para atacar. Peter levantou a segunda muleta acima da cabeça e imitou um rugido de novo, enquanto Pax rosnava. O coiote mais claro recuou assustado e saiu correndo, indo embora.

Peter se agarrou à árvore e deslizou até o chão, tremendo.

Na mesma hora, Pax se aproximou dele, se contorcendo de alegria junto ao pescoço, lambendo o rosto, cheirando o pé quebrado, passando o focinho na testa. Peter o abraçou e afundou o rosto no pelo de Pax, que cheirava a pinho.

— Você está bem, você está bem, você está bem!

A raposa fêmea pulou do galho, passando por cima deles, e desapareceu no meio das árvores. Pax se sentou e uivou para ela, ainda no colo de Peter.

Depois de um momento, o menino viu um focinho preto aparecer em meio às plantas. De lá saiu uma raposa magrela brilhando ao sol, mais ou menos do tamanho que Pax tinha aos oito meses. Saiu para a clareira cambaleando sobre apenas três patas. Depois, a fêmea reapareceu; ficou andando perto da vegetação e uivou para a raposinha miúda, lançando olhares temerosos para Peter.

Pax saiu dos braços do seu menino e uivou. A raposinha de três patas se aproximou mais alguns passos. Seu jeito de andar era tão estranho que devia ter perdido a pata fazia pouco tempo. Então Peter entendeu tudo.

Estendeu a mão e chamou baixinho. Com hesitação, o olhar se desviando entre Peter e Pax, a raposinha se aproximou e aninhou a cabeça embaixo do

focinho de Pax.

Peter esticou um dedo. A raposa ferida deixou que ele a tocasse no pescoço, mas logo voltou correndo para a segurança ao lado da fêmea.

Juntas, as duas raposas olharam com expectativa para Pax, depois sumiram na vegetação.

E Peter entendeu. Sua raposa pertencia a eles. E eles pertenciam a Pax. Inseparáveis.

E todo aquele caminho para chegar até ali… Um longo caminho.

Peter se ajoelhou, colocou a mão nas costas de Pax e sentiu os músculos se retesando.

Olhou ao redor. O bosque parecia perigoso, cheio de coiotes e ursos, e logo estaria cheio de pessoas em guerra. Olhou para sua raposa, que parecia ainda hesitante em seguir ou não sua nova família.



— Vá. Tudo bem — disse ele, mas não estava tudo bem. A dor esgotou suas forças, o deixou sem ar, como se tivesse levado um chute no peito. Peter afastou a mão, porque sabia que Pax sentiria uma dor tão profunda que acabaria não indo embora. — Vá!

Pax disparou para a vegetação. Mas parou por um momento, olhando para seu menino.

Peter sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto, mas não as limpou.

A raposa voltou correndo. Choramingou e lambeu as lágrimas do seu menino.

Peter o afastou. Pegou a muleta e se levantou.

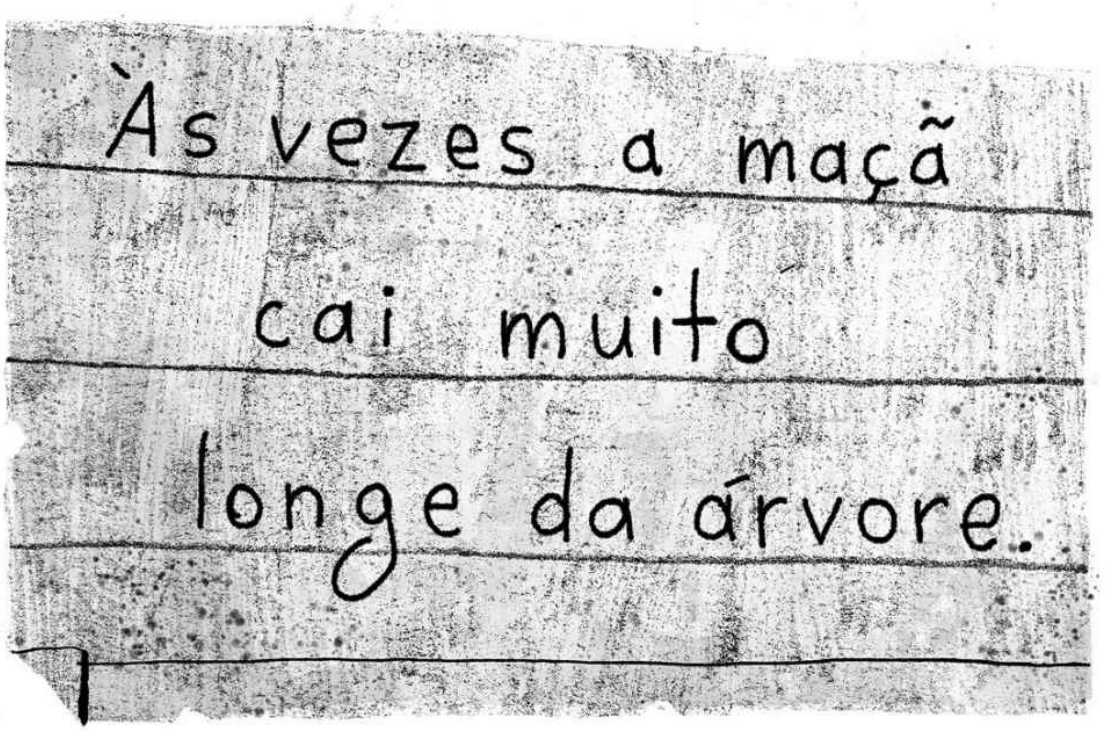
— Não. Não quero que fique comigo. Vou deixar a porta da varanda sempre aberta, mas você precisa ir.

Pax olhou para a vegetação, depois para o rosto do seu menino.

Peter enfiou a mão no bolso e pegou o soldadinho de brinquedo. Levantou-o.

Pax ergueu a cabeça sem tirar os olhos da mão de Peter.

Ele então jogou o soldadinho por cima da vegetação baixa e no meio do bosque, o mais longe que conseguiu.



AGRADECIMENTOS

Raposas-vermelhas. Quanto mais eu aprendia sobre elas, mais as admirava e mais determinada ficava em retratá-las com respeito. Tenho uma grande dívida com Matthew Walter, biólogo e talentoso pesquisador de Nova York, que dedicou anos à pesquisa de campo sobre as raposas-vermelhas. Nos trechos em que fui fiel ao comportamento dos animais, é porque ele generosamente dividiu comigo seu conhecimento. Nos trechos em que não fui, é porque escolhi adaptar a realidade às necessidades da história. Convido os leitores a pesquisarem também sobre esses animais incríveis.

Sem as seguintes pessoas, *Pax* ainda seria um punhado de páginas amarfanhadas: meus filhos, que, embora já crescidos, continuam a me lembrar os laços extraordinários que crianças e animais podem criar; meus grupos de escrita por todo o país, escritores inteligentes e perspicazes que não toleram frases preguiçosas; meu agente, Steven Malk, que entendeu e amou esta obra desde o dia em que mostrei a pequena semente que o originaria; minha editora, Donna Bray, pela orientação brilhante; todos da HarperCollins, pelo fantástico apoio que me deram; Patient David, por todas as vezes que me acompanhou para ver as raposas.

E, finalmente, obrigada a Chris Crutcher, pela história por trás da história por trás da história. Você sabe qual.

SOBRE A AUTORA E O ILUSTRADOR

SARA PENNYPACKER é autora premiada de diversos livros infantis, entre eles a série *Clementine*. Divide seu tempo entre os estados da Flórida e de Massachusetts, onde, além de escrever, dá palestras em escolas e universidades sobre literatura infantil. *Pax* é seu primeiro romance publicado no Brasil.

www.sarapennypacker.com.

JON KLASSEN cresceu em Niagara Falls, Canadá, e hoje mora em Los Angeles. É autor best-seller do *The New York Times* e ilustrador de diversos livros, entre eles *Quero meu chapéu de volta* e *Este chapéu não é meu*, que lhe rendeu o Caldecott Medal.

www.burstofbeaden.com

LEIA TAMBÉM



Extraordinário
R. J. Palacio

Exclusivamente em e-book



O capítulo do Julian
R. J. Palacio



Plutão
R. J. Palacio



Shingaling
R. J. Palacio